UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA

EDUARDO DE SOUZA GOMES

O futebol vira profissão:

tensões e efeitos da profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954)

Rio de Janeiro
2016

EDUARDO DE SOUZA GOMES

O futebol vira profissão:
tensões e efeitos da profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Victor Andrade de Melo

Rio de Janeiro
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

G633f Gomes, Eduardo de Souza

O futebol vira profissão: tensões e efeitos da profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954) / Eduardo de Souza Gomes. - Rio de Janeiro, 2016.

147 f.

Orientador: Victor Andrade de Melo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2016.

1. História Comparada do Esporte. 2. Futebol. 3. Profissionalização. 4. Rio de Janeiro. 5. Colômbia. I. Melo, Victor Andrade de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDUARDO DE SOUZA GOMES

O futebol vira profissão:
tensões e efeitos da profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Comparada.

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (orientador)
Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

_____
Prof. Dr. José Costa D'Assunção Barros (titular)
Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

_____
Prof. Dr. Maurício da Silva Drumond Costa (titular)
Escola Suíço-Brasileira do Rio de Janeiro (ESB-RJ)

_____
Prof. Dr. Bruno Sciberras de Carvalho (suplente)
Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

_____
Prof. Dr. Ricardo Pinto dos Santos (suplente)
Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

A Juliana e Maria Luísa, que iluminam meu caminhar e fazem todos os meus passos terem sentido.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem a ajuda, apoio e companhia de diversas pessoas. Uma dissertação de mestrado não se produz de um dia para o outro. Foram dois anos de intenso trabalho, pesquisas e noites perdidas. Mesmo sendo em grande parte uma atividade solitária, várias foram as pessoas que colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa, tanto de forma direta como indireta, por simplesmente "estarem ali" nas horas de angustia. Escrevo abaixo os meus mais sinceros agradecimentos para aqueles que, em diferentes momentos, colaboraram com esta investigação. E desde já me desculpo com os amigos que, por um devaneio de minha mente, não forem lembrados nas linhas que se seguem.

Primeiramente, agradeço a minha querida esposa, Juliana, pela parceria, companhia, incentivo, carinho, compreensão, dedicação e todo o amor que demonstra desde o início de nosso relacionamento. Sem seu apoio, sem dúvidas, esses dois anos de trabalho no mestrado teriam se tornado muito mais árduos, se não impossíveis. Para muitos, planejar o nascimento de uma filha no meio de um curso de mestrado seria uma loucura. Mas em nosso caso, se tornou a melhor experiência de nossas vidas. Muito por você ter sabido reconhecer o momento e entendido minhas responsabilidades, de forma que pudéssemos construir uma organização para que o nosso sonho de aumentar a família não viesse a atrapalhar um objetivo acadêmico, e vice e versa. Começamos nossa caminhada juntos muito cedo e só tenho orgulho ao ver a grande mulher que você se tornou, sendo esse um fator que me inspira a melhorar a cada dia como ser humano.

À minha filha Maria Luísa, eu agradeço por iluminar e me dar forças nos momentos mais difíceis da pesquisa. Mesmo recém-nascida, sua presença me incentivou e inspirou em muitas situações. Quando em mim batia um mau humor, por não estar satisfeito com algo que escrevi no trabalho, um simples sorriso teu mudava tudo. Agradeço também pela colaboração em ter sido uma bebê comportada e não ter passado tantas noites em claro, em momentos em que eu já tinha que dormir pouco devido à pesquisa e escrita da dissertação.

Aos meus pais, Eduardo e Dilneia, agradeço por todos os incentivos, investimentos, amor e carinho distribuídos no decorrer de toda a vida. O indivíduo que sou hoje é, sem dúvidas, fruto de tudo que vocês fizeram e se doaram por mim. Tenho orgulho dos pais que vocês são e espero que possa também orgulhá-los enquanto filho. Ao meu irmão Davi agradeço por toda a companhia, amizade e apoio concedido durante toda nossa caminhada.

Agradeço ao professor Victor Andrade de Melo que, mais que um orientador, se tornou um grande amigo nesses dois anos de mestrado. Minha trajetória acadêmica mudou

completamente desde que aceitou meu pedido para frequentar as reuniões do laboratório Sport, quando eu ainda era um aluno de graduação. Sua forma de transformar o trabalho acadêmico em algo aprazível me inspira profundamente. Agradeço também pelas disciplinas que lecionou e que tive a oportunidade de cursar durante o mestrado: "Esporte, Colonialismo e Pós-Colonialismo", no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ; e "Estudos Teóricos em História da Educação: Thompson, Experiência, Educação", ministrada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ. As palavras aqui escritas não são possíveis de explicitar o tamanho da admiração que por ti possuo enquanto intelectual e pessoa, muito obrigado!

Ao professor José D'Assunção Barros, agradeço pelas valiosas contribuições distribuídas nas bancas de defesa e qualificação, assim como na disciplina "Seminário de Pesquisa em História Comparada", que com ele cursei no período 2014.1 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ.

Ao professor Maurício Drumond, eu agradeço pelos valiosos debates, colaborações e sugestões oriundas das bancas de defesa e qualificação, assim como das reuniões do laboratório Sport, tendo seus olhares enriquecido grandiosamente este trabalho.

Aos professores Bruno Sciberras e Ricardo Pinto dos Santos, agradeço por terem aceitado o convite para a suplência de minha Banca de Defesa no mestrado.

Aos professores José Sérgio Leite Lopes e Martin Curi, agradeço pelas aulas e debates realizados na disciplina que lecionaram no primeiro período de 2014 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ, intitulada "Antropologia e História do Esporte".

Agradeço imensamente ao amigo e professor Fabio Peres, por ter aceitado que eu realizasse o estágio docência do mestrado na disciplina "História do Esporte", que lecionou no período 2015.1 na graduação em História da UFRJ. As experiências acumuladas no decorrer desse curso foram, sem dúvidas, fundamentais para o meu desenvolvimento enquanto docente.

No âmbito do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer, agradeço a todos os colegas pelas discussões sempre enriquecedoras e agradáveis, que me fazem acreditar que o mundo acadêmico pode sim possuir um ambiente prazeroso e de amizade. Além dos já citados Fabio Peres, Maurício Drumond e Ricardo "Bull" P. dos Santos, não poderia deixar de agradecer aos amigos(as) Rafael Fortes, Cleber Karls, Thaina Schwan, Karina Cancella, Luiz Carlos Sant'anna, Alvaro do Cabo, André Couto, Bruno Rei, João Paulo Azevedo, Nei Santos Jr., Felipe "Pipo", Vivian Fonseca, Aline Guimarães, Edônio Nascimento, Flávia Santos, Walmer Peres e Guilherme Baptista. Por último, agradeço novamente a Victor Andrade de

Melo, por liderar esse laboratório que, mais que um grupo, se tornou um verdadeiro estilo de vida na academia. A todos os que fizeram as minhas terças feiras, no mínimo, dias mais felizes, deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos, especialmente pela amizade construída e pela colaboração ao debaterem meus trabalhos.

Ao irmão colombiano David Quitián, agradeço pela amizade e pelos diversos debates realizados acerca do futebol na Colômbia, fundamentais para o avanço desta pesquisa. Que nossos debates e trocas continuem por anos e anos!

Aos amigos de turma do mestrado no PPPGHC/IH/UFRJ, agradeço pelas conversas enriquecedores ocorridas, principalmente, no primeiro semestre de 2014. Deixo aqui um abraço especial para João Cláudio Platenik, Diego Grossi, Rogério Lima, Ismael Tinoco e Luís Fellipe Afonso.

Entre os amigos da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, que me acompanham desde a graduação, não poderia deixar de agradecer a Juarez Júnior, Bruno César, Gilson Felipe e Hugo Moraes, tendo este último sido meu professor. Agradeço também a minha orientadora na graduação, Joana Bahia, que, com suas críticas e sugestões, foi fundamental para o enriquecimento de meu trabalho, ao qual dei continuidade no decorrer do mestrado.

Ao amigo e professor Leonardo da Silva, agradeço imensamente por ter realizado minuciosamente a revisão de todo o texto desta dissertação.

Aos amigos das escolas que lecionei durante o curso de mestrado, agradeço pela compreensão em relação aos meus momentos de correria no auge da pesquisa.

Agradeço também ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada e aos funcionários da UFRJ que, em diferentes momentos, colaboraram para o desenvolvimento desta investigação. Entre esses, agradeço especialmente a Márcia e Andréa, por se portarem sempre solicitas e atenciosas nos momentos de dúvidas.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e da Biblioteca Central da Universidad de Antioquia, em Medellín, agradeço pela ajuda, atenção e colaboração que me permitiram analisar as principais fontes primárias utilizadas neste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pela bolsa concedida nesses dois anos de mestrado, fundamental para o melhor desenvolvimento da pesquisa.

Por último, agradeço a Deus por ter iniciado tudo isso que chamamos de “vida”, na qual tenho tido a cada dia o prazer de desfrutar próximo das pessoas que amo.

A todos, o meu muito obrigado!!!

"A história, todavia, é composta de episódios e, se não podemos adentrá-los, não podemos adentrar a história absolutamente."

(Edward P. Thompson)

RESUMO

A presente dissertação busca analisar, a partir da metodologia da história comparada, os processos de profissionalização do futebol ocorridos no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1953). Entender, entre outras hipóteses, como tais processos resultaram, a partir de um processo de ressignificação cultural, na popularização do futebol em ambas as localidades, é um dos principais objetivos desta investigação. Utilizamos como principais fontes alguns periódicos das localidades estudadas que abordaram a temática e consideramos que a análise comparativa dos objetos possibilita um olhar mais amplo, do esporte para o contexto em que ambos os países estão inseridos historicamente, que é o da América Latina.

Palavras-chave: Futebol; Profissionalização; Rio de Janeiro; Colômbia.

ABSTRACT

The present dissertation looks to analyzing, from compared history methodology, the processes of professionalization on football that took place in Rio de Janeiro (1933-1941) and in Colombia (1948-1953). To understand, among other hypothesis, how these resulted, from a cultural resignification process, on football's popularization in both locations, is one of the main targeted goals of this investigation. Our main sources were some local papers from the studied localities that covered such thematic and we considered that the comparative analysis of the objects enables a wider view, from the sport itself, to the context that both countries are historically inserted, which is Latin America.

Key-words: Football; Professionalization; Rio de Janeiro; Colombia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....13

CAPÍTULO I: "Amadorismo marrom" e a profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1934) e na Colômbia (1948-1949)

I. I *De amador para profissional: antecedentes e a formação da LCF (1933) e da Dimayor (1948)*.....29

I. II *Amadorismo x profissionalismo: disputas de campo e tensões entre as federações na preparação do Brasil para a Copa do Mundo de 1934 e da Colômbia para o Campeonato Sul-Americano de 1949*.....44

I. III *Futebol e representação nacional: uma análise dos efeitos da participação do Brasil na Copa do Mundo de 1934 e da Colômbia no Sul-Americano de 1949*.....57

CAPÍTULO II: O desenvolvimento de um campo profissional no futebol: a relação com a mídia e a política

II. I *O avanço do profissionalismo do futebol no Rio de Janeiro (1934-1937) e na Colômbia (1949-1951)*.....72

II. II *A profissionalização do futebol, os dirigentes e a imprensa: um olhar para os casos do Rio de Janeiro e da Colômbia*.....88

II. III *Futebol e Política: a consolidação das federações e a relação com o cenário político do período*.....99

CAPÍTULO III: O futebol após a profissionalização: a construção de um novo cenário híbrido do esporte no Rio de Janeiro e na Colômbia.

III. I *A criação do CND no Brasil (1941) e o Pacto de Lima na Colômbia (1951): diferentes efeitos*.....112

III. II *Profissionalização e espetacularização do futebol: as relações existentes nos casos do Rio de Janeiro e da Colômbia*.....122

III. III *O futebol profissional e as camadas populares: O que mudou com a profissionalização?*.....132

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....138

REFERÊNCIAS.....140

INTRODUÇÃO

As pesquisas históricas que possuem como objeto principal o esporte, aqui entendido no sentido das práticas corporais institucionalizadas[1], se consolidam a cada dia mais no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Antes encarado com preconceito, o esporte vem se transformando em um objeto de investigação privilegiado para o entendimento da sociedade em vários aspectos, dentro de um determinado tempo e espaço.

No Brasil, os estudos do esporte se desenvolveram historicamente em diferentes áreas do conhecimento, como a Educação Física, a Antropologia, a Sociologia, entre outras. Em relação ao esporte como objeto de investigação da disciplina História, é notório o seu crescimento a partir da década de 1990, "marcada por uma sistematização e institucionalização dos estudos e pela configuração mais clara da história do esporte como um campo de investigação" (MELO; DRUMOND; FORTES; MALAIA, 2013, p. 35).

Esta pesquisa se insere nesse cenário de avanço do campo da História do Esporte, aqui entendida como uma subdisciplina da História (MELO; DRUMOND; FORTES; MALAIA, 2013, p. 25-45). Propomo-nos a investigar, com base no método da História Comparada, os processos de profissionalização do futebol ocorridos no Rio de Janeiro – Brasil (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954). O método comparativo, nos proporciona um olhar singular para o entendimento histórico de dois ou mais objetos, pois, como nos demonstra José D'Assunção Barros, é

> (...) uma modalidade historiográfica fortemente marcada pela complexidade, já que se refere tanto a um "modo específico de observar a história" como à escolha de um "campo de observação" específico – mais propriamente falando, o já mencionado "duplo campo de observação", ou mesmo um "múltiplo campo de observação". Situa-se, portanto, entre aqueles campos históricos que são definidos por uma "abordagem" específica – por um modo próprio de fazer a história, de observar os fatos ou de analisar as fontes. Resumindo em duas indagações que a tornam possível, a História Comparada pergunta simultaneamente: "O que observar?" e "Como

[1] Para Victor Andrade de Melo, a história das práticas corporais institucionalizadas "abarcaria, em um mesmo campo de investigação, sem excluir outras possibilidades de diálogos, práticas sociais como o esporte, a capoeira, a dança, a ginástica, as relativamente recentes práticas físicas 'alternativas' (antiginásticas, eutonia etc.), a educação física (entendida enquanto uma disciplina escolar e como uma área do conhecimento), as práticas específicas de períodos anteriores à Era Moderna (da Antiguidade e da Idade Média), entre outras. A despeito dessa conceituação, para facilitar o entendimento e/ou em função de questões operacionais, em muitas oportunidades usamos "história do esporte" como metonímia". Mais informações, ver Victor Andrade de Melo (2010, p. 66).

> observar?" E dá respostas efetivamente originais a estas duas indagações. (BARROS, 2014, p. 15)

Mais que a simples comparação histórica tradicional, ainda de acordo com Barros (2014), a História Comparada pode ser entendida num sentido mais extenso, o da "História Relacional", que trata de "(...) um campo novo de possibilidades que abarca as modalidades já tradicionais da História Comparada, e também novas modalidades como as da 'história transnacional', 'histórias interconectadas' e 'histórias cruzadas', entre outras possibilidades" (BARROS, 2014, p. 165). Assim, comparar se torna uma ferramenta importante para aqueles que desejam realizar generalizações históricas sobre dois ou mais objetos, sem incorrer em superficialidades ou anacronismos.

Para a realização de uma investigação que possua como abordagem historiográfica a comparação, se faz necessário o uso de uma metodologia clara. Douglas Booth (2000; 2005), em estudos que analisaram o uso do método comparativo nas pesquisas históricas sobre o esporte[2], demonstra a importância da comparação sistemática nessas investigações (BOOTH, 2005). Como destacam Melo, Drumond, Fortes e Malaia, esse é o método mais adequado para assim não reduzirmos a comparação como um simples recurso de alusão a aspectos luminares de casos particulares, pois

> Trata-se de investigar as semelhanças e diferenças de objetos/temas no tempo e/ou espaço, tendo claro: a) o problema a investigar e a hipótese a testar; b) o que será comparado; e c) a relação entre o geral e o particular nas interpretações a serem realizadas. Aí, sim, a história comparada pode se constituir em importante contribuição para as investigações que se dediquem a compreender o esporte desde a perspectiva da pesquisa histórica (e isso, lembremos, significa um esforço de entender a sociedade em que o fenômeno se insere) (MELO; DRUMOND; FORTES; MALAIA, 2013, p. 100).

Uma outra característica da história comparada é a possibilidade de ultrapassarmos as barreiras da "nação", buscando assim comparar objetos que estejam em dois ou mais países. É o que buscamos nesta dissertação. A partir da comparação da profissionalização do futebol no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, e na Colômbia, poderemos identificar possíveis conexões que esse esporte possa ter gerado entre os dois países. O fato de ambas as localidades estarem inseridas no continente sul-americano contribui também para o fortalecimento do campo de estudos da História do Esporte na região. Como destacam Melo, Drumond, Fortes e Malaia, o esporte é uma prática social forte no que se refere à

[2] Maiores informações, ver Douglas Booth (2005).

transnacionalidade, sendo assim, a abordagem histórica comparada mostra-se uma fértil alternativa para as investigações relacionadas ao objeto (MELO; DRUMOND; FORTES; MALAIA, 2013, p. 94). Com isso, pensar o estudo do continente sul-americano a partir do futebol, não deve ser considerado algo absurdo. Os autores destacam que

> Em função da proximidade geográfica e de algumas similaridades históricas, que semelhanças e dessemelhanças há, por exemplo, na configuração do campo esportivo dos países da América do Sul? Teria essa perspectiva de investigação alguma contribuição a dar ao estudo do nosso continente?
> Esse tipo de iniciativa parece urgente e fundamental, inclusive porque a estruturação da história do esporte na América Latina é menor do que no continente europeu e nos Estados Unidos. Observe-se que não estamos falando da qualidade das investigações, no que estamos *pari passu* com a produção mundial, mas sim da conformação do campo de investigação (MELO; DRUMOND; FORTES; MALAIA, 2013, p. 42).

Tendo em conta essa potencialidade, esse estudo tem por objetivo compreender como os processos de profissionalização do futebol ocorridos no Rio de Janeiro (assim como suas influências em todo o Brasil) e na Colômbia, foram importantes para a conformação de representações[3] e ressignificações no campo esportivo[4] dos países investigados. Esse exercício nos permite, a partir de um olhar mais amplo, pensar pelo esporte o cenário sul-americano em que ambos os objetos estão inseridos, estimulando assim novos diálogos e possibilidades de investigações históricas comparadas.

Para pensarmos essas configurações e ressignificações existentes no contexto latino-americano, utilizamos como referencial conceitual em nossa análise as contribuições teóricas de Néstor Canclini (2015). Nessa obra, o autor lança um prisma que aguça nosso olhar acerca do conceito de hibridização cultural, nos demonstrando como as relações culturais ocorridas na América Latina, a partir do advento da modernidade, consolidaram a construção de um cenário híbrido na região.

---

[3] Como por exemplo, podemos citar a construção idealizada no Brasil, entre outros, por Mario Rodrigues Filho e Gilberto Freyre (RODRIGUES FILHO, 2003), onde consideram o futebol como uma via de "democratização racial", pois teria sido uma das possibilidades de inclusão social do negro, fundamental para formar a "nação miscigenada" brasileira. Na Colômbia, podemos destacar que, a partir do grande êxodo de jogadores estrangeiros ocorridos após a profissionalização do futebol, o qual discutiremos no decorrer do trabalho, se construiu a ideia do *El Dorado* do futebol colombiano (GOMES, 2014a), tendo em vista os grandes atletas de outras nações que jogavam nesse período no país e que fizeram do campeonato colombiano um dos melhores do planeta, de acordo com a imprensa da época. O nome *El Dorado* era uma referência a famosa lenda existente durante o período colonial na América, relacionada a busca por ouro no continente.

[4]Trabalhamos com o conceito de "campo esportivo" definido por Pierre Bourdieu, onde o autor destaca que "(...) a história do desporto é uma história relativamente autônoma que, ainda quando é escondida pelos grandes acontecimentos da história econômica e política, tem o seu próprio ritmo, as suas próprias leis de evolução, as suas próprias crises, em suma a sua cronologia específica (2003, p. 183). Mais informações, ver Pierre Bourdieu (2003, p. 181-204).

Acreditamos ser essa uma chave para identificarmos como a profissionalização do futebol estimulou modificações nos âmbitos esportivo e cultural, tanto no Rio de Janeiro quanto na Colômbia. As características desse esporte nas duas localidades, na transição do século XIX para o XX, eram marcadas por traços da cultura europeia, especialmente a britânica. Entretanto, a apropriação do futebol por parte de cariocas e colombianos, resultou em uma ressignificação da prática, formulando peculiaridades em cada caso onde, com o estudo da profissionalização, poderemos aguçar nosso olhar para essas novas configurações dos objetos.

Muitas vezes, o predomínio da cultura "dominante" europeia ou norte-americana, nos faz negligenciar fatores importantes de objetos investigados no contexto latino-americano. Isso ocorre, também, pela posição secundária ocupada pelos países dessa região no contexto acadêmico internacional. Em algumas ocasiões, como forma de se alcançar maior *status* nesse cenário, pesquisadores latino-americanos (ou, de forma mais ampla, ibero-americanos) fazem reverências as produções dos países "dominantes", em detrimento daquelas que são desenvolvidas em suas "próprias terras", mesmo que sejam marcadas por um mesmo nível de qualidade.

O olhar sobre o esporte na América Latina, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, permite esse aprofundamento, considerando as relações históricas que envolvem os países da região. Assim como nos estimula a lançar olhares comparativos, de forma que se torne possível compreender duas ou mais realidades nacionais, entendendo suas semelhanças sem, todavia, desvalorizar as particularidades em cada processo.

Como escrevem Melo, Drumond, Fortes e Malaia (2013, p. 104-105), a análise comparativa e o diálogo no contexto latino-americano ainda são muito pequenos, muito pelo etnocentrismo existente com a produção da região e pelo predomínio da "língua mãe" no cenário acadêmico internacional, que é o inglês. Assim, entender o esporte (e também outros objetos) nesse cenário, a partir da comparação, se faz mais do que necessário para não só fortalecer os estudos sobre a realidade histórica latino-americana, como também para aumentar os diálogos entre os pesquisadores da região no cenário internacional, de forma que se fortaleçam. Destacam ainda os autores, que

> (...) uma das potencialidades da história comparada é induzir os investigadores a extrapolarem as fronteiras nacionais. (...) Assim, os estudos da história comparada podem contribuir para aumentar nossa inserção no cenário internacional, na medida em que abre oportunidades de passarmos de nossos importantes estudos locais para apreensões mais amplas, abrindo diálogo do local e do nacional com o global (MELO; DRUMOND;

FORTES; MALAIA, 2013, p. 101 e 106).

Ao optarmos por investigar as realidades do Rio de Janeiro e da Colômbia, a partir da profissionalização do futebol ocorrida em ambos os países, nos propomos a estimular novos olhares para o cenário sul-americano, de forma que possamos contribuir para o fortalecimento e para a consolidação do campo de estudos do esporte nesta região. A partir do futebol, podemos lançar olhares mais gerais para o contexto da América do Sul, onde se inserem nossos objetos. E essa é uma das principais características da metodologia da História Comparada, já que nos permite, dentro das Ciências Humanas e Sociais, buscar uma alternativa para a impossibilidade de aplicação do método experimental existente em outras áreas do conhecimento científico (CARDOSO; BRIGNOLI, 1983, p. 411).

Nesse contexto, explorar a questão "transnacional" inerente às pesquisas que se utilizam da comparação histórica se torna uma fértil opção não só de superação das barreiras da "nação", mas também de consolidação de um campo de pesquisas que investigue dois ou mais países latino-americanos. Essa é uma necessidade urgente não só da História do Esporte, mas da historiografia latino-americana como um todo, dentro do contexto globalizado atual. Como destaca Serge Gruzinski,

> Diante de realidades, que convém estudar a partir de múltiplas escalas, o historiador tem de converte-se em uma espécie de eletricista encarregado de estabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais desligaram ou esconderam, bloqueando as suas respectivas fronteiras. As que dividem Portugal e Espanha são típicas: várias gerações de historiadores escavaram entre os dois países fossos tão profundos, que hoje em dia é preciso muito esforço para entender a história comum a estes dois países e impérios (GRUZINSKI, 2001, p. 176-177).

Além da influência colonizadora direta de Portugal e Espanha em relação aos objetos que aqui analisamos, não podemos nos esquecer da importância da Inglaterra na formação da cultura moderna, tanto brasileira como colombiana, a partir da expansão do país pelo mundo no século XIX. Como define Gunning, a modernidade não se tratou simplesmente de um período histórico demarcado, mas sim um período de mudanças na experiência humana, marcado principalmente pelo novo sistema de circulação que caracterizava o mundo (GUNNING, 2001, p. 39-40). E nesse sistema de circulação, o país que mais difundiu práticas culturais pelo planeta, não sendo diferente nas localidades que aqui estudamos, foi a Inglaterra.

Mesmo considerando as peculiaridades inerentes aos ideais de modernidade

difundidos em terras brasileiras e colombianas, entendemos que, nesse sentido, o trabalho de Canclini se faz importante para a compreensão dos objetos aqui propostos. Como o autor lançar um olhar mais amplo a partir do conceito de "culturas híbridas" na América Latina, nos permite identificar as ressignificações que ocorrem nos países dessa região. Isso significa analisar a formação de um novo cenário cultural em cada caso, que se faz diferente daquele imposto pelas influências "centrais" europeias, assim como da realidade local anterior. Ou seja, se consolida assim um espaço híbrido, fruto das relações da modernidade, que resultam em um novo contexto cultural. Como destaca Canclini,

> (...) hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições, mas, sim, que pode ajudar a dar conta de formas particulares de conflito geradas na interculturalidade recente em meio à decadência de projetos nacionais de modernização na América Latina. Temos que responder à pergunta de se o acesso à maior variedade de bens, facilitados pelos movimentos globalizadores, democratiza a capacidade de combiná-los e de desenvolver uma multiculturalidade criativa (...) entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas (CANCLINI, 2015, p. 18-19).

Ao buscarmos compreender a profissionalização do futebol carioca, identificaremos mudanças em diversos aspectos inerentes à proposta do esporte amador que havia sido absorvida na cidade inicialmente. Assim como na Colômbia, onde também ocorreram singularidades que caracterizam o período de profissionalização desse esporte no país, importante para entendermos a configuração do campo esportivo nacional. Como destaca Simone Guedes ao analisar a formação da identidade nacional pelo futebol na Argentina e no Brasil (que também podemos estender, nesse caso, para a Colômbia, considerando as similaridades nos casos), é importante assinalar

> (...) serem os "ingleses", num e noutro caso, parte dos mitos de origem, como uma espécie de "outro" primordial, dos quais é necessário subtrair o saber para recriá-lo, mito que é revivido periodicamente nas competições internacionais (GUEDES, 2006, p. 135)

Optamos por comparar o processo de profissionalização da Colômbia com o ocorrido no Rio de Janeiro, por alguns motivos específicos. Inicialmente, havíamos idealizado investigar o processo de profissionalização do futebol no Brasil como um todo. Entretanto, identificamos que no país a profissionalização do futebol não ocorreu de forma única e linear. Seu início se deu em 1933, na cidade do Rio de Janeiro (que é o recorte espacial escolhido

para esta investigação) e outros estados, como São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro[5]. Todavia, se analisarmos todo o país, veremos que em algumas localidades a profissionalização desse esporte só se concretizou algumas décadas depois, como nos casos do Ceará[6] e da cidade de Criciúma, em Santa Catarina[7].

Com isso, entendemos ser mais prudente o estudo da profissionalização do futebol na cidade do Rio de Janeiro, por se tratar do local que, junto de outras cidades e estados, possuiu um grupo de dirigentes esportivos que liderou o processo de profissionalização inicial do futebol no Brasil. Além disso, o Rio de Janeiro nesse contexto era a capital da República, o que fazia com que muitas das questões nacionais fossem refletidas na localidade. Portanto, buscaremos demonstrar como ocorreu o processo no Rio e Janeiro sem, é claro, deixarmos de demonstrar as devidas relações existentes entre esse e outros importantes casos ocorridos pelo Brasil.

Em relação à Colômbia, a pesquisa da profissionalização do futebol em âmbito nacional se faz possível devido às particularidades do objeto no país. Diferente do caso brasileiro, a Colômbia possuiu um processo de profissionalização, a partir de 1948, que embarcou regiões de todo o país, assim como os principais clubes do período. Com isso, se torna mais plausível tratarmos esse estudo como um processo nacional de profissionalização do futebol colombiano.

Entendemos que ao propormos a comparação de um objeto de dimensão nacional (como no caso da Colômbia), com outro de proporções regionais (em relação à cidade do Rio de Janeiro, por mais que essa fosse a capital do Brasil no período estudado e refletisse muitas das questões nacionais de então), devemos possuir um cuidado específico para que assim não venhamos a generalizar ou simplesmente tornar superficial algumas questões referentes aos dois temas aqui trabalhados.

Por exemplo, as diferenças entre os objetos podem ser percebidas se lançarmos um simples olhar para a formação dos campeonatos nacionais de futebol de clubes nos dois países. O território de dimensões continentais do Brasil proporcionou a formação de regiões e estados com características bem peculiares, o que resultou na divisão de várias práticas culturais, entre elas o futebol. Assim, o primeiro campeonato nacional oficial de clubes no

---

[5] Nesse período, como a cidade do Rio de Janeiro era o Distrito Federal, o estado do Rio de Janeiro possuía o município de Niterói como sua capital e possuía um campo esportivo autônomo, sendo seus campeonatos de futebol organizados pela Federação Fluminense de Esportes.

[6] Maiores informações, ver Caio Lucas Morais Pinheiro (2014).

[7] Ver Renato de Araújo Monteiro (2014).

Brasil só veio a ocorrer em 1959, com a criação da Taça Brasil[8], criada para que o campeão representasse o país na Copa Libertadores da América (PERES; CUNHA, 2012), competição continental iniciada em 1960. Ou seja, vinte e seis anos após o início da profissionalização do futebol no país. Enquanto isso, na Colômbia já ocorria um campeonato nacional de futebol desde a sua profissionalização em 1948, fora as competições amadoras disputadas anteriormente[9].

No caso brasileiro, ocorreu primeiramente o fortalecimento das competições estaduais, onde cada unidade federativa teve seu campeonato próprio, para depois ser institucionalizado o campeonato nacional. Hoje em dia, com a maior valorização das competições nacionais e internacionais, tais campeonatos já não possuem a mesma visibilidade e importância de outrora. Todavia, em décadas passadas, os campeonatos estaduais chegaram a ser as principais competições do ano para as principais equipes do país[10], enquanto na Colômbia o campeonato nacional já ocorria a "todo vapor".

E é interessante analisarmos que essa ausência de um campeonato nacional no Brasil chegou a criar confusões inclusive em outros países. Ao pesquisarmos alguns jornais colombianos em 1949, por exemplo, podemos perceber que tratam o Botafogo, que havia sido campeão carioca do ano anterior, como sendo o "atual campeão brasileiro"[11], o que demonstra o desconhecimento da imprensa local sobre os campeonatos estaduais no Brasil e a

---

[8] A Taça Brasil, disputada entre 1959 a 1968, assim como a Taça de Prata (que também é conhecida como Torneio Roberto Gomes Pedrosa), disputada de 1967 a 1970, foram reconhecidas como títulos oficiais do Campeonato Brasileiro de futebol em 2010, pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Antes disso, o primeiro Campeonato Brasileiro de clubes no futebol havia ocorrido oficialmente apenas em 1971, sendo essas outras competições entendidas até então como percussoras do "Brasileirão". É válido destacar também que, entre 1922 e 1962 (tendo uma última edição isolada sido realizada em 1987), foi realizado frequentemente o Campeonato Brasileiro de seleções estaduais, que incorporava os melhores jogadores de diversos estados do país para disputarem o título nacional. Isso demonstra ainda mais uma das peculiaridades do futebol brasileiro se comparado ao de outros países nesse período, que era a autonomia de cada unidade federativa em relação ao esporte, onde possuíam um campeonato estadual forte e depois disputavam uma competição nacional em que as "seleções estaduais" se enfrentavam para decidirem o campeão do país, muito próximo do que ocorre nas competições internacionais de seleções nacionais. Maiores informações sobre o desenvolvimento dos campeonatos nacionais de clubes no Brasil, ver Daniel de Araujo dos Santos (2012); e José Carlos Peres e Odir Cunha (2012).

[9] Apenas para efeito de comparação, outros países vizinhos do Brasil, como Argentina e Uruguai, já possuíam campeonatos nacionais de futebol desde 1891 e 1900, respectivamente.

[10] É válido destacar que, quando afirmamos que os campeonatos estaduais não possuem hoje a mesma importância que tinha em décadas passadas, estamos nos referindo aos clubes considerados "grandes", notadamente os que frequentemente disputam a Série A do Campeonato Brasileiro. Para clubes menores ou que não alcançaram grande sucesso em competições de âmbito nacional ou internacional, os estaduais continuam tendo uma grande importância, sendo para muitos a principal competição a ser disputada no ano.

[11] *El Colombiano*, 27 de março de 1949, p. 4.

preponderância da então capital Rio de Janeiro na imprensa internacional, sendo o clube vencedor do Distrito Federal taxado como campeão de todo o país. Com isso, consideramos que comparar a profissionalização do futebol carioca com o colombiano se torna uma alternativa mais que plausível, já que caracteriza a fragmentação que possuía o futebol brasileiro nesse período, diferente do ocorrido na Colômbia (apesar de também terem ocorrido divergências entre as entidades estaduais nesse país, como veremos a frente).

O estudo comparado desses objetos nos permitirá entender os diferentes efeitos da profissionalização do futebol nas duas localidades. Mesmo considerando que os processos de espetacularização e popularização do futebol já ocorriam em períodos anteriores (e principalmente no caso do Rio de Janeiro), entendemos que é a partir da profissionalização que ambos se efetivam de forma mais consolidada.

Todavia, a partir dos referenciais conceituais de Canclini (2015), identificamos que cada localidade construiu uma faceta própria, fruto do processo híbrido de ressignificação ocorrido em cada objeto. A formação do "futebol espetáculo" tanto no Rio de Janeiro como, principalmente, na Colômbia, onde o seu campeonato foi taxado inclusive como um *El Dorado* (GOMES, 2014a), é uma chave para compreendermos ambos os casos. Para essa análise, entendemos que o conceito de espetáculo é

> (...) uma tentativa – parcial e inacabada – de trazer ao campo teórico uma série variada de sintomas em geral tratados pela sociologia burguesa ou pela esquerda convencional como etiquetas anedóticas aplicadas de forma um tanto leviana à velha ordem econômica: "consumismo", por exemplo, ou "sociedade do lazer"; a emergência dos meios de comunicação de massa, a expansão da publicidade, a hipertrofia das diversões oficiais (CLARK, 2004, p. 43).

A noção conceitual de espetáculo aqui proposta nos permite aprofundar o olhar sobre as diferentes facetas que o esporte pôde assumir nas duas localidades que estudamos. Com isso, compreender como ocorreu a expansão do futebol "popular" e "espetacularizado" nas sociedades colombiana e carioca, é um dos desafios que nos propomos a demonstrar nas páginas que se seguem. Este trabalho também nos proporcionará, além de um maior entendimento do contexto transnacional entre os países envolvidos, um olhar mais atento para questões referentes à própria nação onde, sem a comparação, talvez passassem despercebidas. Assim, atentar para esses aspectos e identificar a comunidade imaginada, tanto na Colômbia como no Brasil (mesmo tendo como base o caso estudado do Rio de Janeiro), também é um

dos objetivos que essa pesquisa se propõe a realizar, a partir da investigação do futebol. Como nos demonstra Benedict Anderson, a nação é uma comunidade política imaginada

> (...) e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana (...). Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 2008, p. 32).

Ambos os processos possuíram características similares, mas também diferenças que, inclusive, nos ajudam a compreender um objeto pelo olhar do outro. O uso da comparação nos permite, por exemplo, entender o porquê de ambas as ligas profissionais, tanto na Colômbia (no caso da *Dimayor*[12]) quanto no Rio de Janeiro (se tratando, inicialmente, da LCF[13]), terem sido consideradas como "não oficiais" em seus primórdios pelas entidades filiadas a Conmebol[14] e a FIFA[15]internacionalmente.

Para chegarmos a esses e outros resultados de análise, se faz necessário um olhar para fontes históricas do período sobre os dois objetos. Nesta investigação, utilizamos como principais fontes, periódicos de grande circulação do Rio de Janeiro e da Colômbia em seus respectivos períodos de profissionalização do futebol. Jornais como os colombianos *El Tiempo*[16]·, *El Colombiano*[17], *El Espectador*[18] e *El Bateo*[19]·, são fundamentais nesta investigação para compreendermos o objeto estudado no país. No caso carioca, as principais

---

[12]*División Mayor* (*Dimayor*)

[13]Liga Carioca de Football.

[14] Confederación Sudamericana de Fútbol, entidade responsável pela organização do futebol sul-americano.

[15]Fédération Internationale de Football Association, entidade responsável pela organização do futebol mundial.

[16]*El Tiempo* é um periódico oriundo da cidade de Bogotá e fundado em 1911. É publicado diariamente e possui uma forte tendência ideológica liberal assumida, tendo tido participação decisiva na difusão da imagem de Olaya Herrara, candidato liberal que se tornou presidente em 1930 e quebrou a então Hegemonia Conservadora no poder executivo nacional do país.

[17]*El Colombiano* é um periódico diário, oriundo da cidade de Medellín e fundado em 1912. Politicamente, defende assumidamente o conservadorismo na Colômbia, tendo explicitado sua linha ideológica ainda na primeira edição do periódico. O periódico é marcado também historicamente por defender o departamento de Antioquia em que está inserido, em detrimineto de outras localidades do país, como a capital Bogotá.

[18]*El Espectador* é um periódico de circulação diária, oriundo da capital colombiana Bogotá. Fundado em 1887, divide com *El Tiempo* o posto de principal periódico da capital. É o periódico mais antigo da Colômbia e, desde sua primeira edição, explicitou a preferência política editorial de sua linha como sendo liberal.

[19]*El Bateo* foi um periódico quinzenal que, originário da cidade de Medellín, realizava publicações semanais ou quinzenais entre os anos de 1907 e 1956. Ficou marcado por não possuir uma posição política definida, trazendo posicionamentos tanto liberais quanto conservadores, assim como por realizar suas críticas sempre por via das charges e caricaturas.

fontes jornalísticas utilizadas neste trabalho são o *Jornal do Sports*[20]·, o *Correio da Manhã*[21], o *A Noite*[22] e o *Jornal do Brasil*[23].

Tania de Luca (2008) destaca a importância do uso de periódicos como fontes em investigações históricas, fruto das modificações no campo decorrentes do avanço da "Nova História", na segunda metade do século XX. Como afirma a autora, ao destacar a utilização dos jornais como fontes de pesquisa para diferentes importantes intelectuais brasileiros na história, os periódicos nos permitem "(...) obter dados de natureza econômica (câmbio, produção e preços) ou demográfica, seja para analisar múltiplos aspectos da vida social e política, sempre com resultados originais e postura muito distante da tão temida ingenuidade" (DE LUCA, 2008, p. 117).

Essa ingenuidade seria, de acordo com De Luca, a falta de um olhar crítico ao analisar os periódicos escolhidos para a pesquisa histórica. A autora afirma ser de fundamental importância que o historiador tenha em vista que

> (...) o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas. (...) Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. (...) Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de

---

[20]*Jornal dos Sports* é um periódico originário da cidade do Rio de Janeiro, fundado em 1931. Possuiu publicações diárias até 2010, quando passou a circular apenas online. Ficou marcado por ser comprado por Mario Rodrigues Filho em 1936 e por ter, durante o recorte temporal desta investigação, defendido o processo de profissionalização do futebol e outros esportes, na cidade carioca e no Brasil como um todo.

[21]*Correio da Manhã* é um periódico do Rio de Janeiro, que circulou entre os anos de 1901 e 1974. Com publicações diárias, ficou marcado por posicionamentos políticos diversos e por realizar críticas e oposição a quase todos os presidentes do Brasil no período de sua existência.

[22]*A Noite* foi um periódico carioca fundado em 1911 pela família Marinho, tendo circulado até 1957. Assim como *O Globo*, fundado em 1925, ambos foram criados por Irineu Marinho e contaram com grande participação de Roberto Marinho em seus desenvolvimentos. Na década de 1930, tendo em vista as elites que se aproximavam da família Marinho (onde podemos destacar as relações existentes com Mario Filho), os dois citados periódicos defenderam o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro.

[23]*Jornal do Brasil* foi um periódico carioca criado por Rodolfo Dantas em 1891 e que funcionou com publicações diárias até 2010, passando a partir de então a ser exclusivamente digital. No período de profissionalização do futebol na cidade, defendeu o mantimento do amadorismo, fruto da proximidade de seus jornalistas com a elite que então se encontrava no âmbito da CBD.

> caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas dos impressos (DE LUCA, 2008, p. 139-140).

Tendo em vista essas preocupações, buscamos analisar nesta investigação alguns periódicos, tanto cariocas como colombianos, que possuem diferentes ideologias e posicionamentos, para assim problematizarmos seus respectivos discursos com outros referenciais teóricos e bibliográficos.

No caso colombiano, teremos como base tanto periódicos de grande circulação com ideologia conservadora (como o *El Colombiano*) como de ideologia liberal (como o *El Tiempo* e o *El Espectador*), que ilustravam os ideais e interesses políticos dos dois principais partidos do país, o Partido Conservador e o Partido Liberal[24]. Esses periódicos também embarcavam embates regionais, tendo em vista que o *El Colombiano* era originário de Medellín, enquanto os outros são oriundos da capital Bogotá.

Já no Rio de Janeiro analisaremos, entre outros, periódicos que possuíam posicionamentos a favor (como o *Jornal dos Sports*) e contra (como o *Jornal do Brasil*) a profissionalização do futebol e de outros esportes no país[25]. Com isso se torna possível, a partir da análise da imprensa, nos depararmos com algumas das ideologias presentes nas diferentes elites que disputavam o poder do futebol carioca nesse novo cenário político que se desenhava a partir de 1930, marcado pela ascensão do governo de Getúlio Vargas.

Portanto, consideramos a importância metodológica da análise crítica de fontes jornalísticas, para que assim seja possível a realização de uma investigação histórica comparada sobre os dois objetos sem o risco de simplesmente reproduzirmos um determinado discurso ou de sermos memorialistas. Como escreve De Luca, para investigarmos historicamente um determinado contexto a partir de fontes periódicas,

> (...) requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. É obvio que as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: as funções sociais desses impressos (DE LUCA, 2008, p. 132).

---

[24] Maiores informações sobre a História da imprensa na Colômbia e as ideologias dos principais periódicos do país, ver Antonio Prada Cacúa (1983), Enrique Calderón Santos (1989) e María Teresa Uribe de H. e Jesús María Alvarez Gaviria (2002).

[25] Para maiores informações sobre os posicionamentos do *Jornal dos Sports* e do *Jornal do Brasil* em relação a profissionalização do futebol, no Rio de Janeiro e no Brasil, ver Maurício Drumond (2009b).

Como fontes complementares aos periódicos, esta investigação se propõe a analisar também algumas autobiografias de jogadores de futebol dos períodos estudados, além de obras escritas durante o recorte temporal deste trabalho. Para a análise de tais fontes, assim como em relação aos periódicos, é essencial a utilização de um olhar crítico, de forma que possamos cruzar os materiais selecionados e assim melhor compreendermos o contexto analisado. Como define Vavy Pacheco Borges, para que a análise ou escrita de uma biografia não se torne uma espécie de "espelho ético", a maior "objetividade possível é garantida pela prática estrita e séria do ofício do historiador, com sua pesquisa de provas documentais e, sobretudo, pelo questionamento e pela contraposição da própria documentação" (BORGES, 2008, p. 218).

A escolha dos recortes temporais dos objetos de pesquisa se deu por diferentes fatores. No Rio de Janeiro, o recorte temporal escolhido para esta investigação se inicia no ano de 1933, quando foi criada a primeira liga profissional desse esporte na cidade (a LCF), e se encerra em 1941, momento em que ocorreu a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), órgão ligado ao Ministério da Educação e Saúde e que passou a centralizar o controle do esporte em todo o país[26].

No decorrer desses anos investigados, várias foram as tensões entre as federações que defendiam a profissionalização (como a LFC no Rio de Janeiro e a FBF[27] em âmbito nacional) com aquelas que defendiam o amadorismo (AMEA[28] e CBD[29]). Ademais, este estudo está inserido em um importante momento político do país, que é o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Passando por três diferentes fases desse governo (Governos Provisório, Constitucional e Ditadura do Estado Novo), buscamos neste trabalho investigar a importância desse processo para o entendimento da realidade social e cultural brasileira do período, destacando o papel relevante que possuiu o esporte e as práticas de educação física nas políticas varguistas[30].

---

[26]Decreto-lei Nº 3.199 de 14 de abril de 1941, publicado no DOU de 16/04/1941, p. 7453.

[27] Federação Brasileira de Football, entidade criada em 1933 e que representava os clubes profissionais em todo o país.

[28] Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, entidade que no momento de eclosão das disputas entre amadores e profissionais, era a responsável pelo campeonato de futebol amador do Rio de Janeiro.

[29] Confederação Brasileira de Desportos, entidade principal do esporte nacional em 1933, sendo responsável, entre outros, pela organização do futebol amador.

[30] Como destaca Denaldo Alchorne de Souza, o esporte foi alvo de diversas políticas durante o governo de Getúlio Vargas, principalmente a partir das ações de Lourival Fontes no Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), o percussor do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, e de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde, onde inclusive criou em 1937 a Divisão de Educação Física (DEF). Mais informações ver Denaldo de Souza (2008).

Já no caso colombiano, investigamos o processo de profissionalização do futebol ocorrido entre os anos de 1948 a 1954. Com a criação da *Dimayor* em 1948, federação responsável pela organização do profissionalismo do futebol no país, as disputas entre essa e a *Adefútbol*[31] se acirraram. Como essa última era a entidade máxima do futebol colombiano no contexto em questão, fez valer seu poder e antiguidade para assim não reconhecer mais a *Dimayor* como uma federação oficial, a partir de março de 1949. Essa caracterização de ilegalidade foi compactuada pela Conmebol e pela FIFA, sendo encerrada apenas em 1951, a partir do Pacto de Lima.

Esse pacto, como demonstraremos, não só legalizou a *Dimayor* como definiu que todos os jogadores estrangeiros que atuavam de forma "irregular" na Colômbia durante esse período, teriam um prazo de até três anos para retornarem a seus clubes de origem, sendo esse o fechamento do recorte temporal desta pesquisa referente ao país, que vai de 1948 a 1954. Porém, essa é exatamente a principal peculiaridade do caso colombiano: como os clubes profissionais passaram a ser considerados "ilegais" em 1949, investiram a partir de então na contratação de grandes jogadores estrangeiros sem pagarem por seus passes. Já que não eram filiados a FIFA, não possuíam as obrigações de cumprirem as regras internacionais dessa entidade. Com isso, apenas com o Pacto de Lima que esse cenário foi desfeito, sendo os efeitos e tensões ocorridos no decorrer desse processo, analisados nesta dissertação.

Muitas dessas peculiaridades colombianas são de valiosa importância para compararmos com o caso carioca. Por exemplo, como já explicitamos anteriormente, assim como a liga colombiana se tornou "ilegal" entre 1949 a 1951, a LCF teve seu campeonato no Rio de Janeiro também não reconhecido oficialmente entre 1933 a 1935, em detrimento do organizado pela AMEA. Esses e muitos outros casos são importantes para entendermos o processo no Rio de Janeiro, tendo em vista as repercussões que os eventos na cidade tiveram em outros estados brasileiros.

A partir da análise das modificações que a profissionalização gerou para o futebol, nos dois casos, algumas questões surgem como importantes para nosso trabalho. Como as tensões entre as federações envolvidas foram importantes para a consolidação dos processos? E quais as semelhanças e diferenças, ao compararmos as disputas entre essas entidades nos dois casos? Qual a relação entre a profissionalização do futebol e o ideário nacionalista do esporte, tendo em vista as questões políticas e a formação dos selecionados brasileiro e colombiano nos períodos em questão? E de que forma a profissionalização teria estimulado a

[31] *Asociación Colombiana de Fútbol.*

popularização e espetacularização desse esporte nos dois objetos estudados?

Esses são alguns dos principais questionamentos desta dissertação, que está dividida em três capítulos. No primeiro, buscaremos destacar os antecedentes e os principais fatos da profissionalização do futebol ocorrida no Rio de Janeiro, em 1933, e na Colômbia, em 1948. Para encerrar o capítulo, explicitaremos como a profissionalização do futebol nas duas localidades influenciou o ideário nacionalista no Brasil e na Colômbia. Para tal, analisaremos a participação do Brasil na Copa do Mundo de 1934 e da Colômbia no Campeonato Sul-Americano de 1949, onde se torna possível percebermos como as disputas de campo e as tensões do profissionalismo influenciaram diretamente na formação dos selecionados nacionais, assim como nas representações forjadas em cada país pelas referidas competições.

No segundo capítulo, também dividido em três partes, explicitaremos a sequência dos processos de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro e na Colômbia, destacando suas relações com os principais dirigentes envolvidos, a mídia e as questões políticas do período. Na primeira parte, demonstraremos como a profissionalização se consolidou nas duas localidades, assim como as tensões ocorridas nesse processo, entre os anos de 1934 a 1937 no Rio de Janeiro e 1949 a 1951 na Colômbia. Em seguida, ilustraremos como os dirigentes envolvidos em ambos os processos influenciaram no olhar da imprensa carioca e colombiana, destacando as relações existentes entre ambos os lados. E, na última parte do capítulo, trataremos sobre a influência dos governos no período, principalmente em relação às políticas que possuíam o esporte como foco específico e que se relacionaram com o desenvolvimento do profissionalismo do futebol no Rio de Janeiro e na Colômbia.

Para encerrar, analisaremos no terceiro capítulo como se configurou o cenário posterior à profissionalização, tanto no Rio de Janeiro quanto na Colômbia. Na primeira parte, debateremos a importância da criação do CND em 1941 no Brasil, como forma de centralizar as práticas esportivas no Rio de Janeiro e em todo o país. Já sobre a Colômbia, analisaremos o Pacto de Lima promulgado em 1951, assim como todos os seus efeitos até 1954, tendo esse sido importante para a regularização do futebol em todo território nacional. Na segunda parte, trataremos sobre o desenvolvimento de um “futebol espetáculo” a partir de sua profissionalização. Como a profissionalização estimulou a espetacularização desse esporte em ambas as localidades, de forma que aflorasse a identidade nacional em nos dois casos? Destacaremos assim, como se deu o avanço desse processo que já se desenhava em décadas anteriores em terras cariocas e colombianas. E, para concluir, explicitaremos as possíveis mudanças que o profissionalismo gerou no que diz respeito à popularização do futebol. Teria esse esporte se tornado mais popular a partir da sua profissionalização? Pretendemos

problematizar essa questão, comparando os dois casos e destacando as construções surgidas por esse esporte que, de diferentes formas, ajudaram a desenvolver uma identidade pelo futebol no Rio de Janeiro e na Colômbia. Essas serão as principais discussões que realizaremos no decorrer da dissertação.

Portanto, tendo como base um objeto em comum, que é a profissionalização do futebol, em dois diferentes espaços, o Rio de Janeiro e a Colômbia, essas são algumas das problemáticas que pretendemos abordar nesta pesquisa comparada. Como afirma Bloch, "a história comparada é capaz de nos revelar interações anteriormente desconhecidas entre as sociedades humanas" (BLOCH, 1998, p. 140). Estudar a profissionalização do futebol em ambos os casos permite lançar uma luz sobre os países abordados a partir do esporte, assim como melhor compreender o contexto em que ambos estão inseridos, que é a América do Sul.

Esperamos demonstrar o quanto às ressignificações presentes nos dois casos foram importantes para a definição do futebol enquanto um "esporte espetáculo" e "símbolo de identidade" nas duas localidades, sendo o cenário híbrido, proposto aqui principalmente a partir das teorias de Canclini (2015), uma fértil alternativa para entendermos os objetos.

Capítulo I: "Amadorismo marrom" e a profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1934) e na Colômbia (1948-1949)

I. I *De amador para profissional: antecedentes e a formação da LCF (1933) e da Dimayor (1948)*

Tanto na profissionalização do futebol ocorrida no Rio de Janeiro, a partir de 1933, quanto na Colômbia, iniciada em 1948, houve disputas pelo poder do futebol entre as diferentes entidades e dirigentes dessas localidades. Tais disputas caracterizam as tensões que já se formavam no campo esportivo de cada objeto, anos antes de ser concretizada a profissionalização. No caso do Rio de Janeiro, os debates entre amadorismo e profissionalismo no futebol já rodeavam a sociedade há mais de uma década. Já na Colômbia, a profissionalização no país ocorreu de forma tardia, tendo em vista que foi "apenas" em 1948, período em que o futebol já era profissional na maioria dos países sul-americanos vizinhos. Assim, trataremos como os ideais da profissionalização se difundiram em ambas as localidades aqui estudadas, comparando suas diferenças e semelhanças, assim como as inter-relações e as influências que o caso do Rio de Janeiro pôde ter gerado para o colombiano, considerando que esse último se deu cerca de quinze anos após o caso carioca.

No Rio de Janeiro, já no início da década de 1920 se inicia um forte debate sobre a importância de se profissionalizar o futebol. Porém, a resistência a favor do amadorismo realizada por determinados grupos sociais ligados ao esporte, além do debate racial que viria a se fortalecer no futebol a partir da vitória do Campeonato Carioca de 1923 pelo Vasco da Gama (MORAES, 2014), postergariam por uma década a profissionalização na cidade.

Assim como outras práticas esportivas que foram trazidas para o Brasil no século XIX pela influência europeia (MELO, 2001), notadamente inglesa, o futebol conquistou seu espaço na sociedade carioca desde os seus primórdios na cidade. Inicialmente, ficou marcado por um discurso elitista, mesmo sendo esse um esporte já profissional e bastante popularizado em sua nação de origem, a Inglaterra. Entretanto, já a partir das décadas iniciais do século XX, é possível perceber uma maior entrada de jogadores das classes populares nas equipes de futebol carioca, em sua maioria trabalhadores das diversas fábricas que se disseminavam pela cidade, o que gerou discussões entre os organizadores e dirigentes do esporte no período (SANTOS JÚNIOR, 2014, p. 14-15).

Como já demonstraram outros autores (PEREIRA, 2000; SANTOS JUNIOR, 2011; SANTOS, 2012), já em seus primórdios existiam clubes que possuíam em seus quadros esportivos jogadores negros, operários ou de classes populares, como os casos emblemáticos do Bangu Athletic Club e do Andarahy Athletico Club (SANTOS JUNIOR, 2014), no Rio de Janeiro. Mas as discussões em torno desse cenário se aflorariam de forma mais acentuada nos anos 1920, quando o Vasco da Gama se sagraria campeão carioca em 1923, com uma equipe formada em grande parte por jogadores negros e trabalhadores.

Até 1922, praticamente todos os títulos do Campeonato Carioca, iniciado em 1906, haviam sido conquistados por algum dos principais clubes considerados de elite na cidade, que eram o Fluminense Football Club, o Botafogo Football Club, o Clube de Regatas do Flamengo e o America Football Club. Até então, apenas um clube que não fosse um desses quatro havia se sagrado campeão carioca, em 1912. Tratava-se do Paysandu Cricket Club. Nesse ano haviam ocorrido duas competições, uma organizada pela Liga Metropolitana de Sports Athléticos (LMSA), e outra organizada pela recém fundada Associação de Football do Rio de Janeiro (AFRJ), tendo sido o Paysandu e o Botafogo os campeões de cada uma respectivamente[32]. Mesmo nessa exceção, é válido destacar que, assim como os outros clubes citados, o Paysandu também era um clube de elite, oriundo da zona sul carioca.

Dessa forma, podemos perceber que até 1922 as principais ligas[33] do futebol carioca eram completamente dominadas pelos clubes considerados de elite. Mas, assim como os já citados Bangu e Andarahy, outros clubes do subúrbio começaram a surgir no período, também possuindo em seus elencos jogadores negros e de classes populares. Muitas foram as equipes que passaram a ter jogadores oriundos de classes populares em seus planteis, em sua maioria trabalhadores das fábricas espalhadas pela cidade que começavam a praticar o futebol como forma de divertimento e lazer (SANTOS JÚNIOR, 2014, p. 14-15).

Entre esses muitos casos, destacamos os dos clubes São Cristóvão de Futebol e Regatas, campeão carioca de 1926, e do Clube de Regatas Vasco da Gama, campeão em 1923. E é exatamente o Campeonato Carioca de 1923, vencido pelo Vasco da Gama, que definiu um marco nos debates sobre “amadorismo e profissionalismo” no futebol do Rio de Janeiro. A equipe vascaína havia acabado de ser promovida para a primeira divisão da competição, após ter sido campeã da divisão inferior em 1922. E logo em seu ano de estreia,

---

[32] Maiores informações sobre os campeonatos de 1912, ver Leonardo Pereira (2000, p. 110, nota 37).

[33] Não devemos esquecer que, além dos campeonatos citados, existiam outras competições de futebol em seu âmbito amador espalhadas pela cidade.

alcançou o título de campeão, o que gerou uma grande crise entre aqueles clubes que, como demonstramos, possuíam o "domínio" do futebol carioca até então.

Já foram realizadas importantes investigações acadêmicas sobre essa temática, ilustrando seus efeitos e repercussões na sociedade carioca de então (MORAES, 2014; SANTOS, 2012; MALAIA, 2010; SOARES, 1998). Mesmo não sendo um clube que pudéssemos chamar de "popular", tendo em vista que representava uma elite da localidade em que estava inserido, o fato de possuir jogadores negros e trabalhadores em seu elenco campeão, favoreceu para o Vasco da Gama posteriormente se tornar um exemplo de equipe da "democracia racial". O enquadramento nesse discurso demonstrava o quanto à entrada de negros no futebol brasileiro poderia ser benéfica. Tal discurso foi construído e perpetuado no decorrer da década de 1930, principalmente, pelo jornalista Mario Rodrigues Filho (2003), a partir de sua atuação em periódicos e, posteriormente, com a publicação da clássica obra *O Negro no futebol Brasileiro* (1947, ano da 1ª edição), assim como pelos escritos do sociólogo Gilberto Freyre[34].

Vários são os trabalhos e debates já ocorridos na academia sobre os usos e apropriações realizadas sobre a famosa obra de Mario Rodrigues Filho[35]. Neste trabalho, consideramos a hipótese proposta por Soares (1998) como sendo a mais adequada, em que destaca a questão "racial" por si só como um fator que não foi preponderante para a vitória vascaína em 1923, mas sim parte de uma construção realizada no discurso de Mario Rodrigues Filho (2001 p. 13-50). Como demonstra Hugo Moraes,

> (...) o provável "segredo" do sucesso do Vasco da Gama em 1923 não foram os jogadores negros marcados por uma "habilidade característica" à raça. Campo de treinamento com concentração, treinos diários com uma intensa preparação física, a contratação de um técnico experiente e as premiações dadas aos jogadores revelam que o Vasco da Gama organizou uma estrutura "profissional" determinante para o bom desempenho da equipe sobre os outros times, que não mantinham a mesma disciplina esportiva. (MORAES, 2014, p. 144-145)

Com isso, podemos definir que os fatores que fizeram o Vasco da Gama se tornar o campeão carioca de 1923, muito mais que questões relacionadas à "raça", eram inerentes a profissionalização do futebol que começava a se desenvolver na cidade. Esse cenário passou a

---

[34] Ver FREYRE, Gilberto. *Foot-ball mulato*. In: *Diário de Pernambuco*, 18 de junho e 1938; e FREYRE, Gilberto. *Prefácio*. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro.* Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

[35]Para mais informações, ver Antônio Jorge Soares (1998) e Ronaldo Helal, Antônio Jorge Soares e Hugo Lovisolo (2001).

entrar em contraste com a prática amadora até então defendida pelos chamados "clubes de elite". Como forma de recuperar o prestígio abalado, esses clubes buscaram uma reformulação no futebol carioca, que resultou na desfiliação dessas equipes da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT)[36] para a formação de uma nova entidade, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) (MORAES, 2014, p. 161). Nessa nova entidade, eram exaltados os ideais do amadorismo, mesmo com o futebol a cada dia se tornando mais profissional. Porém, exaltar as características e os valores do esporte amador era uma estratégia de manter o poder e o domínio no esporte. Como destaca Moraes

> (...) essa defesa do amadorismo era uma forma de se restabelecer o comando moral e político do futebol. Associados a este discurso, outros fatores foram agregados, fortalecendo a posição dos clubes dissidentes em relação aos outros clubes ainda filiados à LMDT (MORAES, 2014, p. 161).

Portanto, o contexto dos anos 1920 se tornou fundamental para o entendimento do processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro. As disputas geradas em 1923 causaram, inclusive, a saída do Vasco da Gama do campeonato organizado pela AMEA[37], que era dominado pelos clubes da elite da cidade que buscavam "vetar" a profissionalização que se expandia. Ainda nessa década, se popularizou a prática que ficaria conhecida como "amadorismo marrom"[38] (DRUMOND, 2009a, p. 218). Muitos jogadores, mesmo sendo o futebol um esporte ainda amador oficialmente, recebiam os famosos "bichos", que eram premiações e pagamentos de acordo com as partidas, as vitórias ou títulos alcançados.

A partir de então, se desenhou o cenário que resultaria na profissionalização definitiva do futebol no Rio de Janeiro em 1933. Existem duas versões que são apontadas como causas principais para o futebol ter se profissionalizado na capital brasileira nesse período. A primeira é referente ao êxodo de jogadores que passou a ocorrer no país. Mesmo com o dinheiro que conseguiam no já explicitado "amadorismo marrom", muitos atletas passaram a se transferir para países onde o futebol já era praticado de forma profissional, como Espanha, Itália e até países latino-americanos, como os vizinhos Argentina e Uruguai.

Um dos casos mais famosos no período foi o da saída dos jogadores do Vasco da Gama. O clube havia saído para excursionar por volta de um mês pelo continente europeu e, após esse período, teve dois de seus principais atletas contratados pelo Barcelona, da Espanha,

---

[36] Entidade responsável pela organização do Campeonato Carioca de futebol em 1923.

[37] Mais informações, ver João Malaia (2010) e Hugo Moraes (2014).

[38] Em outras localidades, essa prática ficou conhecida por outros termos, como "profissionalismo marrom", "profissionalismo dissimulado", entre outros.

que foram o goleiro Jaguaré e o meia Fausto (MALAIA, 2010, p. 369-383). Outros brasileiros também foram atuar no futebol italiano no princípio dos anos 1930, com destaque para Filó, Del Debbio, Serafini, Pepe, Ministrinho, Nininho e Ninhão (DRUMOND, 2009a, p. 218). Para o Uruguai, jogadores como Feitiço, Manoel Rabello, Luiz Luz, Oswaldo Silva, Carlito Kerbergs, Bahia e Leônidas da Silva haviam ido para o Peñarol, enquanto Domingos da Guia e Patesko foram para o Nacional de Montevidéu (MALAIA, 2010, p. 409-410). Domingos ainda iria atuar pelo Boca Juniors da Argentina, assim como outros brasileiros (MALAIA, 2010, p. 407-409).

Essa hipótese nos leva a crer que o fato de não possuir um futebol profissional "oficializado", mesmo já existindo o "amadorismo marrom", teria facilitado a saída de alguns importantes jogadores para países onde o esporte já havia deixado de ser amador. Poder realizar a prática esportiva com as garantias que possuíam qualquer trabalhador, teria sido um grande atrativo para esses atletas que buscam trabalhar pelo futebol.

Apesar de considerarmos a importância histórica desses fatos, entendemos que a segunda hipótese foi mais preponderante e significativa na geração do processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro, assim como em outros casos similares ocorridos em boa parte do país. Trata-se do "dissídio esportivo", onde as mudanças ocorridas no cenário político do país, após a chegada de Getúlio Vargas a presidência em 1930 (DRUMOND, 2014, p. 75), teriam refletido nas disputas pelo poder do futebol no Rio de Janeiro. Não que o presidente teria diretamente influenciado de alguma maneira nesse processo, mas sim que, após a sua entrada ao poder, ocorreu uma reconfiguração no comando das principais entidades do futebol, que resultaram na profissionalização. Como a cidade do Rio de Janeiro era a capital do país no período e sede da CBD, naturalmente os debates sobre a política nacional, assim como sobre o futebol, refletiam primeiramente na sociedade carioca do que em outras localidades do país.

Até então, a entidade máxima do futebol nacional era comandada por um grupo ligado a Arnaldo Guinle, importante dirigente vinculado ao Fluminense e membro de uma das famílias mais ricas e influentes do país. Antes da década de 1930, esse grupo mantinha o poder político da CBD, entidade que Guinle presidiu entre 1016 e 1920. Porém, a partir da ascensão varguista, novos nomes ascendiam como detentores do poder no futebol, tendo Guinle e seus aliados ficado em "segundo plano". Esse novo grupo possuía também importantes figuras da sociedade e da política nacional, como os dirigentes João Lyra Filho, Rivadavia Corrêa Meyer e Luiz Aranha, sendo esse último oriundo do Rio Grande do Sul (assim como Vargas) e irmão de Oswaldo Aranha, um dos integrantes principais do Clube 3

de Outubro[39].Além disso, Luiz Aranha se tornaria, inclusive, presidente da CBD entre os anos de 1936 e 1943, o que ilustra o poder que passaram a obter na entidade. O fato de ter sido irmão de Oswaldo Aranha, que era amigo pessoal de Getúlio Vargas e ministro de seu governo, explicita ainda mais a relação próxima que Luiz Aranha possuía com o presidente do período retratado[40].

Com isso, a profissionalização foi uma opção que, mais que evitar um êxodo maior dos jogadores brasileiros para o exterior, permitiria que o antigo grupo detentor do poder no futebol nacional, liderado por Arnaldo Guinle, pudesse buscar novamente seu espaço político no esporte, rivalizando com o predomínio dos novos dirigentes na CBD. Guinle e seus aliados, que outrora haviam defendido com "unhas e dentes" o amadorismo, como forma de vetar o profissionalismo que se expandia a partir do título do Vasco da Gama em 1923, agora enxergavam na profissionalização do futebol a única opção de retomarem o domínio político do futebol carioca e nacional.

Nesse momento que, em janeiro de 1933[41], foi fundada a Liga Carioca de Football (LCF), a primeira entidade de futebol profissional do Rio de Janeiro. Tal iniciativa se deu a partir de um movimento liderado por Arnaldo Guinle, Antônio Avellar e Ary Franco[42], dirigentes ligados respectivamente aos clubes Fluminense, America e Bangu, que juntos do Vasco da Gama, foram as equipes fundadoras da instituição. Dos grandes clubes, apenas o Botafogo e o Flamengo[43] haviam se oposto aos ideais da profissionalização, permanecendo ambos na liga amadora da AMEA. Porém, ainda em maio de 1933, o Flamengo também se filiou à liga profissional que emergia[44], assim como o São Cristóvão (NAPOLEÃO, 2006, p. 103).

O Botafogo foi o único dos grandes que permaneceu na AMEA, já que estava inserido no novo contexto de domínio político do esporte na cidade, principalmente a partir da ligação com as figuras de Rivadavia Corrêa Meyer (SOUZA, 2008, p. 42-43), João Lyra Filho e Luiz Aranha (DRUMOND, 2014, p. 75). Com isso, a partir de 1933 dois campeonatos passavam a

---

[39] O Clube 3 de Outubro foi criado em 1931 pelos integrantes do movimento tenentista que, no ano anterior, havia apoiado a revolução que resultou na deposição do então presidente Washington Luís e na entrada de Getúlio Vargas ao poder. Entre seus integrantes principais, se encontrava Oswaldo Aranha, irmão de Luiz Aranha, que na fundação do clube havia assumido o posto de terceiro vice-presidente. Maiores informações ver <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Clube3Outubro>, acessado em 22/03/2016.

[40]Como destaca Maurício Drumond (2014), Vargas se referia a Luiz Aranha como "Lulu" Aranha, demonstrando a intimidade existente entre ambos. Mais informações, ver Getúlio Vargas (1995).

[41]*A Noite*, 24 de janeiro de 1933, p. 8.

[42]*A Noite*, 24 de janeiro de 1933, p. 8.

[43]*A Noite*, 24 de janeiro de 1933, p. 8.

[44]*A Noite*, 13 de maio de 1833, p. 8.

ocorrer simultaneamente no Rio de Janeiro, um amador organizado pela AMEA, e que nesse ano foi vencido pelo Botafogo, e outro profissional organizado pela LCF, que teve o Bangu como o primeiro campeão profissional da história.

É válido destacar que o campeonato profissional da LCF não era considerado "oficial", já que a entidade não era filiada a CBD e, assim, não era reconhecida pela Conmebol e pela FIFA. Essa situação é muito parecida com a que ocorreria a partir de 1949 com a liga profissional na Colômbia, a *Dimayor*, que será demonstrada na sequência deste trabalho.

Os reflexos da profissionalização do futebol no Rio de Janeiro começaram a se espalhar por outros estados do país. Logo após a fundação da LCF, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), que era a entidade de São Paulo filiada a CBD, se desvinculou da entidade nacional e também adotou ao regime profissional. Depois, a Federação Fluminense de Football, que representava o estado do Rio de Janeiro, a Liga Mineira, representante de Minas Gerais, e a Federação Paranaense de Desportos, que representava o Paraná, também passaram a apoiar o regime profissional. Com a união de todas essas federações, foi criada ainda em 1933 a Federação Brasileira de Football (FBF), que passou a ser a principal entidade do futebol profissional, rivalizando com a CBD (DRUMOND, 2009a, 219).

A partir de então se fortaleciam as disputas que nos anos que se seguiram caracterizariam o futebol carioca e brasileiro. Com a criação da LCF e, logo após, da FBF, a CBD passou a rivalizar com essas entidades pela manutenção da lógica amadora no esporte. É válido destacar que nesse contexto não só o futebol, mas também outras práticas esportivas passavam por um momento de profissionalização[45], o que caracteriza uma mudança no cenário social das práticas esportivas pelo país.

Já no caso da Colômbia, podemos ver que a profissionalização do futebol se deu de forma bem mais tardia que no Brasil, tendo sido o processo uma alternativa para diminuir o "atraso" do país no esporte. E o avanço do futebol em outras nações vizinhas, como o próprio Brasil, Argentina e Uruguai, serviram de exemplo para os colombianos em 1948.

O futebol no país já existia bem antes de sua profissionalização ocorrer. Assim como no Rio de Janeiro, esse esporte chegou a terras colombianas a partir do contato com os ingleses, que vinham para a América do Sul para comercializarem seus produtos ou expandirem suas indústrias. Essas características que nos estimulam a pensar os dois cenários deste trabalho a partir do prisma conceitual proposto por Canclini, em relação à questão

---

[45] *Jornal do Brasil*, 20 de janeiro de 1934, p. 24.

conceitual do hibridismo cultural. Já que o futebol havia surgido como uma "cultura moderna" exportada dos britânicos, o que a profissionalização teria modificado nesse cenário, no Rio de Janeiro e na Colômbia? Quais as ressignificações teriam ocorrido, em relação a sua organização, regras e participação popular? Essas e outras questões nos fazem pensar o objeto para buscar o entendimento desse novo cenário, tanto carioca como colombiano, constituído após o futebol se profissionalizar.

Assim como no Brasil, existem vários "mitos" sobre o surgimento do futebol na Colômbia[46]. Não é nosso interesse dissertar sobre cada uma dessas teorias, ainda mais considerando que nem todas possuem comprovação empírica. Nosso objetivo principal é entendermos como o futebol foi apropriado pelos colombianos, passando de uma cultura europeia para uma prática popular, profissional e sinônimo de identidade[47] no país. Como destaca David Quitián, apesar de também possuir como origem da chegada do futebol o contato com os britânicos, diferente de seus vizinhos sul-americanos, a difusão interna do esporte pelo país possui características singulares, pois

> O futebol na Colômbia não se diferencia em suas origens do que se desenvolveu no resto da América Latina: chega aos barcos e é ensinado por ingleses que o expandem com a construção de ferrovias. A singularidade do país é que esse esporte também se propaga em lombo de mula e a bordo de canoas em rios. Futebol e modernidade se consolidam com aportes mútuos; cada um contribui ao outro. A modernidade encontra potência em sua mensagem através do esporte e futebol se serve da cosmogonia moderna para se desenvolver. Este processo de consolidação transforma o passatempo de cunho nobiliário em um espetáculo abraçado com fervor pelas massas. Com sua popularização modificou-se sua lógica de representação e surgem os primeiros pagamentos (reconhecimentos econômicos) para os jogadores que começaram a se especializar com rotinas de treinamento. Surge assim o futebol marrom: a "dobradiça" entre os futebolistas de "natillera" (que repartem a botina da bilheteria) e os profissionais assalariados em virtude do estabelecimento de um torneio com uma dinâmica de negócio (QUITIÁN, 2015, p. 236, tradução nossa).

No início do século XX, o futebol havia sido apropriado como forma de distinção por determinados clubes sociais de elite no país. Tais clubes possuíam regras distintas, estabelecendo determinados padrões sociais para as classes que os frequentavam. Durante muito tempo, inclusive, as mulheres eram proibidas de frequentarem esses espaços, já que "os jogos de cartas e as bebidas alcóolicas, elementos comuns nestes estabelecimentos, não estavam de acordo com a posição moral que a sociedade destinava a mulher" (MONJE, 2011,

[46] Mais informações, ver David Quitián (2015).

[47] Entendemos o conceito de identidade cultural e nacional a partir da obra de Stuart Hall (2005).

p. 79, tradução nossa). Esses debates fortaleciam as questões do período sobre o "público" e o "privado", onde tais clubes fortaleciam um estigma de manterem um ambiente que não poderia ser alcançado por qualquer um que vivia na sociedade.

Camilo Monje nos destaca que existiam três diferentes tipos de clubes sociais na Colômbia: o clássico, o campestre e o de colônias estrangeiras (MONJE, 2011, p. 82). Como destaca o autor,

> O primeiro, o que chamamos clássico, resulta o tipo de clube mais antigo da Colômbia. Falamos, entre outros, do Club del Comercio de Bucaramanga, do Gun e do Jockey Club de Bogotá, do Club Unión de Medellín e do Club Barranquilla, estabelecimentos que se fundaram nas últimas décadas do século XIX. (...) O clube campestre, em segundo lugar, se funda sempre fora da cidade com o fim de dispor de um terreno amplo que resulte propicio para a prática de diferentes esportes. Com este nome ou com o de *country club*, encontramos diferentes estabelecimentos nas cidades mais importantes da Colômbia. (...) Os clubes campestres, pioneiros na organização de torneios esportivos, propiciam o surgimento de novas sociabilidades, que giram, precisamente, em torno do esporte. (...) Imigrantes ou colonos estrangeiros, em terceiro lugar, começam a se reunir em seus próprios clubes na primeira década do século XX. Referímo-nos, entre outros, ao Club Alemán, o Club Italiano, o Club Alhambra e o Centro Español de Barranquilla, o Club La Popa em Cartagena e o Club Colombia em Cali. (...) Esta classe de clube, em outras palavras, recria sabores e cheiros, espaços e sons que se creem já perdidos (MONJE, 2011, p. 82-83, tradução nossa).

Em clubes como esses que, aos poucos, o futebol foi ganhando seu espaço, sendo então definido, pelo menos na aparência, como uma prática das "classes superiores". A ausência de uma grande imigração estrangeira, fez com que os clubes que se enquadram na terceira classe que demonstramos acima, não possuíssem "vida longa". Assim como os discursos modernizantes e elitistas construídos nos clubes de origem colombiana, também não puderam por muito tempo impedir a "mistura" entre o âmbito público e algumas de suas atividades privadas. Como nos destaca David Quitián,

> O embrião dos clubes não frutificou: nem em sua vocação de distinção elitista nem muito menos em sua versão esportiva. Os clubes sobreviveram com referente moderno, europeu, civilizado; porém sua existência foi mais ideológica e retórica que concreta. A diferença do ocorrido em Buenos Aires no princípio do século passado, em que sua população majoritariamente estava composta por imigrantes (italianos, espanhóis e ingleses), assentados em bairros específicos, onde criaram clubes de grande vigor social que vieram a prosperar equipes atléticas, principalmente do futebol; na Colômbia não houve clubes esportivos propriamente ditos: só existiram nominalmente porque iniciavam seus nomes com o anglicismo "club" ou porque suas razões sociais se escreviam em inglês (QUITIÁN, 2015, p. 228, tradução nossa).

Portanto, por mais que seja importante destacar a posição dos clubes sociais para o desenvolvimento do futebol na Colômbia, não foi apenas em seus espaços internos que o esporte começou a se popularizar por todo o país. Já nas décadas de 1910 e 1920, começaram a surgir alguns dos que até hoje são os clubes de futebol mais importantes da Colômbia, como o Independiente Medellín, de 1914, e o América de Cali, de 1927 (QUITIÁN, 2015). Aumentou-se o número de campeonatos e o investimento estatal para com o esporte, destacando a importância que essas práticas passariam a ter desde então para a política do país (GOMES, 2014a, p. 49-53). Como destaca Ruiz Patiño, o desenvolvimento do futebol está extremamente ligado ao processo de transformações que consolidam a nação colombiana,

> (...) especialmente com a consolidação de uma elite social e política no meio de importantes mudanças na estrutura agrária da fazenda, tudo isso no contexto do projeto centralizador e agroexportador, assim dizer, que o surgimento ou consolidação do que poderia denominar-se uma incipiente burguesia nacional, com as transformações econômicas e políticas que isso implica, se encontra o centro do surgimento dos esportes como um assunto político e sociológico de vital importância (RUIZ PATIÑO, 2009, p. 31-32, tradução nossa).

Na década de 1930, se inicia o período que conhecemos no futebol colombiano como "amadorismo marrom" (QUITIÁN, 2015). Nesse contexto, o país passava por uma forte mudança política. Depois de décadas sendo governado pelo Partido Conservador, em 1930 o Partido Liberal voltava a ter um presidente na Colômbia, iniciando o período da República Liberal que duraria até 1946[48]. E é durante esse período que se disseminará pelo futebol do país a prática do "amadorismo marrom", durando até 1948, ano que como demonstraremos ocorre a profissionalização do futebol.

Assim como já explicitamos no caso brasileiro, o "amadorismo marrom" era a forma encontrada por aqueles que buscavam viver do futebol ainda no período amador, de forma que pudessem ganhar dinheiro com essa prática. Entretanto, em seus primórdios na Colômbia, tal ação era taxada como "imoral" e "deselegante" com os ideais outrora propostos pela lógica amadora no esporte. Com o avanço de competições regionais pelo país, houve um aumento da prática do esporte que estimulou o ganho por parte dos atletas (QUITIÁN, 2015). Esse cenário também estimulou uma melhoria dos campos, estádios e foi construindo a figura do

[48] Maiores informações, ver David Bushnell (2012, p. 261-286).

“torcedor de futebol” colombiano, o que ilustrava uma clara consolidação do campo esportivo do país.

Assim, surgiam também as rivalidades que, a partir de 1948 com a profissionalização, se expandiriam com toda força pelo território nacional. A espetacularização desejada pelos dirigentes que acompanhavam essa expansão do futebol, era freada pelo amadorismo e pela má administração da entidade que regia o esporte até então, que era a *Asociación Colombiana de Fútbol* (*Adefútbol*)[49]. Além disso, a profissionalização chega a um momento singular da história do país, marcado por fortes disputas políticas.

Em 1946, após dezesseis anos, foi eleito como presidente na Colômbia o conservador Mariano Ospina Pérez, acabando assim com o período de domínio político liberal no país. Dois anos depois, um fato mudaria completamente os rumos da história colombiana no século XX. Três meses antes da formação da *División Mayor* (*Dimayor*), entidade que ficaria responsável pelo futebol profissional colombiano, ocorreu o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán, principal líder do Partido Liberal do país, em 9 de abril de 1948[50].

A morte de Gaitán modificou muitos aspectos da vida social e política na Colômbia. Esse ocorrido foi o início de uma série de atentados e atos de violência na capital Bogotá, que ficaram conhecidos fora da Colômbia como “*Bogotazo*” e no país como “*el 9 de abril*”[51] (BUSHNELL, 2012, p. 288). Desde 1946 já eram recorrentes os casos de violência política espalhados pelo país, entre liberais e conservadores. Isso desmente as teorias de que teria sido a morte de Gaitán que teria gerado o aumento da violência na Colômbia. Pelo contrário, num primeiro momento sua morte teria inclusive causado a interrupção momentânea da violência entre conservadores e liberais na capital Bogotá, violência essa que já era recorrente desde a chegada de Mariano Ospina Pérez a presidência (BUSHNELL, 2012, p. 291). Entretanto, posteriormente esses ocorridos retornaram por todo o país com mais força do que anteriormente, estimulando o que ficou conhecido na história colombiana como o período de *La Violencia*[52], considerado por muitos pesquisadores como um período de Guerra Civil não declarada entre os dois principais partidos do país, até o fim dos anos 1950 (BUSHNELL, 2012, p. 291). Como demonstra Hylton,

> Em geral, *La Violencia* foi uma grande regressão histórica na qual as hostilidades partidárias impediram não só o legado do populismo de Gaitán, mas também a oportunidade de políticas de classe independentes baseadas

[49]*El Colombiano*, 12 de julho de 1948, p. 8.
[50]*El Tiempo*, 16 de abril de 1948, p. 1 e 9.
[51]*El Tiempo*, 16 de abril de 1948. p. 2.
[52]*l Bateo*, 24 de abril de 1948, p. 1.

> no campesinato, nos artesãos, no proletariado e em frações importantes da classe média. Esse fato gerou novas formas de terror. No século XIX, os termos do combate militar foram acordados, mas durante *La Violencia* não foi respeitada nenhuma regra ou limite que protegesse adultos não combatentes e crianças. Apesar de sua geografia coincidir significativamente com as fronteiras cafeeiras estabelecidas em finais do século XIX e início do século XX, como demonstra o caso de Antioquia, *La Violencia* era mais que um aumento generalizado da concorrência bipartidária e do conflito em torno do clientelismo, da divisão de votos, da distribuição de terras e do controle do trabalho e dos recursos (HYLTON, 2010, p. 82-83).

Tendo esses embates políticos como "plano de fundo", ocorreu em 26 de junho de 1948 a primeira reunião com a intenção de se fundar uma liga profissional de futebol na Colômbia. Esse encontro se deu em Barranquilla, que era também a cidade sede da *Adefútbol*, entidade principal do futebol do país até então, como já demonstramos. Movido por interesses de vários clubes, insatisfeitos com a organização do futebol no país e que buscavam transformar o esporte em um "espetáculo rentável", nessa assembleia foi fundada a *Dimayor*[53], entidade que passaria a organizar o futebol colombiano no âmbito profissional. Como destaca López Vélez, essa reunião contou com a participação de dirigentes das equipes que pretendiam adotar o regime profissional, assim como de representantes das ligas de futebol regionais existentes pelo país, tendo sido Bogotá escolhida como a cidade-sede da entidade (LÓPEZ VÉLEZ, 2004, p. 125).

A partir de uma segunda assembleia[54], ocorrida em 17 de julho de 1948 em Bogotá, ficou estabelecido que o primeiro campeonato profissional nacional de futebol ocorreria no país já a partir de agosto desse mesmo ano, assim como foram criados os estatutos e regulamentos da nova entidade. De início, foi estabelecida uma regra onde atuariam apenas duas equipes por cidades de departamentos que possuíam estádios regulamentados para a competição[55]. A exceção foi a equipe do Universidad que, apesar de ser da capital Bogotá, entrou no campeonato por cumprir seus jogos na cidade de Pereira. Todavia, no decorrer da competição a equipe voltou a realizar suas partidas na capital federal (GOMES, 2014a, p. 65-66).

Com isso, o departamento de Cundinamarca, que possui a cidade de Bogotá como sua capital, contou com três times nesse primeiro campeonato profissional do futebol colombiano, tendo atuado na competição, além do Universidad, as equipes do Millonarios e do Independiente de Santa Fé, todas sediadas na capital federal. Além dessas, outras sete equipes

---

[53]*El Colombiano*, 12 de julho de 1948, p. 8.
[54]*El Tiempo*, 19 de julho de 1948, p. 11.
[55]*El Tiempo*, 19 de julho de 1948, p. 11.

jogaram essa primeira edição do campeonato organizado pela *Dimayor*: Atletico Municipal (Medellín – Antioquia), Independiente de Medellín (Medellín – Antioquia), Deportivo Cali (Cali – Valle del Cauca), America (Cali – Valle del Cauca), Once Deportivo (Manizales – Caldas), Deportes Caldas (Manizales – Caldas) e Junior (Barranquilla – Atlántico).

A regra de duas equipes por departamento causou alguns problemas inicialmente. A *Fedefútbol*, federação do departamento de Antioquia (que possui a cidade de Medellín como capital), por exemplo, se demonstrou contra o regulamento, como podemos ver:

> Como havíamos informado em uma de nossas edições anteriores, a assembleia geral de dirigentes de equipes afiliadas a *Liga Mayor*, iniciou os trabalhos em 15 do corrente na capital da República. (...) Temos sido informados que nas celebrações de ontem, os encarregados dos conjuntos profissionais antioquenhos se retiraram da assembleia, por não estarem de acordo com o resto de desportistas profissionais do país que propuseram a filiação de somente duas equipes profissionais por cada departamento. Oportunamente daremos mais detalhes sobre essa assembleia de equipes que "cobram por jogar e jogam por cobrar" (...)[56]

Entretanto, mesmo com algumas divergências iniciais, a competição ocorreu. No decorrer do campeonato foi possível se notar o quanto o futebol rentável na Colômbia passava a atrair mais e mais pessoas, mantendo a lógica do espetáculo idealizada pelos fundadores da *Dimayor*. A imprensa não ignorou o campeonato de futebol profissional que surgia no país. Foram diversas as reportagens, crônicas e manchetes que exaltavam a *Dimayor* e seu campeonato. O periódico *El Colombiano*, de Medellín, tratou assim sobre a chegada do futebol profissional no país:

> Uma luminosa manhã dominical levou os apaixonados por futebol de Antioquia até o formoso coliseu hípico de San Fernando em Itagüi, para presenciar em seu grande campo de futebol o sensacional encontro entre as esquadras profissionais Universidad Nacional, de Bogotá, e Atlético Municipal, dessa localidade. Indubitavelmente, o dia de ontem constitui para o esporte nacional uma clássica data, já que foi o começo de uma nova etapa de nosso *balompié* que passou da escala amadora para o estrelato do profissionalismo (...) Atlético venceu a Universidad por 2 gols a 0. Esteve muito concorrido o jogo no campo de Itagüí. Carlos Rodríguez (Pássaro) e Rafael Serna, autores dos primeiros gols do campeonato de futebol não amador que se iniciou ontem na Colômbia, com os quais rubricaram o triunfo de sua equipe. O Atlético Municipal, sobre o da Universidad Nacional.[57]

---

[56]*El Colombiano*, 19 de julho de 1948, p. 8, tradução nossa.

[57]*El Colombiano*, 16 de agosto de 1948, p. 10, tradução nossa.

A lógica espetacularizada do futebol que se desenvolvia no país, estimulava a população que era aficionada pelo esporte, onde passaram a frequentar ainda mais os estádios colombianos, com o interesse que despertaram pela nova liga profissional[58]. O incentivo político também era notável, considerando a possibilidade de se alcançar pelo futebol (assim como por outras manifestações culturais) uma unidade nacional em tempos de divisão política no país (RACINES, 2011a, p. 123). Esses fatos destacam a importância social que o futebol passava a ter nesse novo cenário, agora profissional.

Com essas mudanças no futebol a partir de sua profissionalização, se faz possível pensarmos a realidade colombiana pelo conceito do "hibridismo cultural" de Canclini (2015). Marcada historicamente por uma forte imposição da cultura colonizadora espanhola, e tendo sofrido também uma grande influência da cultura britânica que se disseminava pelo mundo no século XIX, a Colômbia pode reconfigurar seu espaço social a partir de diversas práticas culturais, entre elas o futebol. Com a profissionalização do futebol, foram deixadas de lado muitas das características "inglesas" trazidas para o país na virada do século XIX para o XX, tendo sido forjada uma nova forma de vivenciar e formar espetáculos pelo esporte a partir do contato com a cultura colombiana. Esse cenário seria ainda mais ressignificado com a chegada dos atletas estrangeiros que viriam atuar no futebol profissional do país, como ilustraremos na sequência do trabalho.

Antes do início da competição, o time do Millonarios era considerado pela imprensa especializada como a principal equipe para conquistar o título[59]. Mas mesmo com todo o favoritismo inicial, o clube não conseguiu alcançar o título nesse primeiro campeonato. O primeiro campeão colombiano de futebol profissional foi o seu, até hoje, arquirrival de Bogotá, o Independiente de Santa Fé. Os resultados obtidos pela equipe do Independiente Santa Fé, assim como todos os dados ocorridos nesse primeiro campeonato profissional, foram oficializados em reuniões da *Dimayor*, ocorridas em janeiro de 1949, como podemos analisar nessa fonte:

> O conselho diretivo da divisão maior de futebol colombiano, se reuniu em forma extraordinária na capital da república, em 5 desse mês e efetivou a resolução número um, do presente ano, na qual faz o reconhecimento oficial das anotações e lugares de colocações das equipes que participaram do primeiro campeonato nacional profissional de futebol, em número de dez. De conformidade com os dados oficiais, não houve nenhuma partida requerida, nem declarada inválida, segundo as planilhas de juízes escritas pelos árbitros e referendadas por seus auxiliares, os juízes de linha. (...)

[58]*El Colombiano*, 16 de agosto de 1948, p. 10.
[59]*El Colombiano*, 15 de agosto de 1948, p. 4.

> Campeão Nacional de Futebol Profissional colombiano para 1949, a equipe representativa do Club Independiente Santafé, com sede oficial em Bogotá, com uma anotação de 27 pontos na tabela geral de posições. Dispôs-se entregar a dita equipe o troféu especial e a copa "réplica" que ordena os regulamentos e estatutos gerais da entidade esportiva, assim como vinte medalhas com o título Campeão, em cerimônia especial, cuja data de realização será assinalada posteriormente. (...) Organizam, além disso, a resolução número um, que para todos os participantes do campeonato não amador de 1948, haverá um diploma especial, em qual constará o nome da equipe participante e sua colocação final.[60]

Portanto, a partir dos fatos até aqui explicitados, demonstramos como ocorreu o surgimento dos campeonatos profissionais de futebol no Rio de Janeiro, em 1933, e na Colômbia, em 1948. Esses processos desde o início geraram tensões entre as federações que regiam o futebol em ambas as localidades. E esse cenário pôde ser visualizado como nunca no ano que se seguiu ao da profissionalização, nos dois casos. Em 1934, ocorreu na Itália (que nesse momento era governada pelo fascista Mussolini) a segunda Copa do Mundo de futebol. Já em 1949, ocorreu no Brasil, com sede principal no Rio de Janeiro, o sétimo Campeonato Sul-Americano de seleções. Tanto na Copa do Mundo, em relação ao Brasil, quanto no Sul-Americano, referente à Colômbia, a profissionalização do futebol de ambas as localidades estudadas aqui nesta dissertação, influenciou diretamente na participação dos dois selecionados nacionais.

A seguir explicitaremos como esses torneios internacionais afloraram ainda mais as disputas internas entre amadores e profissionais no Rio de Janeiro (assim como em boa parte do Brasil) e na Colômbia, estimulando uma reconfiguração da "nação esportiva" nos dois casos, tendo cada um gerado suas próprias particularidades.

---

[60]*El Colombiano*, 9 de janeiro de 1949, p. 10, tradução nossa.

I. II: *Amadorismo x profissionalismo: disputas de campo e tensões entre as federações na preparação do Brasil para a Copa do Mundo de 1934 e da Colômbia para o Campeonato Sul-Americano de 1949*

Nessa parte do capítulo, analisaremos os efeitos que os processos de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (e no Brasil como um todo) e na Colômbia, possuíram na participação dos selecionados nacionais brasileiros e colombianos na Copa do Mundo de 1934 e no Campeonato Sul-Americano de 1949, respectivamente. Buscaremos explicitar como as disputas pelo poder no campo esportivo, tanto do Rio de Janeiro quanto da Colômbia, influenciaram na formação dos selecionados dos referidos países que disputaram essas competições. Assim, destacaremos que os resultados e as representações criadas a partir dessas competições internacionais, estão inteiramente interligados com as disputas pelo poder do futebol, geradas pelo advento da profissionalização nos dois países.

Como já destacamos, a partir da criação da LCF em 1933 e, posteriormente, da FBF, o futebol carioca e brasileiro passou a conviver com as disputas entre amadores e profissionais, oriundas das tensões existentes entre essas federações e a CBD. Da mesma forma, a partir de 1948 o cenário de tensões pelo poder do futebol na Colômbia se escancarava com as disputas entre a *Dimayor*, recém-criada entidade do futebol profissional, e a *Adefútbol*.

No ano de 1934, a Itália sediaria a segunda Copa do Mundo de futebol, após a primeira ter sido disputada quatro anos antes no Uruguai. A expectativa por uma boa participação da seleção brasileira era grande, já que em 1930 a equipe não havia tido um bom desempenho, após ocorrerem diversas divergências entre as federações do Rio de Janeiro e de São Paulo, no que se diz respeito à montagem do elenco nacional que disputaria a competição. Como a CBD, que era uma entidade com sede no Rio de Janeiro, não incluiu nenhum paulista na comissão técnica que iria a Copa em 1930, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) vetou a convocação de seus jogadores para a competição (DRUMOND, 2006, p. 107), tendo assim a seleção brasileira disputado o mundial sem nenhum jogador que atuasse em clubes paulistas.

Portanto, a expectativa para que os conflitos fossem deixados de lado e que assim o país pudesse formar uma equipe coesa para disputar a Copa na Itália, era muito grande. Além disso, os interesses políticos também cercavam essa competição, já que iria ocorrer na Itália

fascista de Mussolini, governo pelo qual, nesse momento, alguns membros ligados ao presidente Getúlio Vargas declaravam publicamente sua simpatia, como Lourival Fontes[61].

No caso colombiano, onde pretendemos analisar a participação do país no sétimo Campeonato Sul-Americano, que ocorreu em 1949 no Brasil, muitos são os fatos que podemos comparar com o cenário brasileiro de quinze anos antes, tendo em vista que os efeitos e tensões geradas pela profissionalização do futebol, também influenciaram diretamente na participação do país nessa competição.

A Colômbia até então só havia disputado duas das vinte edições que já haviam ocorrido do Sul-Americano, desde 1916. E tanto em 1945 quanto em 1947, anos em que o país disputou a competição, não havia conseguido lograr grande êxitos, tendo tido campanhas muito ruins. Assim, a esperança era que a competição de 1949 pudesse ser a redenção colombiana em termos de competições internacionais de seleções. Tendo em vista que o campeonato profissional iniciado no ano anterior, em 1948, teria proporcionado um aumento do nível técnico do futebol no país, como sugeriu a imprensa do período[62], a expectativa era que a seleção nacional que disputaria o Sul-Americano no Brasil seria a melhor da história do país, podendo assim surpreender as nações vizinhas que já possuíam um selecionado mais consolidado e um futebol profissional havia mais tempo.

A análise dessas duas disputas, sendo uma de proporções mundiais (a Copa do Mundo) e outra continental (o Sul-Americano), nos possibilitará entender como era a relação das entidades responsáveis pelo futebol, no Rio de Janeiro (e, num contexto mais amplo, no Brasil) e na Colômbia, em relação à equipe nacional dos dois países. Poderia o profissionalismo do futebol influenciar nos ideais nacionalistas presentes nas disputas realizadas pelos selecionados nacionais? Havia uma preocupação por parte daqueles envolvidos com a profissionalização do futebol, em ambas as localidades, com a participação dos países no cenário internacional? Ou essas competições eram mais um dos campos em que se geraram tensões entre as entidades envolvidas no processo? Essas e outras são algumas das questões que destacaremos a seguir, a partir da explicitação da preparação e participação de ambos os selecionados nacionais estudados nas referidas competições.

A profissionalização do futebol que havia se iniciado no Rio de Janeiro um ano antes da Copa do Mundo de 1934, trouxe novas tensões e conflitos para a equipe brasileira que disputaria o torneio. Em janeiro desse ano, já é possível percebermos o quanto as tensões existentes entre os defensores do amadorismo e os do profissionalismo no futebol, poderiam

---

[61] *Jornal do Brasil*, 8 de maio de 1934, p. 25.
[62] *El Colombiano*, 09 de maio de 1949, p. 13.

trazer consequências negativas para a formação do selecionado brasileiro na competição, que ocorreria em maio do mesmo ano[63].

Ao analisar alguns dos periódicos do período, principalmente o *Jornal dos Sports* e o *Jornal do Brasil* (DRUMOND, 2009b, p. 1-14), podemos perceber que ocorreu um grande "ataque" desse último contra as federações e clubes do futebol profissional que se voltavam contra a convocação de seus jogadores para a equipe brasileira[64].

Já no *Jornal dos Sports*, pelo menos em relação aos momentos antes e depois da Copa do Mundo, as críticas ao amadorismo foram deixadas um pouco de lado a favor dos interesses "nacionais", visando à formação da melhor equipe brasileira para a disputa do mundial, sendo inclusive destacado pelo periódico o esforço que dirigentes da CBD realizaram para tentar formar um conjunto brasileiro forte, como no caso de Luiz Aranha[65]. Esse "jogo de aparências", entretanto, não esconde a defesa que esse periódico realizava do regime profissional e dos clubes vinculados a FBF. Com esse cenário, podemos perceber a posição adotada por esses dois periódicos no processo do dissídio esportivo, tendo sido o *Jornal dos Sports* um veículo de comunicação que defendia ativamente a profissionalização do futebol, enquanto o *Jornal do Brasil* explicitava em suas páginas o apoio aos defensores do amadorismo.

Em 30 de março de 1934, foi noticiado no *Jornal do Brasil* que a CBD iria convidar os jogadores profissionais, que pertenciam aos clubes filiados a FBF, para participarem do selecionado nacional que iria a Copa do Mundo de 1934[66]. Dois dias depois, o *Jornal dos Sports* publica que a FBF aceitaria ceder seus jogadores para a formação da equipe brasileira que disputaria a Copa, deixando claro que as divergências existentes com a CBD deveriam ser deixadas de lado para assim não atrapalhar a formação da equipe nacional[67]. Nota-se, nesses fatos, que ambos os lados se utilizavam dos jornais para difundir discursos que forjassem uma idealização da defesa da pátria pelo futebol, mas que não necessariamente se concretizaria posteriormente.

Em 4 de abril de 1934, o *Jornal dos Sports* publicou um trecho de um artigo do periódico paulista *Gazeta de São Paulo*, onde fica explicito que esse jornal considerava louvável a atitude da CBD de requisitar os jogadores profissionais para atuarem no mundial,

---

[63]*Jornal do Brasil*, 20 de janeiro de 1934, p. 24.
[64]*Jornal do Brasil*, 05 de maio de 1934, p. 23.
[65]*Jornal dos Sports*, 07 de abril de 1934, p. 1 e 4.
[66]*Jornal do Brasil*, 30 de março de 1934, p. 17.
[67]*Jornal dos Sports*, 01 de abril de 1934, p. 1.

mesmo com todas as disputas existentes. Destaca o jornal, em relação aos atletas que atuavam pelo Campeonato Paulista da APEA[68], que:

> Não é possível que por causa das lutas internas, de ressentimentos pessoais e de interesses clubísticos e de entidades, se prejudique mais uma vez o bom nome e o prestígio do país esportivo. A CBD solicitando o concurso dos profissionais apenas demonstrou que seu único interesse é levar para Roma um 'onze' representativo de valor expressivo[69].

Para chefiar a delegação brasileira que iria para a Itália disputar a Copa do Mundo, foi nomeado Lourival Fontes[70], que na época havia sido chefe de gabinete do Prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto, e nomeado ainda em 1934 por Getúlio Vargas para ser diretor do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), o percussor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)[71]. Lourival Fontes foi visto pelo *Jornal dos Sports* como uma boa escolha, já que naquele contexto se tratava de um importante incentivador do esporte nacional, mas que estava de fora das disputas internas que ocorriam entre a FBF e a CBD, o que o permitiria chefiar o selecionado nacional sem idealizações prévias[72].

Além disso, a eleição de Fontes também se tratou de uma escolha diplomática, já que sua reconhecida preferência política pelo fascismo e sua admiração pelo governo italiano de Benito Mussolini, fizeram com que fosse encarado como o "homem ideal" para chefiar a delegação brasileira na Itália (SOUZA, 2008, p. 48-49; DRUMOND, 2008, p. 58). Essa preferência pela escolha de Fontes pode ser percebida no *Jornal do Brasil*:

> A escolha do Dr. Lourival Fontes para tão importante missão não podia ser mais feliz e a Confederação Brasileira de Desportos está de parabéns e deu mais uma prova de sua isenção de animo escolhendo para essa função uma personalidade de destaque na Metropole e alheia ás campanhas políticas em que se debate presentemente o sport.[73]

Após o posicionamento da LCF e da FBF, onde inicialmente haviam cogitado ceder os seus jogadores e deixar as disputas com a CBD de lado, a favor dos interesses da "nação", o *Jornal dos Sports* elogiou em suas páginas a postura de ambas as entidades[74]. Foi então

---

[68] Associação Paulista de Esportes Atléticos.
[69] *Jornal dos Sports*, 04 de abril de 1934, p. 4.
[70] *Jornal do Brasil*, 05 de abril de 1934, p. 28.
[71] Órgão que no Estado Novo varguista (1937-1945) foi fundamental para controlar os meios de comunicação e para realizar propagandas do governo. Mais informações ver Lucia Lippi de Oliveira (2001, p. 37-58).
[72] *Jornal dos Sports*, 05 de abril de 1934, p. 01.
[73] *Jornal do Brasil*, 05 de abril de 1934, p. 28.
[74] *Jornal dos Sports*, 07 de abril de 1934, p. 1 e 4.

formada pela CBD uma Comissão Selecionadora[75], para assim decidir quais seriam os jogadores profissionais e amadores escolhidos para integrarem o grupo brasileiro que iria a Copa. Tal comissão foi formada a partir de uma reunião, chefiada por Luiz Aranha e que contou com a participação, entre outros, do técnico da seleção Luis Vinhaes[76]. Nessa reunião foram escolhidos vinte e oito atletas, que passariam por um período de treinamentos onde, a partir de então, seriam definidos aqueles que iriam para a Copa.[77]

Porém, novas divergências vieram à tona e modificaram os rumos da preparação da seleção brasileira de futebol. Para contar com todos esses jogadores, a CBD teria que entrar em novo acordo com a FBF. Isso porque após afirmar, sem muitos detalhes, que poderiam ceder os jogadores profissionais para a disputa da Copa do Mundo, a LCF emitiu um comunicado oficial onde explicitava as suas condições para poder ceder esses atletas. Nesse comunicado constava que, além de limitar a convocação de apenas um jogador por clube, a FBF deveria ser reconhecida oficialmente pela CBD. O *Jornal dos Sports* explicitou o fato:

> Em nome da Liga Carioca, falou o Dr. Antonio Avellar. Declarou elle que a Liga Carioca, por um dever de patriotismo, promptifica-se a ceder jogadores, fornecendo um elemento de cada club á escolha da C.B.D. Em troca disto, a Liga Carioca deseja a pacificação de acordo com a proposta feita pelo Dr. Arnaldo Guinle ao Dr. Luiz Aranha. Amanhã será entregue á C.B.D. a proposta de pacificação da L.C.F. (...) Em linhas gerais a proposta da Liga Carioca é a seguinte: a C.B.D. reconhecerá a Federação Brasileira de Football como a dirigente do profissionalismo. A C.B.D. passará a ser uma espécie de Comité Sportivo Nacional, dirigente de entidades nacionais especializadas.[78]

Mesmo com a liderança de Arnaldo Guinle e dos dirigentes cariocas ligados a LCF, a proposta feita pela entidade poderia se estender a todos os outros clubes e federações estaduais que já eram filiados a FBF. Se a proposta fosse aceita, o amadorismo se enfraqueceria completamente e a FBF passaria a organizar todo o âmbito do futebol profissional de clubes no Brasil, de forma oficial. Em contrapartida, a CBD se tornaria uma entidade acima, que controlaria principalmente as questões relacionadas à seleção brasileira. Essa proposta escancara como as disputas pelo poder simbólico do esporte nacional interferiram no processo de formação do selecionado que iria disputar a Copa do Mundo de 1934.

---

[75]*Jornal dos Sports*, 08 de abril de 1934, p. 1.
[76]*Jornal dos Sports*, 10 de abril de 1934, p. 1 e 6.
[77]*Jornal dos Sports*, 10 de abril de 1934, p. 1 e 6.
[78]*Jornal dos Sports*, 10 de abril de 1934, p. 1 e 6.

Podemos pensar também como a partir dessas disputas, o futebol continuou a ser representado como um símbolo da "nacionalidade brasileira", sendo difundida[79]na imprensa do país a ideia de que jogar a Copa na Itália seria uma função "patriótica", deixando evidente como esse sentimento imaginário da nação já estava presente na sociedade brasileira a partir do esporte.

Entretanto, ao tomar ciência da proposta da LCF, a favor da FBF, a CBD em nenhum momento pensou em aceitá-la. Em uma entrevista, membros da Comissão Selecionadora declararam como sendo "absurdos" os pedidos realizados, principalmente em relação ao termo de só poderem convocar um jogador por equipe:

> A solução alvitrada pela L.C.F. não satisfaz, é absurdo. Não se pode formar um quadro capaz de representar o footbal brasileiro, contando apenas com um jogador de cada club. O keeper indicado, por exemplo, é o Rey, mas para levá-lo, segundo a proposta da L.C.F., teríamos que deixar Domingos, Leônidas e Gradin, elementos de indiscutível valor. É um absurdo. Do Palestra necessitamos de Junqueira e Tunga. Porém teríamos de contentar-nos com um. Do São Paulo Football Club, levaríamos ou Waldemar ou Luizinho (...)[80]

Após a manifestação de insatisfação por parte dos membros da Comissão Selecionadora, a CBD respondeu destacando, principalmente, que a FBF estava deixando de lado o patriotismo em busca de interesses da entidade, e que deveriam pensar na formação da melhor equipe nacional para a disputa da competição[81]. Esses fatos, novamente, destacam ainda mais os discursos nacionalistas que já caracterizavam a prática esportiva nos anos 1930 no Brasil. O documento da CBD, escrito por Luiz Aranha, explicita que o comunicado da LCF contradizia a afirmação anterior de que cederiam os jogadores para a seleção, além de afirmar que essa proibição poderia atrasar uma possível pacificação no futebol nacional, sendo esse ato considerado um desserviço à "pátria" brasileira:

> (...) os Srs. presidentes de clubs da L.C.F. desprezam esses compromissos assumidos publicamente e condicionam a cessão de jogadores a exigências que o mais elementar conceito de dignidade repele e o momento não comporta. (...) E o fato de haver eu procurado o Dr. Arnaldo Guinle (...), depois de já solicitados os jogadores aos clubes, traduziu o desejo que nutria de, mais uma vez, desbravar o caminho para a pacificação, aproveitando o momento, em que os elementos de um e outro lado se reuniam em torno da bandeira do Brasil, para, atendida a premura da formação do selecionado

[79]*Jornal do Brasil*, 08 de maio de 1934, p. 24.
[80]*Jornal dos Sports*, 10 de abril de 1934, p. 1 e 6.
[81]*Jornal dos Sports*, 11 de abril de 1934, p. 1 e 4.

> brasileiro, iniciarmos logo após, as negociações definitivas da paz almejada por todos (...). Por essas mesmas razões, reconhecendo a valiosa e desinteressada contribuição que os ilustres signatários do oficio têm prestado ao sport nacional, parece-me que, examinando com maior serenidade o assunto, seria natural que reconsiderassem a decisão anterior, no propósito de prestarem um grande serviço ao Brasil.[82]

Portanto, podemos perceber que no caso do Rio de Janeiro (e do Brasil), as disputas pelo poder do futebol, geradas pelo processo do dissídio esportivo, estimularam diversas tensões que influenciaram diretamente na formação do selecionado brasileiro que disputaria a Copa de 1934, tendo a CBD que formar um grupo de atletas sem o apoio dos clubes já profissionais vinculados à FBF. Como destacaremos na parte seguinte do capítulo, os discursos referentes à representação nacional e os efeitos gerados por essas disputas, foram sentidos diretamente na participação brasileira na Copa do Mundo, tendo seu resultado influenciado em novos rumos no processo de profissionalização que havia se iniciado no Rio de Janeiro e outras localidades.

No caso colombiano que nos propomos a analisar, algumas similaridades ocorreram, se compararmos com a participação brasileira na Copa do Mundo de 1934. Ao olharmos para os periódicos colombianos, é possível encontrarmos, logo no início de 1949, diversas notícias referentes à possível participação do selecionado nacional de futebol do país no Sul-Americano de seleções, que ocorreria nesse mesmo ano no Brasil. A partir dessas fontes, podemos perceber o desenrolar de todas as disputas entre a *Dimayor* e a *Adefútbol*, assim como essas influenciaram diretamente na formação da equipe nacional colombiana que disputaria a competição sul-americana.

Após a confirmação dos resultados do campeonato profissional de 1948 e do início da organização do segundo campeonato nacional que ocorreria em 1949[83], se iniciou também a preparação do país para disputar a competição continental que ocorreria no Brasil. A imprensa de Medellín[84], ainda no primeiro mês de 1949, confirmou que a Colômbia disputaria o Sul-Americano de 1949, destacando um empréstimo financeiro que seria conseguido pela *Dimayor*, para investir nos gastos de viajem da delegação, além de um acordo desse com a *Adefútbol:*

> A assembleia da *divisíón mayor* aprovou que conseguiram um empréstimo pela soma de $ 20.000 em um dos bancos da cidade com o fim de emprestá-

[82] *Jornal do Brasil*, 13 de abril de 1934, p. 24.
[83] *El Colombiano*, 9 de janeiro de 1949, p. 10.
[84] *El Colombiano*, 30 de janeiro de 1949, p. 7.

> lo a *Asociación Colombiana de Fútbol* com o fim de que faça os gastos de preparação do selecionado colombiano que participará do próximo torneio sul-americano de futebol que se realizará em março no Rio de Janeiro. Assim fica assegurada a participação do nosso país e se espera que na próxima semana se escolherão os jogadores que serão selecionados. [85]

Além da questão financeira, inicialmente a relação da *Dimayor* com a *Adefútbol* parecia amistosa, tanto em relação a participação da Colômbia no Sul-Americano, quanto sobre o desenvolvimento do campeonato profissional de futebol no país. Algumas assembleias foram realizadas no primeiro mês de 1949, como já explicitado anteriormente, para confirmarem e prepararem a organização do segundo campeonato nacional profissional de futebol na Colômbia, que teria início em maio desse ano[86]. Além disso, as duas entidades haviam entrado em acordos iniciais que garantiam a convocação dos principais jogadores profissionais colombianos para atuarem pela seleção do país no Sul-Americano do Brasil.

Em contrapartida, os clubes profissionais teriam o direito de escolher outros jogadores do âmbito profissional ou, até mesmo, do âmbito amador, para assim substituírem seus atletas convocados e não ficarem em desvantagem no campeonato nacional, enquanto ocorria a competição de seleções em terras brasileiras. Destaca a imprensa do período, a partir de resolução emitida pela *Adefútbol* e assinada pelo presidente da entidade, Bernardo Jaramillo García, e por seu secretário, Nicolás Carmona Bernal:

> As gestões feitas até o momento parecem assegurar a participação da Colômbia no próximo campeonato sul-americano de futebol que ocorrerá no Rio de Janeiro. Com o objetivo de cooperar na seleção de jogadores e na organização da viajem, a *Asociación Colombiana de Fútbol* e a *División Mayor* ditaram interessantes resoluções que publicamos a continuação em via de informação:
>
> Resolução Nº 2
>
> A *Asociación Colombiana de Fútbol*, em uso das atribuições que lhe conferem os Estatutos e Regulamentos (...). Resolve:
>
> Durante a temporada, porém só a partir da chegada na sede dos elementos profissionais pertencentes aos clubes rentados do país, escolhidos pelo treinador oficial, as ligas de Futebol de Colômbia, estão com a obrigação de facilitar as equipes profissionais afiliadas a *División Mayor*, os jogadores amadores que requerem, porém só para substituírem os profissionais escolhidos para o Rio de Janeiro e pelo tempo que durar o giro no exterior, devendo regressar uma vez finalizado o Campeonato do Sul, as equipes de origem, tudo de acordo com as transferências profissionais estatutárias.[87]

---

[85] *El Colombiano*, 30 de janeiro de 1949, p. 7, tradução nossa.
[86] *El Colombiano*, 1º de maio de 1949, p. 4.
[87] *El Colombiano*, [20?] de fevereiro de 1949, p. 12, tradução nossa.

Além da regra estabelecida no parecer da *Adefútbol* e citada acima, onde os clubes profissionais poderiam requerer outros jogadores, inclusive do âmbito amador, para substituírem aqueles que estariam representando a "nação colombiana" durante o Sul-Americano, foi também estabelecida uma outra resolução, essa feita pela *Dimayor*. As regras estabelecidas pela entidade do futebol profissional diziam respeito ao uso dos jogadores convocados por seus times enquanto esses ainda se encontravam concentrados com a seleção em âmbito nacional. Segundo a Resolução Nº 11 de 1949,

> A *División Mayor del Fútbol Colombiano*, em uso das atribuições estatutárias e regulamentares e tendo em conta:
> Que com o motivo da concentração de jogadores pertencentes aos clubes afiliados a essa *División Mayor*, selecionados pela *Asociación Colombiana de Fútbol* para formar a representação do país no Campeonato Sul-Americano do Rio de Janeiro, é indispensável regulamentar a comissão de jogadores combinada e as obrigações consequentes dos clubes afiliados, de tal maneira que não se interfira na efetividade da concentração com os eventos oficiais da *División Mayor*
> Resolve:
> Artigo 1º - Uma vez que a *Adefútbol*, selecione os jogadores que os distintos clubes não amadores, deverão formar a delegação colombiana ao Rio de Janeiro, aqueles deverão concentrar-se na cidade sede baixo as ordens e responsabilidade da Associação Nacional.
> Artigo 2º - Se durante o lapso da concentração as equipes entre as quais tiverem selecionados jogadores celebrem partidas devidamente autorizadas, o jogador ou jogadores selecionados poderão intervir nelas. Porém estarão obrigados a regressar a sede da concentração dentro de 24 horas seguintes ao término da partida. [88]

Após esse "acordo inicial", onde ambas as federações demonstraram interesse em realizar a formação de um selecionado colombiano para a disputa do Sul-Americano, ocorreram tensões que modificaram os rumos pensados até então[89]. Primeiramente, o presidente da *Adefútbol*, Bernardo Jaramillo, não conseguiu seu objetivo de viajar com o quadro colombiano com a antecedência necessária para assim realizar partidas amistosas com algumas das principais equipes sul-americanas do período, como forma de se preparar para a competição e de demonstrar ao continente o potencial da equipe colombiana, tendo em vista que o país buscava ser a sede do próximo Sul-Americano, que iria ocorrer em 1951[90]. Além

[88]*El Colombiano*, [20?] de fevereiro de 1949, p. 12, tradução nossa.
[89]*El Colombiano*, 24 de fevereiro de 1949, p. 4.
[90]*El Colombiano*, 24 de fevereiro de 1949, p. 4.

disso, o empréstimo de vinte mil pesos[91] que a *Dimayor* havia se prontificado a conseguir para ceder a *Adefútbol*, não foi obtido de forma absoluta. Como destacou o *El Colombiano*:

> O senhor Jaramillo obteve apoio em algumas seções, e o principal quando se apresentou na assembleia da *división mayor professional* onde obteve o apoio necessário. Acordou-se então conseguir a soma de vinte mil pesos em empréstimo com uns dos bancos de Bogotá, respondendo por tal negociação com uma porcentagem adicional de dois por cento que os quadros profissionais dariam durante os primeiros meses de campeonato oficial. Dez dias depois, a *división mayor* avisou que só havia obtido quinze mil, e pediu a *ADEFÚTBOL* que conseguissem os cinco mil restantes[92]

Além da mudança em relação à questão financeira e das partidas contra equipes do continente que não foram conseguidas, ocorreram outros fatores que também influenciaram negativamente para a viagem da delegação do país ao Brasil. O principal talvez tenha sido o atraso da convocação do selecionado nacional que iria a Copa, o que acabou gerando insatisfação inclusive na população colombiana[93]. Esse fator nos permite perceber o quanto o ideário nacionalista estava presente na "comunidade imaginada" (ANDERSON, 2008, p. 32) colombiana, a partir do futebol.

Mesmo depois da escolha do técnico da seleção colombiana de futebol, que seria o argentino Fernando Paternoster (técnico que havia sido vice-campeão mundial como jogador, na Copa do Mundo de 1930), a demora na escolha dos jogadores que representariam a nação colombiana na competição continental no Brasil, causou grandes insatisfações[94]. Somado todos esses fatores desfavoráveis, entre outros, a viagem colombiana ao Rio de Janeiro havia sido até cancelada, a partir de um acordo entre a *Dimayor* e a *Adefútbol*, tendo esta última ficado responsável em enviar um representante ao Brasil para tentar manter as pretensões colombianas de ser a sede do próximo Sul-Americano, em 1951:

> As duas principais associações "futeboleiras" do país acordaram dar por cancelada a viagem, acordando a *división mayor* que o presidente da *adefútbol* fosse nomeado como representante da Colômbia. Este viajará por conta dos profissionais ao Rio de Janeiro para que não perca a designação como sede[95]

---

[91] Para efeito de comparação, em 1949 vinte mil pesos equivalia na Colômbia, aproximadamente, ao valor de dois carros ou de uma casa na região de Poblado, em Medellín – Antioquia. Mais informações, ver: *El Colombiano*, 02 de junho de 1949, p.1.

[92] *El Colombiano*, 24 de fevereiro de 1949, p. 4, tradução nossa.

[93] *El Colombiano*, 24 de fevereiro de 1949, p. 4.

[94] *El Colombiano*, 24 de fevereiro de 1949, p. 4.

[95] *El Colombiano*, 24 de fevereiro de 1949, p. 4, tradução nossa.

Após parecer que a Colômbia não disputaria o Sul-Americano de 1949, as entidades principais do futebol no país, *Adefútbol* e *Dimayor*, voltaram atrás e decidiram convocar os jogadores e formarem a delegação do país que iria disputar a competição[96]. Entretanto, um novo obstáculo ocorreu, marcando o acirramento da relação entre as duas federações. Como os clubes profissionais estavam se preparando para o segundo campeonato nacional, que iniciaria em 1º de maio de 1949, vários amistosos estavam sendo realizados como forma de treinamento, inclusive com equipes estrangeiras[97]. Mas a *Adefútbol*, para manter o foco na preparação da equipe para o Sul-Americano, resolveu cancelar todas as partidas que ocorreriam no domingo, dia 27 de fevereiro de 1949, que envolvessem as equipes colombianas contra os times estrangeiros. Também seriam cancelados os jogos onde duas equipes estrangeiras fossem enfrentar em solo colombiano.

O problema é que a *Dimayor* não acatou tal posição, assim como ocorreu um repúdio por parte da imprensa em relação à decisão da *Adefútbol*[98]. Como demonstra a imprensa do país, a *Dimayor* emitiu um comunicado em resposta, onde destaca que havia solicitado em janeiro de 1949, a partir de uma resolução já explicitada neste trabalho[99], que durante a preparação da seleção, os jogos das equipes profissionais ocorreriam normalmente e que os jogadores convocados poderiam, inclusive, atuar por suas equipes e depois retornarem para a preparação da seleção em um prazo de até vinte e quatro horas[100]. A entidade ainda emitiu um comunicado oficial para as equipes profissionais, informando que a rodada de partidas agendadas para os dias 26 e 27 de fevereiro de 1949, seria mantida:

> Bogotá, fevereiro 25 de 1949
> Junior y Barranquilla, de Barranquilla. Deporcaldas e Once Deportivo, de Manizales. Libertad, Municipal e Medellín, de Medellín. Deportivo Pereira, de Pereira. Boca Juniors, America e Deportivo, de Cali.
> Dimayor assumiu a defesa dos interesses de seus afiliados e das equipes estrangeiras visitantes frente à *Adefútbol*. Por consequência deve continuar normalmente as programações e congelar desde essa data os dois por cento da *Adefútbol*. Não modifiquem suas atitudes sem novas instruções nossas. (...)
> Não serão suspendidos. As partidas programadas para o sábado em Medellín, Universitário de Deportes de Lima vs. Libertad e os de domingo em Bogotá, Santa Fe vs. Madureira e em Cali, America vs. Sport Tabaco, não serão suspendidos em consequência. Não há razão para esta medida e a secretaria tem feito essa declaração peremptória. Bogotá, fevereiro 25 de 1949.

---

[96]*El Colombiano*, 26 de fevereiro de 1949, P. 4.
[97]*El Colombiano*, 25 de fevereiro de 1949, p. 12.
[98]*El Tiempo*, 27 de fevereiro de 1949, p. 13.
[99]*El Colombiano*, [20?] de fevereiro de 1949, p. 12.
[100]*El Colombiano*, 26 de fevereiro de 1949, p. 4.

Gilberto Gómez O, secretário geral.[101]

Como forma de buscar uma conciliação que favorecesse o selecionado nacional que viria ao Brasil disputar o Sul-Americano de seleções, a *Adefútbol* voltou atrás em relação à decisão de proibir todos os jogos internacionais que ocorriam no país, suspendendo assim a resolução nº 3, mesmo que, na prática, tal resolução não tenha surtido efeito, já que a *Dimayor* não a acatou[102]. Com isso, em acordo com a *Dimayor*, pode convocar os jogadores colombianos que iriam disputar a competição continental, como podemos ver a seguir:

> A asociación colombiana de fútbol resolveu ditar, nas horas da manhã de hoje, uma providência suspendendo a (...) resolução número 3, que proibia os encontros internacionais de futebol que na atualidade se estão jogando em todo o território nacional. (...) Na mesma resolução que suspende a número 3 se elegeu o selecionado nacional de futebol que há de representar a Colômbia no campeonato sul-americano que ocorrerá no Rio de Janeiro. O selecionado nacional será integrado por doze jogadores de Barranquilla; um de Santa María e seis antioquenhos. (...) Os dirigentes da división mayor de fútbol no conselho diretivo da Adefútbol, Mario Abello e Regulo Malera, aprovaram a resolução por meio da qual se suspendia a número 3 e se formava o selecionado nacional que jogará o sul-americano do Rio de Janeiro.[103]

Todavia, o cenário de acordo entre as duas federações não durou muito, considerando que havia claramente uma disputa entre ambas pela centralidade do poder no futebol nacional. Dias depois da convocação dos jogadores para a seleção nacional, a *Adefútbol* optou por desfiliar internacionalmente a *Dimayor*, como podemos observar nessa publicação:

> A Asociación Nacional de fútbol (Adefútbol) em reunião plena que finalizou bem na entrada da noite, resolveu desfiliar internacionalmente a división mayor de fútbol. Esta desfiliação não é desqualificação. Também resolveu proceder a constituir um comitê que organize uma nova división mayor, com sede em Barranquilla. Essa decisão da Adefútbol há causado uma enorme revolta em todos os círculos esportivos, onde havia uma extraordinária expectativa para ver como reagiria a Adefútbol frente a resolução número 15 do presente ano, onde proíbe que todos as equipes afiliadas a ela e seus respectivos jogadores se abstenham de intervir no selecionado nacional formado pela Adefútbol. (...) [104]

---

[101] *El Colombiano*, 26 de fevereiro de 1949, p. 4, tradução nossa.
[102] *El Tiempo*, 08 de março de 1949, p. 7.
[103] *El Tiempo*, 07 de março de 1949, p. 6, tradução nossa.
[104] *El Tiempo*, 11 de março de 1949, p. 7, tradução nossa.

Com essa resolução, a *Dimayor* passava a não ser mais uma entidade "oficial". Porém, seus efeitos e sua representação em âmbito nacional aumentariam, como destacaremos na parte seguinte do capítulo. Todavia, os efeitos dessas disputas pelo poder no campo esportivo do país geraram efeitos controversos para a seleção nacional colombiana, que não pode contar com os atletas das equipes profissionais filiadas a *Dimayor* no grupo que veio disputar a competição no Brasil.

A partir da análise desse caso colombiano, podemos destacar algumas semelhanças e diferenças com as tensões geradas pelas disputas entre as entidades antes da participação brasileira na Copa do Mundo de 1934. Para participar do Campeonato Sul-Americano de 1949, foram muito discutido entre as federações e clubes colombianos, assim como na imprensa, os benefícios que essa disputa traria para o desenvolvimento nacional do futebol colombiano, tendo em vista o crescimento da seleção nacional e da liga profissional que já se expandia com força em toda Colômbia. Com isso, as disputas entre a *Dimayor* e a *Adefútbol* refletiram diretamente na formação da equipe para a competição, sendo esse caso muito similar ao ocorrido no Brasil na Copa de 1934, onde o poder era competido entre a CBD e a FBF em âmbito nacional, e entre a AMEA e a LCF no Rio de Janeiro.

Nos dois casos ocorreu a proibição da convocação dos jogadores profissionais, tendo ambas as federações responsáveis pelas seleções (*Adefútbol* e CBD), buscado alternativas para formarem as delegações. Além disso, tanto o Brasil em 1934, quanto a Colômbia em 1949, não conseguiram realizar boas campanha nos torneios disputados, já que não jogaram com suas forças máximas (mesmo tendo em vista que o potencial técnico da equipe brasileira em 1934 seria maior que a da colombiana em 1949, já que essa última possuía um futebol recém profissionalizado e nunca havia realizado uma boa campanha em competições internacionais de seleções). Explicitaremos a seguir os principais efeitos que essas disputas geradas após a profissionalização do futebol nos dois objetos estudados, ocasionaram nas participações brasileira e colombiana na Copa do Mundo de 1934 e no Sul-Americano de 1949, respectivamente.

I. III *Futebol e representação nacional: uma análise dos efeitos da participação do Brasil na Copa do Mundo de 1934 e da Colômbia no Sul-Americano de 1949.*

As disputas de campo geradas tanto no Rio de Janeiro e no Brasil, quanto na Colômbia, influenciaram diretamente na representação nacional que foi construída nesses dois países para a disputa das competições internacionais de seleções que aqui analisamos. Porém, em cada caso, se constituíram olhares diferentes para os problemas surgidos.

Tanto na Copa de 1934, para o caso brasileiro, quanto no Sul-Americano de 1949 para a Colômbia, ocorreram mudanças naquelas que esperavam ser a representação nacional ideal dos dois países pelo futebol, tendo em vista que seus selecionados nacionais não atuaram com seus elencos considerados "principais" nessas competições. Esses fatos influenciaram diretamente na participação de ambas as equipes nessas disputas, assim como geraram diferentes efeitos, aos quais analisaremos na sequência.

Em busca de contornar os problemas gerados para a formação do *scratch* brasileiro em 1934, a CBD realizou propostas de pagamentos aos jogadores profissionais que fossem convocados, como forma de obter seus serviços para a seleção brasileira[105]. Essa foi uma demonstração clara de como os ideais do profissionalismo já começavam a se tornar quase que inevitáveis no futebol brasileiro, tendo que a principal entidade representativa do futebol amador no país ter que oferecer pagamentos aos jogadores para conseguir formar seu selecionado nacional. Porém, ao buscar a convocação desses atletas, o discurso nacionalista se fazia bastante presente no âmbito da entidade, sendo a ida ao mundial considerada, como demonstra a declaração de Luiz Aranha ao *Jornal do Brasil*, como uma forma de "conceder um serviço a nação"[106]. Esses discursos explicitam claramente o momento político brasileiro de então, em que o governo de Getúlio Vargas buscava a todo momento incentivar construções baseadas em ideais nacionalistas, tendo sido o esporte uma importante ferramenta utilizada para tal (DRUMOND, 2014, p. 103-155).

Após todas as recusas da FBF em ceder seus jogadores, tendo a federação inclusive ameaçado expulsar aqueles que aceitassem a convocação para a seleção[107], a CBD determinou que, independente de contar com os atletas dos campeonatos profissionais ou não, iria se responsabilizar em montar uma grande equipe, que pudesse representar a "nação" brasileira

---

[105] *Jornal do Brasil*, 13 de abril de 1934, p. 24.
[106] *Jornal do Brasil*, 13 de abril de 1934, p. 24.
[107] *Jornal dos Sports*, 24 de abril de 1934, p. 1.

na Itália[108]. O *Jornal dos Sports* elogiou, inclusive, o esforço do "Dr. Luiz Aranha"[109], algo a se destacar, considerando que esse periódico se posicionava a favor do profissionalismo no futebol. Alguns clubes profissionais se pronunciaram afirmando que ter seus jogadores na Copa seria um "ato patriótico" e que se fosse para o bem da nação, caso houvesse um acordo entre todas as outras equipes, não haveria motivos para não cederem seus jogadores. Esse foi o caso do Palestra Itália, de São Paulo, como demonstrado na entrevista do então presidente da equipe, Dante Delmanto:

> É um ato patriótico, a cessão de jogadores para o selecionado brasileiro. Não se trata de uma representação de amadores nem de profissionais, e sim de uma representação do Brasil. O Palestra, com prazer, cederá jogadores, desde que outros clubes também o façam (...) Si os outros clubes negarem o seu concurso, o Palestra também será forçado a negar, para que o seu quadro desfalcado não tenha que enfrentar os outros completos.[110]

O caso dos jogadores convocados do Palestra Itália foi o mais curioso. Após a entrevista citada, em que o presidente da equipe até se mostrou favorável a convocação de seus jogadores caso ocorresse um consenso geral, os atletas da equipe chamados para a Copa, que eram Junqueira, Tunga e Gabardo[111], foram escondidos, para que assim não fossem incluídos no grupo que iria a Itália[112]. Foi cogitado inclusive que os jogadores haviam sido sequestrados, fato que foi depois desmentido na imprensa[113].

O fato é que a CBD conseguiu formar um grupo para disputar a Copa, tendo os seus treinamentos se iniciado no dia 24 de abril de 1934, sempre ocorridos no campo do Botafogo Football Club[114], que nesse momento era a principal equipe amadora da capital federal, o Rio de Janeiro. O elenco era formado principalmente por jogadores amadores (e, por isso, o Botafogo foi o clube que mais convocados possuiu), mas contou também com alguns atletas que já atuavam em equipes profissionais, tendo esses sido contratados pela CBD. Alguns grandes nomes, como Leônidas da Silva[115], deixaram seus clubes para atuarem na seleção[116].

---

[108] *Jornal do Brasil*, 19 de abril de 1934, p. 17.
[109] *Jornal dos Sports*, 19 de abril de 1934, p. 1 e 4.
[110] *Jornal dos Sports*, 17 de abril de 1934, p. 1 e 6.
[111] *Jornal do Brasil*, 24 de abril de 1934, p. 23.
[112] *Jornal dos Sports*, 27 de abril de 1934, p. 1 e 4.
[113] *Jornal dos Sports*, 27 de abril de 1934, p. 1 e 4.
[114] *Jornal do Brasil*, 24 de abril de 1934, p. 23.
[115] *Jornal dos Sports*, 29 de abril de 1934, p.1.
[116] Leônidas nesse período era jogador do Vasco da Gama, equipe que já havia adotado o profissionalismo no Rio de Janeiro. Ao aceitar a proposta da CBD para jogar a Copa do Mundo, acabou saindo da equipe

Essa atitude por parte dos jogadores profissionais causou a expulsão de diversos atletas da liga em que atuavam, a partir de medida tomada pela FBF[117]. Isso não intimidou a CBD, que firmou contrato com os atletas, como explicitado na declaração de Luiz Aranha em relação ao caso do goleiro Rey, do Vasco:

> Desejo fazer alguns esclarecimentos em torno do caso do Rey e do contracto dos profissionaes. Tudo fiz para conseguir a pacificação e, posteriormente, para obter jogadores profissionaes, afim de que o Brasil pudesse ser pujantemente representado no grande certâmen. Não cogitei de obter elementos entrando em negociações directas com os jogadores. Se (algum) o fez, foi levada pelo desejo de cooperar para a organização do quadro representativo do nosso paiz. Somente depois de receber a segunda negativa da Liga Carioca é que me senti na condição de agir. Como presidente do Conselho Administrativo da C.B.D. não podia permanecer inerte mas devo declarar que só depois da segunda negativa, por espírito de lealdade, é que comecei não a procurar jogadores, mas a tratar com os que se me ofereciam.[118]

Rey, o goleiro do Vasco em questão, acabou não disputando a Copa do Mundo, pois preferiu desistir e não aceitar a proposta realizada pela CBD[119]. O medo de ser expulso da FBF acabou prevalecendo e o fez abdicar de ir à Copa[120]. A partir da exposição do seu caso, a entidade foi acusada de "aliciar" os jogadores, mesmo se tratando de uma instituição que prezava até então pelo amadorismo no esporte. Outros grandes nomes do futebol nesse período aceitaram, como Luizinho, Tinoco e o já citado Leônidas da Silva, tendo sido a equipe brasileira praticamente dividida entre jogadores do amador Botafogo e jogadores que haviam sido contratados pela entidade brasileira (ou, como afirmou Luiz Aranha, haviam "se oferecido" a seleção).

Apesar de claramente enfraquecida, devido às disputas que rondaram a formação da equipe que disputaria o mundial, o "esforço" da CBD e do grupo que iria a Copa foi glorificado e exaltado pelo *Jornal do Brasil*, como sendo um grande *scratch* e que teria totais condições de representar bem a nação na Itália[121]. Os dirigentes da CBD destacaram que o

---

cruzmaltina, tendo se tornado após a Copa jogador da principal equipe amadora e aliada as políticas da CBD nesse contexto, que era o Botafogo Football Club.

[117] *Jornal do Brasil*, 05 de maio de 1934, p. 23.

[118] *Jornal dos Sports*, 24 de abril de 1934, p. 1 e 6.

[119] *Jornal dos Sports*, 24 de abril de 1934, p. 1 e 6.

[120] O caso do goleiro Rey, na época atleta do Vasco da Gama, foi muito divulgado na imprensa. Ao aceitar um acordo para ser contratado pela CBD e assim poder representar a seleção nacional na Copa do Mundo de 1934, a imprensa opositora crucificou essa atitude por parte do atleta e da entidade máxima do futebol nacional. Como explicitamos, por temer ser expulso de seu clube e da FBF, Rey acabou optando por desfazer o acordo e não disputar a Copa de 1934. Mais informações, ver *Jornal dos Sports*, 24 de abril de 1934, p. 1 e 6.

[121] *Jornal do Brasil*, 19 de abril de 1934, p. 17.

grupo poderia ser ainda melhor, caso todos os jogadores que negociavam acertassem com a entidade, o que não ocorreu segundo a "difamação sofrida" a partir da exposição do caso do jogador Rey[122].

Mais um exemplo do imaginário nacionalista presente no futebol brasileiro nesse contexto pode ser explicitado a partir das crônicas do *Jornal do Brasil*, no qual esse periódico encarou como "impatriótico" a ação dos defensores do profissionalismo em negarem a convocação de seus jogadores para a Copa do Mundo[123]. Destaca o periódico, que, diga-se de passagem, era um defensor da CBD e do amadorismo, que "os profissionalistas não tiveram o patriotismo necessário para ceder de bom grado os seus elementos"[124].

Após todas as disputas e tensões que geraram a formação da equipe brasileira, a equipe viajou para a Itália com o seguinte elenco[125]: Pedrosa (Botafogo) e Germano (Botafogo) eram os goleiros; Luiz Luz (Peñarol-URU), Octacilio (Botafogo) e Sylvio Hoffmann (São Paulo) eram os defensores; Tinoco (Vasco da Gama), Martim Silveira (Botafogo), Ariel (Botafogo), Canali (Botafogo) e Waldyr (Botafogo) atuavam no meio de campo; Armandinho (São Paulo), Attila (Botafogo), Carvalho Leite (Botafogo), Leônidas da Silva (Vasco da Gama), Luizinho (São Paulo), Patesko (Naciona-URU) e Waldemar de Britto (São Paulo) eram os pontas e atacantes. Alguns jogadores foram inscritos pela CBD na competição, mas se recusaram a viajar devido todos os problemas envolvendo a FBF e a CBD, tendo a equipe sido representada apenas por dezessete jogadores.

Cumprindo o prometido, a FBF expulsou os jogadores profissionais que se juntaram ao selecionado nacional. No total foram seis atletas que atuavam em clubes profissionais brasileiros e que foram para a Itália. Do Vasco da Gama, foram expulsos Tinoco e Leônidas da Silva, que por terem ido ao mundial ficavam proibidos de atuar a partir de então na LCF[126]. No São Paulo, os atletas Waldemar, Sylvio, Luizinho e Armandinho também foram punidos e expulsos do campeonato da APEA[127]. Após a Copa, a maioria dos jogadores profissionais expulsos foi atuar pelo Botafogo, como Leônidas da Silva, Sylvio Hoffman, Waldemar e Armandinho, além de Patesko, que também se juntou a equipe carioca após a mundial, só que oriundo do Nacional de Montevidéu, no Uruguai.

---

[122] *Jornal dos Sports*, 28 de abril de 1934, p. 1.
[123] *Jornal do Brasil*, 2 de maio de 1934, p. 17.
[124] *Jornal do Brasil*, 2 de maio de 1934, p. 17.
[125] *Correio da Manhã*, 13 de maio de 1934, p. 6.
[126] *Jornal do Brasil*, 5 de maio de 1934, p. 23.
[127] *Jornal do Brasil*, 5 de maio de 1934, p. 23.

Com o *scratch* definido, a seleção nacional partiu para a Europa, onde enfrentaria a Espanha em sua estreia, sendo a competição disputada em jogos eliminatórios. Como já explicitado anteriormente, Lourival Fontes foi nomeado para chefiar a delegação brasileira que iria disputar a competição na Itália. A ida a Copa do Mundo passou a ser encarada como uma função de Estado, fundamental para o desenvolvimento da Educação Física e do esporte no Brasil[128]. Esses interesses demonstram, como destaca Denaldo de Souza (2008, p. 48-49), a importância que o esporte passava a ter durante o governo de Vargas, sendo a escolha de Fontes para chefiar a delegação uma clara demonstração dessa mudança no campo esportivo brasileiro. Em entrevista ao periódico *A Noite*, republicado pelo *Jornal do Brasil*, Lourival Fontes já deixa indícios de que era a favor de uma centralização do esporte por parte do governo, tendo como exemplo principal os governos nazifascistas:

> A organização do sport e da educação física no Brasil, como função disciplinadora do Estado diz-vos – corresponde a uma necessidade imperiosa. Num século de luta, de velocidade, de dinamismo, de vida ativa, as manifestações esportivas não podem ser recreio de "virtuosi" nem degenerar em jogo de mercantilismo, ou de partidarismo clubista. É o preparo, o adestramento, a formação viril, a escola suscitadora de energia e de vontade das gerações. Após a guerra, na Europa, o sport foi o instrumento maravilhoso de enquadramento das jovens gerações, vindo do sacrifício duro das trincheiras. Coube-lhe uma função espiritual: manter vivo e aceso o espírito de luta e de amor e fidelidade á bandeira de união sagrada da pátria. (...) Na Alemanha, o chanceler Hitler, como dos primeiros atos e medidas do governo nacional-socialista, congregou em uma só federação oficial as cinco federações esportivas existentes e assumiu o controle de todo o programa esportivo de jogos, torneios e campeonatos. (...) E não há duvidas em afirmar que, na Italia, Alemanha, Austria e Japão, onde o sport está oficializado, atingiu a graus insuperáveis de eficiência e de aperfeiçoamento. (...) Que o exemplo estrangeiro nos sirva de lição e de apelo.[129]

É válido ressaltar, como fica explícito na declaração de Lourival Fontes, que o esporte e as práticas corporais como um todo, eram instrumentos de construção de uma lógica de disciplina nos países de ideologia fascista[130]. Como destaca Maurício Drumond,

> Um dos principais objetivos de Hitler e Mussolini perante as massas era o de "mobilizar e unificar as energias nacionais para o renascimento e o engrandecimento do país". Um dos meios utilizados para tal foi o encampamento do esporte e das atividades físicas em geral pelo Estado (DRUMOND, 2012, p. 15).

---

[128] *Jornal do Brasil*, 8 de maio de 1934, p. 25.

[129] *Jornal do Brasil*, 8 de maio de 1934, p. 25.

[130] Para maiores informações acerca do pensamento fascista, ver Francisco Carlos Teixeira da Silva (2000).

Com isso, podemos destacar que já nos anos 1920, a Itália de Mussolini realizava grandes investimentos no desenvolvimento de suas práticas esportivas, principalmente na construção de grandes estádios, que seriam uma forma de estimular as práticas e de realizar festas cívicas nas localidades, ligadas a ideologia fascista. Esses ideais seriam exaltados e, muitas das vezes, copiados no Brasil, como por exemplo, nas comemorações do Dia do Trabalho, onde Getúlio Vargas as realizava normalmente no estádio de São Januário (DRUMOND, 2008, p. 86).

Assim, a escolha de Lourival Fontes em 1934 para chefiar a delegação brasileira na Itália, tratava-se de uma demonstração da realidade e dos interesses políticos brasileiros para com o esporte nesse momento, consolidados a partir da atuação do próprio Fontes, de Gustavo Capanema, entre outros, assim como com a criação do CND, em 1941 (SOUZA, 2008, p. 71-79).

Após todo o período conturbado de formação da equipe, a delegação brasileira partiu para a Itália a navio no dia 12 de maio de 1934[131], tendo a viagem durado longos onze dias (SOUZA, 2008, p. 49). Nos dias que antecederam a chegada da equipe à Itália e sua estreia contra a Espanha, o *Jornal do Brasil* fez questão, em matérias que buscavam exaltar o nacionalismo pelo esporte, de elogiar o dirigente da CBD, Luiz Aranha, e de comparar a ida a Copa do Mundo como a ida a uma guerra[132]. Podemos entender essa relação, idealizada pelo periódico a partir do futebol, se pensarmos a partir do conceito, já explicitado nesta dissertação, da "comunidade imaginada", no qual Benedict Anderson exemplifica sua teoria pelo caso do "soldado morto", definindo que

> não existem símbolos mais impressionantes da cultura moderna do nacionalismo do que os cenotáfios e túmulos dos soldados desconhecidos. (...) esses túmulos sem almas imortais nem restos mortais identificáveis dentro deles estão carregados de imagens nacionais espectrais (ANDERSON, 2008, p. 35).

No caso dos jogadores brasileiros, os mesmos não necessariamente precisariam "morrer", mas o simples fato de representarem bem a seleção na Copa do Mundo já era entendido por parte da imprensa como um ato patriótico de valor, assim como os soldados que se sacrificavam por seus países em guerras.

---

[131] *Correio da Manhã*, 13 de maio de 1934, p. 6.
[132] *Jornal do Brasil*, 12 de maio de 1934, p. 15.

Após chegar à Europa e treinar na Espanha durante alguns dias, em Barcelona[133], a seleção enfrentou a Espanha em sua estreia na Copa do Mundo no dia 27 de maio de 1934. E, ao ser derrotada por 3x1, a equipe foi eliminada logo em sua primeira partida, já que cada jogo da competição era eliminatório[134]. A derrota foi encarada, por parte da imprensa que defendia a CBD, como um resultado da posição "antinacionalista" da FBF em não ceder seus jogadores para o selecionado, além de terem realizado reclamações em relação ao tempo de viagem para a Europa[135]. É válido destacar a mudança de discurso do *Jornal do Brasil* que, mesmo com todos os problemas para montar a equipe fez questão a todo o momento de exaltar, antes da Copa, que o grupo brasileiro era forte. Porém, após a derrota, o periódico passou a classificá-lo como limitado, colocando assim a culpa na FBF pela má representação do selecionado na Itália, pois não teve muitos de seus grandes jogadores convocados[136].

Lourival Fontes, chefe da delegação, fez questão de agradecer aos italianos e de exaltar o regime fascista do país a pós a eliminação brasileira, deixando claro qual o ideal político que considerava como o mais adequado para a realidade brasileira nesse período:

> A hospitalidade de Genova e o entusiasmo demonstrado á véspera do match, bem assim como as manifestações de simpatia que se seguiram á derrota, tocaram profundamente nossos corações. Ao deixar a Italia nosso pensamento é de adesão e de devoção á Italia Fascista, que oferece ao mundo um novo destino e uma força de vontade, que guia os povos para uma civilização nova.[137]

Após a derrota, a equipe brasileira ainda excursionou pela Europa e realizou oito partidas (SOUZA, 2008, p. 50), tendo vencido três, empatado quatro e perdido uma, por 8x4 para a Iugoslávia[138]. A intenção da delegação, com a eliminação precoce, foi a de propagar a cultura e as riquezas brasileiras pelo "velho mundo" (SOUZA, 2008, p. 50). Os jogadores, por questões contratuais, aceitaram, embora muitos não tenham gostado como ficou explícito na entrevista do craque Leônidas Silva, concedida anos depois[139].

Com a derrota brasileira para a Espanha na Copa do Mundo, que acabou sendo vencida pela seleção italiana, o que reforçou as políticas de Mussolini a partir do esporte[140], se iniciou uma tentativa de pacificação no futebol brasileiro, no qual defensores do

---

[133] *Jornal do Brasil*, 24 de maio de 1934, p. 25.
[134] *Jornal do Brasil*, 29 de maio de 1934, p. 24.
[135] *Jornal do Brasil*, 29 de maio de 1934, p. 24.
[136] *Jornal do Brasil*, 29 de maio de 1934, p. 24.
[137] *Jornal do Brasil*, 31 de maio de 1934, p. 25.
[138] *Jornal do Brasil*, 5 de junho de 1934, p. 24.
[139] *Última Hora*, 07 de abril de 1964.
[140] Mais informações ver Gilberto Agostino (2002).

profissionalismo, representados pela LCF e pela FBF, e defensores do amadorismo, representados pela AMEA e a CBD, buscaram chegar a um acordo[141]. Tal tentativa gerou oposições por grupos envolvidos com ambos os lados, tendo a imprensa defensora do amadorismo crucificado o acordo, como fica explicito nas páginas do *Jornal do Brasil:*

> O acordo assinado a que irrisoriamente estão chamando de pacificação representa, como já tivemos ocasião de dizer, uma obra de ódio, vingança e destruição. Chamar de pacificação uma coisa que traz em teu bojo demonstrações inequívocas de desmoralização da "Amea" e aniquilamento, da C.B.D. pode ter qualquer outro nome, menos um que traduza paz e esquecimento.[142]

O fato é que o acordo foi assinado a partir de uma reunião realizada na sede da FBF, tendo Arnaldo Guinle chefiado o grupo dos defensores do profissionalismo que buscavam a legalização da federação e de suas ligas[143]. No acordo, também ficava estabelecido uma vaga a ser preenchida no campeonato de 1935 da LCF, que seria destinada para o Botafogo, tendo Arnaldo Guinle exigido a mudança da direção do clube para assim ser permitida a sua entrada[144].

Todavia, a mudança de liga por parte do Botafogo nem viria a ocorrer, pois em "Aproximadamente dois meses após a assinatura do pacto assinado por Luiz Aranha, uma assembleia de diretores da CBD e representantes de suas entidades filiadas decide rejeitar as bases do pacto firmado em início de junho (DRUMOND, 2009b, p. 6)."

Após essa rejeição da CBD em manter o pacto de pacificação, realizado pós-Copa, o Vasco da Gama se retira da LCF, devido uma crise ocorrida com as diretorias do Flamengo e do Fluminense (DRUMOND, 2009a, p. 223). Os cruzmaltinos, campeões do campeonato da LCF em 1934, se juntaram ao Botafogo, campeão no mesmo ano pela AMEA, e formaram uma nova entidade no Rio de Janeiro, a Federação Metropolitana de Desportos (FMD), que se filiou à CBD (DRUMOND, 2009a, p. 223). O mesmo ocorreu em São Paulo, com a criação da Liga Paulista de Futebol, que teve entre seus clubes fundadores o Corinthians e o Palestra Itália. Essas novas ligas fortaleceram a CBD no cenário do esporte nacional, acirrando ainda mais as disputas com a FBF.

Esses efeitos da participação brasileira na Copa do Mundo fariam com que, em 1935, a CBD estabelecesse o "regime livre", no qual passou a concentrar em um mesmo campeonato

---

[141] *Jornal dos Sports,* 30 de maio de 1934, p. 1 e 4.
[142] *Jornal do Brasil,* 15 de junho de 1934, p. 22.
[143] *Jornal do Brasil,* 15 de junho de 1934, p. 22.
[144] *Jornal do Brasil,* 15 de junho de 1934, p. 22.

equipes amadoras e profissionais (DRUMOND, 2009a, p. 223). Essa foi a forma encontrada pela entidade de tentar sobreviver a disputa com o profissionalismo que cada vez mais crescia com a ascensão da LCF e da FBF.

Esses fatores nos demonstram o quanto à participação brasileira foi influenciada na Copa do Mundo de 1934 pelas disputas ocorridas em seu campo esportivo. Fato semelhante ao ocorrido na Colômbia, tendo ambos os casos sido formuladas soluções específicas para as tensões antes estimuladas.

Na Colômbia, após a resolução implantada pela *Adefútbol*no princípio de 1949, onde desfiliou a *Dimayor* das entidades que considerava como sendo oficiais, seus dirigentes não puderam levar os jogadores profissionais para o Sul-Americano do Brasil desse ano, fruto da falta de acordo entre as duas entidades. Assim, como solução encontrada, a *Adefútbol* entrou em um acordo com a principal equipe da sua cidade, o Junior de Barranquilla (que havia sido vice-campeão do campeonato nacional profissional de 1948), para que esse deixasse o campeonato profissional organizado pela *Dimayor* e enviasse seus jogadores para representar a Colômbia no Sul-Americano a ser disputado no Brasil[145].

Ambas as decisões tomadas pela *Adefútbol*, em relação à exclusão da *Dimayor* do quadro de entidades e competições oficiais, além da convocação da equipe do Junior Barranquilla (apenas alguns poucos jogadores da seleção que não eram da equipe caribenha) para representar a seleção colombiana no Sul-Americano de 1949, gerou polêmica inclusive entre aqueles que viviam em Barranquilla. O jornalista da cidade caribenha, Ramón Mac. Ausland escreveu assim para o periódico *El Tiempo* toda sua insatisfação com esses e outros fatores:

> Nós não temos criticado a *Asociación Colombiana de Fútbol* pela ação de fazer as tontas e as loucas. Tampouco nos há guiado um egoísmo bastardo, nem temos tratado de repreender pessoalmente a nenhum de seus integrantes, entre os que se encontram amigos pessoais de nossa maior consideração. Temos nos limitado a pontualizar seus desacertos esportivos que não há podido serem refutados por nada, pois até hoje não temos visto uma só linha, nem um artigo, nem uma nota oficial, que esclareça uma situação que é prejudicial para o futebol colombiano. Por outra parte nosso "barranquillerismo" nunca desmentido, nossa experiência nessas indisposições e o amor a causa, nos dão suficiente autoridade para insistir em nossos pontos de vista e repetir que se há procedido erradamente desde que se dito a resolução número 3, se desqualificou a *División Mayor*, se voltou contra alguns de seus mais distinguidos diretores, e por último, se fez a escolha de jogadores que em verdade não representam a potencialidade do futebol colombiano, nem se quer do "barranquillero", como demonstraremos

[145]*El Colombiano*, 25 de março de 1949, p. 4 e 8.

> mais na frente. A que temos chamado de "oligarquia do Junior" se impôs novamente; a maior parte de seus integrantes fará outra viajem deliciosa de turismo ao exterior, sem haver tido para nada em conta aos novos valores que há surgido. (...)[146].

Além das críticas já citadas, o jornalista de Barranquilla, Ramón Ausland, escreveu também outras relacionadas aos jogadores que iriam disputar a competição sul-americana, destacando ainda que aqueles que gostariam de buscar o bem para o futebol colombiano, deveriam ajudar na competição sul-americana que seria realizada no país em 1951, caso houvesse essa confirmação:

> Dando uma vista aos nomes dos jogadores deslocados para participar do Campeonato Sul-Americano do Brasil. (...) Dagoberto Ojeda que não somente não deveria ser escolhido, como que deveria estar desqualificado com uma pena de dois anos pelo menos, por haver agredido sem ter salvo e sobre seguro o bom árbitro Alberto Henríquez Pirella. Humberto Picalúa está tão mal que nem se quer é afastado desde muito tempo nos compromissos do "Junior". Rigoberto Garcia (Memuerde) está lesionado. Gabriel Mejía e González Rubio foram desqualificados por escândalos e insubordinação em Guayaquil. Seria muito longo fazer a crítica de todos e de cada um dos integrantes, que como temos dito em artigos anteriores, estão chamados a qualificar serviços ou para empregar uma frase 'futbolera' "a pendurar os sapatos". Estamos seguros de que nada ousará desmentir estas amargas verdades e que não poderá refutar-se com razões verdadeiras nossa argumentação. Os verdadeiros esportistas "barranquilleros" criticam a atuação da *Adefútbol* e todo o mundo comenta nos grupos a forma descabelada e antifuteboleira que se há procedido. Muitos diretores que tem feito esforços supremos para levantar o nível moral e desportivo de uma grande quantidade de jogadores novos, muito bons, se sentem desiludidos e dizem com sobrada razão que se retiram porque aram no deserto.[147]

Mesmo com todas as confusões e tensões geradas, a Colômbia enviou sua delegação para o Rio de Janeiro, com o objetivo de disputar o Campeonato Sul-Americano de 1949. Tendo como base a equipe do Junior Barranquilla (que havia entrado em acordo com a *Adefútbol*[148]), além de alguns outros poucos jogadores (como o goleiro Efraín, que atuava no San Lorenzo da Argentina[149]) a seleção da Colômbia se juntou as outras sete nações que disputaram a competição no Brasil. Mesmo não sendo a "representação da nação" ideal, já que não havia contado com o aval nem mesmo da população local[150], a equipe iniciou sua caminhada contra o Paraguai, tendo perdido logo na estreia pelo placar de 3 a 0. O placar da

---

[146]*El Colombiano*, 25 de março de 1949, p. 8, tradução nossa.
[147]*El Colombiano*, 25 de março de 1949, p. 4, tradução nossa.
[148]*El Colombiano*, [20?] de fevereiro de 1949, p. 12.
[149]*El Tiempo*, 02de março de 1949, p. 07.
[150]*El Colombiano*, 25 de março de 1949, p. 4.

estreia refletia o sentimento da imprensa local, que, antes mesmo do início da competição, não possuíam esperanças de bons resultados com a equipe que foi ao Brasil:

> Por sua parte, os entendidos nessas questões dão muita pouca opção a representação da Colômbia, que em nenhum momento constituiu os nomes indicados para levar ao país irmão, onde, com a iniciação do futebol profissional, se tem visto mercados a frente. O conjunto colombiano está integrado em sua totalidade por jogadores costenhos que assistiram aos dois últimos torneios e cuja idade contraria totalmente com as unidades jovens que enviaram os outros países. Com tal conjunto – segundo os comentaristas – Colômbia terá que se contentar com o último lugar.[151]

Paralelamente a participação da seleção no Sul-Americano, onde o *scratch* nacional era representado em sua grande maioria pela equipe do Junior, as outras equipes profissionais do país já se preparavam para o segundo campeonato nacional que ocorreria a partir de maio de 1949. E, além dos jogadores colombianos que não foram para a competição no Brasil, começou a ocorrer um grande incentivo para a contratação de atletas estrangeiros que pudessem estimular ainda mais o desenvolvimento do espetáculo no futebol colombiano[152].

Entretanto, o investimento e incentivo pela contratação de craques estrangeiros, também gerou uma série de dúvidas sobre o que seria o "futebol nacional" na Colômbia. Poderíamos chamar uma seleção composta em grande parte por jogadores de Barranquilla, no caso da equipe do Junior, de nacional? A maioria da população e da imprensa especializada no período, responderiam que não. Entretanto, ter uma liga composta por jogadores estrangeiros em grande quantidade também não atrapalharia a ideia de formar um forte campeonato "nacional"? Já no primeiro campeonato organizado pela *Dimayor* em 1948, vinte e cinco atletas estrangeiros haviam atuado em equipes colombianas (RUIZ BONILLA, 2008, p. 51). Isso poderia acabar enfraquecendo o ideário nacionalista do país no futebol, o que estimulou, por parte da imprensa, a expectativa em se criar medidas que limitassem o número de estrangeiros que iriam atuar na Colômbia:

> Ao finalizar o torneio do ano passado e com os anúncios dados por vários clubes de que se reforçariam com elementos de fora do país se acreditou que a entidade máxima do profissionalismo iria tomar medidas encaminhadas para impedir a invasão de jogadores estrangeiros e a limitar o número deles que poderiam figurar em cada quadro. Sem embargo, tudo isso não passou de ser um simples rumor, porque a *División Mayor* desde então não há tratado nenhum ponto a esse respeito. Com o número de debutantes estrangeiros nesse ano é muito possível que para posteriores campeonatos se

[151]*El Colombiano*, 03 de abril de 1949, p. 4, tradução nossa.
[152]*El Colombiano*, 03 de abril de 1949, p. 4.

> tomem medidas ao menos para controlar o excessivo número de estrangeiros e dar entradas a elementos nacionais.[153]

O que não poderia ser previsto por parte da imprensa colombiana nesse período é que o êxodo de jogadores estrangeiros não representaria um "ataque" à nacionalidade colombiana no futebol, mas sim se tornaria um dos principais elos na formação da identidade no país por esse esporte (GOMES, 2014a). Para a população colombiana que acompanhava o futebol profissional, a presença dos grandes nomes estrangeiros que atuariam no país não iria enfraquecer o futebol nacional, mas sim fortalecer a liga profissional e os espetáculos pelo esporte. E foi exatamente as disputas geradas entre a *Adefútbol* e a *Dimayor* durante a escolha e preparação da equipe colombiana que disputaria o Sul-Americano de 1949, que resultaram na posição de "ilegalidade" da *Dimayor*, possibilitando que seus clubes contratassem jogadores estrangeiros sem ter que pagar por seus passes.

Já que a federação não era reconhecida pela entidade oficial colombiana, assim como pela Conmebole pela FIFA, não necessitava também cumprir todas as regras que essas entidades estipulavam para o futebol. Com isso, investiram na contratação de jogadores de alto nível, tanto de países vizinhos (como Argentina, Uruguai, Peru, Costa Rica e até o Brasil), como de países europeus (como Inglaterra e Itália), sem pagarem por seus passes. Ofereciam altos salários aos jogadores, tendo esses que, literalmente, saírem de seus clubes de origem, deixando para trás o contrato profissional que possuíam em vigor, para irem se "aventurar" no *El Dorado* do futebol colombiano (GOMES, 2014a: p. 75-82).

Enquanto os jogadores estrangeiros chegavam para o novo campeonato nacional que ocorreria no país, a seleção colombiana, representada principalmente pelo Junior, despencava na competição continental disputada no Brasil. Após a já citada estreia, onde foi derrotada pelo Paraguai[154], a equipe disputou mais seis jogos, tendo empatado dois e perdido quatro, o que lhe rendeu o último lugar na competição como era esperado pela imprensa especializada[155]. Os resultados das partidas disputadas pela Colômbia foram: 0x3 Paraguai; 0x4 Peru; 0x5 Brasil; 1x1 Chile; 2x2 Uruguai; 1x4 Equador; e 0x4 Bolívia. Os resultados demonstram que a insatisfação da imprensa com a qualidade da equipe que disputaria a competição, que acabou sendo vencida pelo anfitrião Brasil, não era sem fundamento.

Esse fato também escancara como os países que já haviam iniciado seus processos de profissionalização no futebol há mais tempo, como é o caso brasileiro que nesta dissertação

---

[153]*El Colombiano*, 03 de abril de 1949, p. 4, tradução nossa.
[154]*El Colombiano*, 10 de abril de 1949, p. 7.
[155]*El Colombiano*, 03 de abril de 1949, p;4.

estudamos a partir do Rio de Janeiro, estavam à frente da Colômbia no futebol. E diminuir essa diferença técnica e organizacional em relação aos seus vizinhos da América do Sul, era um dos principais interesses dos clubes ligados a Dimayor. Em entrevista ao *El Colombiano*, o presidente do Atlético Municipal de Medellín, Raúl H. Sánchez, assim falou sobre a *Adefútbol* e a necessidade de organização no futebol colombiano, desejada pelos principais clubes que haviam adotado o profissionalismo:

> O futebol colombiano apenas começa a se organizar no país e se deve precisamente ao primeiro campeonato profissional realizado no ano passado. Nesse então que nos demos conta do que era o nosso futebol, porém desgraçadamente nossa organização está ainda muito incipiente. As diretivas possuem muita boa fé, porém, têm cometido erros (...). É indispensável a completa organização da suprema diretiva, a Adefútbol, para que essa entidade marche com a mesma intensidade que estão caminhando as equipes. Os indivíduos que compõem essa entidade devem dedicar seu entusiasmo e seu fervor, para que o progresso do futebol nacional seja efetivo. Deve haver harmonia entre seus componentes e estudar todos os assuntos (?) nacional. É necessário que o governo intervenha permanentemente e que um representante seja membro da Adefútbol para que possamos estabelecer uma organização séria e respeitável. É preciso a expedição de um estatuto completo que sirva de base a organização. A Adefútbol deve estar composta por elementos representativos das correntes que regem o futebol nacional: o amadorismo e o profissionalismo, para que lutando conjuntamente, os resultados sejam benéficos.[156]

Enquanto o país perdia na competição sul-americana de seleções, internamente os olhares se voltavam para o segundo Campeonato profissional de futebol que a *Dimayor* iria organizar. Com início em 1º de maio de 1949, a competição atraiu a todos pelo país, tanto por parte da população que a cada dia demonstrava um interesse maior pelo esporte, quanto por parte da imprensa, onde o maior número de matérias e crônicas sobre futebol demonstrava o crescimento da importância desse esporte na Colômbia[157]. Logo que começou a competição, as expectativas eram grandes, como demonstrado nos jornais, sendo o campeonato de clubes uma forma de "se esquecer" o vexame da seleção no Sul-Americano, disputado entre abril e maio de 1949:

> O desenvolvimento da prova inicial a que foi submetido o futebol rentável no ano passado, deixou inúmeras vantagens, em especial depois dessa época angustiosa em que vivemos com motivos dos lamentáveis ocorridos do mês

[156]*El Colombiano*, 09 de maio de 1949, p. 13, tradução nossa.
[157]*El Colombiano*,1º de maio de 1949, p. 4.

> de abril. Agora voltamos a ver como esses milhões de aficionados do país, nas diferentes cidades, exibem todo seu entusiasmo por essas atividades e vão aos estádios dispostos, não só a ver um bom futebol, se não também a defenderem os clubes de suas simpatias. Para esse ano os atrativos são maiores, se tenhamos em conta que é maior o número de participantes e o esforço que fazem as diferentes entidades por presentear suas esquadras com elementos, tanto estrangeiros como nacionais, que assegurem uma honrosa posição para cada um.[158]

Portanto, esses são os fatos que ilustram como as disputas entre as duas principais federações do futebol da Colômbia em 1949, *Dimayor* e *Adefútbol*, influenciaram diretamente na participação do país no Sul-Americano de seleções disputado no Brasil. Não que a formação de um selecionado com os melhores jogadores colombianos do período faria do país um postulante ao título sul-americano. Todavia, provavelmente teria sido mais plausível, nesse último caso, a idealização de uma representação nacional pelo futebol no país, de forma que atraísse o público colombiano a seguir a campanha da seleção.

Além disso, essas disputas também foram cruciais para que a liga profissional organizada pela *Dimayor* passasse a ser considerada "ilegal" por todas as entidades que regiam o futebol "oficial" no período, como ilustraremos com mais detalhes no capítulo seguinte. Ao compararmos a participação colombiana em 1949 com a brasileira em 1934, percebemos que ambos os casos fortaleceram as disputas entre as entidades amadoras e profissionais nos países. Isso contribuiu para a má participação dos selecionados nacionais nas competições, mesmo tendo as federações, que organizavam as equipes (*Adefútbol*, na Colômbia, e CBD, no Brasil), buscado alternativas para tentar diminuir a perda dos jogadores profissionais que haviam tido vetadas suas convocações pelas entidades que organizavam o futebol rentável (*Dimayor* e FBF, em cada caso).

Enquanto a CBD buscou contratar alguns dos jogadores profissionais, como forma de fortalecer a seleção nacional, a *Adefútbol* fez um acordo com a equipe de sua cidade, o Junior Barranquilla, para que se desvinculasse da *Dimayor* e cedesse seus jogadores para representar a Colômbia no Sul-Americano. E se no Rio de Janeiro a crise entre as federações já ocorria antes da Copa de 1934 e o vexame nessa competição estimulou uma possível "pacificação" (que, diga-se de passagem, não ocorreu devido a novos desentendimentos) entre as partes envolvidas, na Colômbia o Sul-Americano de 1949 fez as tensões entre a *Dimayor* e a *Adefútbol* surgirem com toda força, como foi possível analisar.

---

[158]*El Colombiano*, 02 de maio de 1949, p. 12, tradução nossa.

As representações nacionais construídas a partir dos selecionados brasileiro e colombiano nas competições analisadas, tendo como fundo as séries de tensões ocorridas, se tornaram frágeis. Isso resultou em uma série de mudanças nos rumos do processo de profissionalização do futebol a partir de então, tanto para o caso carioca quanto para o colombiano. Todos esses efeitos seriam postos à tona nos anos seguintes, como demonstraremos a seguir.

CAPÍTULO II: O DESENVOLVIMENTO DE UM CAMPO PROFISSIONAL NO FUTEBOL: RELAÇÕES COM A MÍDIA E A POLÍTICA

II. I *O avanço do profissionalismo do futebol no Rio de Janeiro (1934-1937) e na Colômbia (1949-1951)*

Como destacamos no capítulo anterior, os anos de 1933 (no caso do Rio de Janeiro) e de 1948 (para a Colômbia) marcaram o início do futebol profissional nas localidades aqui estudadas. A participação na Copa do Mundo de 1934 e no Sul-Americano de 1949, respectivamente por Brasil e Colômbia, afloraram as disputas entre as federações que buscavam desenvolver o futebol em seu âmbito profissional ou mantê-lo no amadorismo, notadamente a LCF e a AMEA no caso carioca, assim como a *Dimayor* e a *Adefútbol* no caso colombiano.

Até aqui, tentamos demonstrar que mais que uma simples disputa entre "defensores do amadorismo x defensores do profissionalismo", nos dois casos ocorreram tensões entre as elites que buscavam manter ou conquistar o poder sobre o futebol. Essas tensões se enquadraram aos contextos políticos em que estavam inseridos os dois países. No Brasil (onde o Rio de Janeiro era a capital), esse contexto pode ser demonstrado pela ascensão de Getúlio Vargas à presidência e a realização de ambíguas políticas que ficaram marcantes em seu mandato, onde buscou relacionar modernização com tradição (DRUMOND, 2014, p. 37). Enquanto isso, o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán na Colômbia aflorou as disputas e a violência entre liberais e conservadores, fatos que caracterizaram os anos que se seguiram no país, tendo tido como consequência a implantação de um golpe de estado que levou ao poder o militar Gustavo Rojas Pinilla, entre 1953 e 1957 (BUSHNELL, 2012, p. 306-307).

No futebol, algumas dessas tensões podem ser percebidas no Rio de Janeiro a partir da criação da Liga Carioca de Football (LCF) em 1933, que passou a realizar o campeonato profissional na capital federal e a rivalizar com a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), entidade que era a mantenedora da principal competição de futebol amador na cidade. Em um âmbito maior, ambas estavam incluídas nas disputas entre a Federação Brasileira de Football (FBF) e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que defendiam respectivamente o profissionalismo e o amadorismo no contexto nacional.

Já na Colômbia, essas disputas ocorreram entre a *División Mayor (Dimayor)*, que a partir de 1948 organizava o campeonato profissional nacional, e a *Asociación Colombiana de Fútbol (Adefútbol)*, que defendia o amadorismo e buscava manter o seu poder sobre esse esporte no país. Mesmo com algumas divergências no sentido de desenvolver uma competição profissional, tendo em vista que algumas federações departamentais possuíram insatisfações no processo de profissionalização do futebol colombiano[159], a criação da *Dimayor* caracterizou a formação do profissionalismo em proporções nacionais na Colômbia. Essa é uma diferença ao compararmos com o caso brasileiro, considerando que o Rio de Janeiro e os outros estados do país passaram por processos de profissionalização do futebol específicos e singulares[160], mesmo quando se relacionavam, como demonstramos na criação da FBF (DRUMOND, 2015, p. 78).

Neste capítulo, destacaremos os efeitos dos processos de profissionalização que se desenvolveram no Rio de Janeiro e na Colômbia, tendo os anos de 1933 e 1948 sido respectivamente o marco inicial em cada objeto. No caso carioca, consideramos como ponto de partida para análise o momento final da Copa do Mundo de 1934 e, como ponto de chegada, o ano de 1937, que ficou marcado pela "pacificação" do futebol no Rio de Janeiro, como demonstraremos. Já na Colômbia, iniciamos com o fim do Sul-Americano de seleções em 1949 e concluímos em 1951, ano que seria implantado o Pacto de Lima que, como será analisado com mais detalhes no terceiro capítulo, também caracterizou um momento de pacificação das tensões geradas pelo processo de profissionalização no país.

Além dos contextos que marcaram as tensões nos dois casos, abordaremos também nesse capítulo como os dirigentes esportivos se relacionaram com a imprensa local em cada caso, demonstrando a influência que esses contatos tiveram na formação de tensões entre os lados envolvidos e na difusão de determinados posicionamentos sobre a profissionalização do futebol no Rio de Janeiro e na Colômbia. Essa é uma forma de problematizarmos as diferentes visões que foram construídas e idealizadas pelas fontes analisadas para esta pesquisa.

Também será alvo de nossa análise o olhar político relacionado com o desenvolvimento do futebol profissional no Rio de Janeiro e na Colômbia, onde procuraremos explicitar as principais intervenções estatais relacionadas ao futebol ocorridas nesses referidos

---

[159] Como explicitamos no capítulo anterior, a *Fedefútbol*, federação do departamento colombiano de Antioquia, se voltou inicialmente contra as normas estabelecidas pela *Dimayor*, onde apenas duas equipes por departamento poderiam disputar o campeonato profissional de futebol do país. Maiores informações, ver *El Colombiano*, 19 de julho de 1948, p. 8.

[160] Maiores informações sobre os processos de profissionalização do futebol em diferentes localidades do Brasil, ver GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais. *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

períodos estudados. Tendo em vista a presença do governo Vargas em diferentes setores sociais e culturais brasileiros, assim como o conturbado momento político nos governos que marcam o recorte temporal de estudo deste trabalho sobre o caso colombiano[161], estudar a relação da política com o futebol em seus períodos de profissionalização nos parece uma fértil opção de análise para compreendermos esses objetos.

Após a Copa do Mundo de futebol de 1934, foi idealizada no futebol brasileiro uma possível forma de pacificação no futebol[162], considerando os problemas que as disputas entre defensores do amadorismo e do profissionalismo haviam causado na formação da equipe brasileira para essa competição. Porém, esse acordo pela pacificação acabou não ocorrendo, como vimos no capítulo anterior.

As disputas entre os grupos dissidentes ficavam cada vez mais explicitas. Como já destacamos, nomes como os de Arnaldo Guinle, Oscar Costa, Ary de Azevedo Franco, Antônio Avellar e José Padilha[163], buscavam recuperar o prestígio e poder outrora alcançado no comando do futebol carioca, tendo sido a formação de uma liga profissional o caminho encontrado para tal. Em contrapartida, outros nomes surgiam com maior espaço no novo contexto político do futebol nos anos 1930, alcançando assim mais poder na CBD. Coincidência ou não, em sua grande maioria eram nomes de dirigentes também muito próximos do então governo de Getúlio Vargas, como Luiz Aranha, Rivadavia Corrêa Meyer, Paulo Azeredo, Carlito Rocha e João Lyra Filho[164].

Ao analisar a bibliografia existente na historiografia sobre a temática, percebemos que a importância de Luiz Aranha e Rivadavia Corrêa Meyer nesse processo do dissídio foi fundamental para o lado da AMEA e da CBD, enquanto Arnaldo Guinle é o grande nome dos dissidentes ligados a LCF e a FBF.

---

[161]Sobre a Colômbia, nosso trabalho se inicia no ano de 1948, período em que o conservador Mariano Ospina Pérez era o presidente do país. Seu sucessor, Laureano Gómez, governou de forma direta de 1950 a 1951 e, indiretamente, de 1951 a 1953. No ano final de nosso recorte, entre 1953 a 1954, o país foi marcado pelo mandato do militar Gustavo Rojas Pinilla, após um golpe que destitui Laureano Gómez do poder. Mais informações sobre esse período, ver BUSHNELL, David. *Colombia: una nación a pesar de sí misma – nuestra historia desde los tempos precolombianos hasta hoy*. Bogotá: Planeta, 2012, p. 287-315.

[162]*Jornal do Brasil*, 15 de junho de 1934, p. 22.

[163]Os quatro primeiros, ligados respectivamente aos clubes cariocas Fluminense (no caso dos dois primeiros citados), Bangu e America, foram lideranças fundamentais no processo de profissionalização do futebol carioca e na criação da LCF em 1933. Mais informações, ver o Capítulo I desta dissertação. Já José Padilha, então presidente do Flamengo, foi relutante ao processo de profissionalização em um primeiro momento, cenário esse que logo se modificou, tendo se tornado uma importante liderança do processo ao lado do grupo dissidente, como demonstraremos na sequência desse e do próximo capítulo.

[164] Todos esses cinco eram ligados ao Botafogo, principal clube que permaneceu no campeonato amador organizado pela AMEA no Rio de Janeiro.

No âmbito da CBD, Denaldo de Souza (2008, p. 42) destaca Rivadavia Corrêa Meyer como o "grande nome" do período, principalmente por ter alcançado a presidência da AMEA em 1932 e assim diminuído o poder que então era liderado por Guinle. Já Maurício Drumond (2014, p. 75), sem negar a importância de Meyer, entende que Luiz Aranha teria sido o principal defensor do amadorismo e, naturalmente, da CBD, nesse processo do dissídio esportivo. Sem possuirmos a pretensão de "apaziguar o debate", concluímos que ambas as figuras foram centrais nesse processo do dissídio esportivo. Enquanto Rivadavia Meyer foi importante no processo inicial, ao alcançar a presidência da AMEA depois de anos de domínio do grupo de Guinle, Luiz Aranha conseguiu expandir o domínio de seus aliados para o âmbito nacional. Entre 1933 e 1936, se tornou presidente do Conselho Administrativo da CBD, entidade que no mesmo ano de 1936 se tornaria o presidente, cargo que o próprio Meyer o substituiria em 1943.

O fato é que ambos estavam inseridos em um mesmo grupo de dirigentes que passaram a ocupar um lugar de maior destaque no futebol na década de 1930. E, não à toa, eram ligados ao mesmo clube, o Botafogo Football Club, único grande do Rio de Janeiro que havia se mantido filiado a AMEA e ao campeonato amador[165]. Manter-se ligados a lógica amadora os faziam não só "defender um ideal" dentro do esporte, mas também se consolidarem como soberanos no comando do futebol na cidade, tal como no país (SOUZA, 2008, p. 42-47).

Como explicitamos no capítulo anterior, para a formação do grupo de jogadores que foi para a Copa do Mundo de 1934, a CBD, mesmo que contrariando sua lógica amadora, contratou muitos jogadores que atuavam em equipes já profissionais. Ao término da competição, como esses jogadores não poderiam retornar para seus clubes de origem[166], foram então cedidos ao Botafogo, clube que como demonstramos estava ligado à maior parte dos dirigentes que agora mantinham o poder na AMEA e na CBD. Mesmo praticando o amadorismo marrom desde a década anterior, naquele momento era mais interessante para o Botafogo se manter na liga amadora, onde não só havia sido tricampeão[167] seguido no futebol,

---

[165]*A Noite*, 24 de janeiro de 1933, p. 8.

[166]O caso do atacante Luizinho, do São Paulo da Floresta, foi uma exceção. Ao retornar do mundial, o atleta pediu ao clube para que pudesse retornar a equipe, tendo recebido o perdão e apenas uma punição da federação paulista (DRUMOND, 2015, p. 80).

[167] Em 1932, último Campeonato Carioca antes do dissídio esportivo e da criação do campeonato profissional da LCF, o Botafogo foi o clube que se sagrou campeão. Em 1933 e 1934, com a adesão dos principais clubes da cidade ao campeonato profissional, como Fluminense, Flamengo, Vasco, Bangu e America, o Botafogo se tornou soberano na competição amadora, tendo sido campeão nesses dois anos e conquistado assim o tricampeonato seguido nos campeonatos da AMEA. O tetracampeonato seria conquistado pelo clube em 1935,

como também conseguira um maior domínio na parte administrativa das federações. Mas como o clube reagiria com a chegada de atletas como Leônidas da Silva, Silvio Hoffman e Patesko, todos vindos da seleção que disputou a Copa de 1934 na Itália e que já eram atletas profissionais? Essa pergunta pode ser explicada a partir do entendimento do "regime livre", que viria a ser implantado no futebol carioca a partir de 1935[168].

Para o entendimento do que foi e de como foi implantado o "regime livre", temos que nos remeter ao caso do Vasco da Gama, em 1934. Ao término do Campeonato Carioca profissional ocorrido nesse ano, no qual o clube cruzmaltino havia se tornado campeão, ocorreu uma intensa campanha por parte da CBD para que o Vasco pudesse se desfiliar da LCF e assim, junto do Botafogo, pudesse formar uma nova instituição que, claro, seria ligada a própria entidade máxima do futebol nacional. Como podemos ver na fonte abaixo, essa desfiliação se estendeu também a outros times:

> As ocorrências verificadas depois da resolução do Vasco da Gama de abandonar a Liga Carioca tem seguido o curso normal dos acontecimentos resultantes da cisão que se deu. Ontem, antes de se corporificar a ideia da fundação de uma nova entidade, a que se filiariam aqueles que acompanharam o grêmio cruzmaltino, São Christóvão e Bangu tomaram a resolução extrema de deixar as fileiras da entidade profissionalista, aderindo, assim, a causa que tem como "leader" o Vasco.[169]

Assim, nessa nova liga seria estabelecido um regime onde pudessem aceitar tanto equipes e jogadores profissionais, quanto amadores. Ou seja, oficialmente a CBD não se dizia profissional, mas já não criaria mais problemas para aqueles que praticassem o esporte recebendo remuneração para tal. Com isso, em 1935 foi criada no Rio de Janeiro a Federação Metropolitana de Desportos (FMD), que surgia para substituir a AMEA e seria ligada a CBD. Os periódicos que defendiam o profissionalismo, como o *A Noite*, não concordaram com a criação da nova entidade:

> (...) E, quando se efetuou a noite, na sede do Botafogo, a reunião de que surgiu a Federação Metropolitana de Desportos, lá estavam os representantes daqueles dois clubes (Botafogo e Vasco da Gama), emprestando sua solidariedade ao programa que se traçou a nova entidade. Com isso, mais se acentua a crise nos *sports*, uma vez que já se não pensa mais em pacificação,

---

dessa vez no campeonato organizado pela FMD, entidade que substituiu a AMEA, como é demonstrado neste capítulo.

[168] *Jornal dos Sports*, 29 de abril de 1934, p. 1.

[169] *A Noite*, 12 de dezembro de 1934, p. 1.

> sendo latente a ideia de luta, o que é, sob todos os pontos de vista, lamentável.[170]

Com essa manobra, a federação nacional manteria o controle tanto do amadorismo quanto do profissionalismo no futebol carioca e brasileiro. No caso da capital federal, especificamente, conseguiu criar uma nova liga que contava agora com os dois atuais campeões cariocas, o Botafogo (campeão do campeonato da AMEA em 1934) e o Vasco (campeão do campeonato da LCF no mesmo ano), além do Bangu e do São Cristóvão que, como nos demonstra a fonte analisada[171], também mudaram de lado. Dessa forma, a CBD "virava o jogo" ao organizar uma competição que pudesse rivalizar com aquela desenvolvida pela LCF, além de ter aberto definitivamente o caminho para o profissionalismo se consolidar no futebol carioca.

A partir desses fatos, podemos perceber que as tensões entre "amadorismo" e "profissionalismo" no futebol carioca foram, na verdade, um plano de fundo para uma maior disputa existente pelo domínio político do futebol carioca e nacional. Podemos confirmar essas afirmações com as próprias manobras criadas pela CBD em 1935, onde estabeleceu um regime que aceitava tanto amadores quanto profissionais, de forma que assim mantivesse o domínio do futebol na capital federal.

Após esse caso, se consolidou no futebol brasileiro uma nova configuração de disputas. Nessa, a temática do "amadorismo x profissionalismo" passou a ser menos tratada, tendo a imprensa do período destacado seus olhares para a forma de organização que cada entidade agora estabelecia. Como demonstra Maurício Drumond (2015), os temas das disputas pelo poder do futebol passavam a ser entre as "entidades ecléticas" e as "entidades especializadas".

Entendemos como entidades ecléticas, nesse contexto do esporte nacional, aquelas que possuíam em seu âmbito mais de uma modalidade esportiva. Já as especializadas eram aquelas instituições que se preocupavam com a organização de apenas uma prática. Maurício Drumond nos destaca que,

> A CBD era a única entidade eclética no âmbito nacional, possuindo uma federação em cada Unidade Federal. Assim como a própria CBD, cada federação era responsável pela gestão de várias modalidades desportivas, como o futebol, o atletismo, o remo e o tênis. No Rio de Janeiro, por exemplo, a CBD e sua filiada, a Federação Metropolitana de Desportos, eram responsáveis por diversos esportes, além do futebol. (...) Já as

[170] *A Noite*, 12 de dezembro de 1934, p. 1.
[171] *A Noite*, 12 de dezembro de 1934, p. 1.

> entidades especializadas – lideradas por Arnaldo Guinle, presidente da FBF – eram entidades independentes que cuidavam cada uma de uma modalidade desportiva, como a Federação Brasileira de Tênis. O mesmo se repetia no âmbito estadual; no Rio de Janeiro, além da LCF, a entidade especializada do futebol, havia outras entidades especializadas que cuidavam de outros esportes, como a de natação, a de remo e a de tênis (DRUMOND, 2015, p. 82).

Como podemos perceber, a CBD era a "mandachuva" das entidades ecléticas. No Rio de Janeiro (assim como ocorria em outros estados brasileiros), a CBD possuía uma entidade filiada, que era a FMD. Essa se tornou responsável não só pela organização do futebol, mas também de outros vários esportes na capital federal, porém sempre tendo o poder centralizado pela CBD.

Em contrapartida, as entidades ligadas ao profissionalismo possuíam cada uma sua própria autonomia na organização de suas práticas. No caso do futebol no Rio de Janeiro, a responsável era a LCF, comandada principalmente por Arnaldo Guinle. A imprensa do período não ignorou essa nova configuração de disputas no âmbito do futebol carioca, tendo os jornais que defendiam o amadorismo ficado ao lado das entidades ecléticas, enquanto os periódicos que defendiam o profissionalismo, passaram a defender também as entidades especializadas.

De fato, as diferenças na natureza de cada entidade existiam. E essas diferenças, no contexto de 1935, favoreciam a CBD. Consideramos que esse debate de qual seria a melhor forma de entidade esportiva a ser criada na organização das práticas no Brasil, se deu novamente como um motivo para se disputar o poder pelo futebol e outras modalidades. Como a CBD ainda mantinha uma centralização desse poder entre as entidades ecléticas, conseguia se estruturar melhor nesse momento para o enfrentamento com as entidades especializadas. Isso ficou mais evidente quando, ainda em 1935, foi criado o Conselho Nacional de Esportes (CNE). Tal conselho foi desenvolvido pelas entidades especializadas, de forma que pudessem rivalizar com a centralização realizada pela CBD. Com o CNE, "as especializadas mantinham sua autonomia, mas unificavam seus esforços para o duelo travado contra a CBD" (DRUMOND, 2015, p. 82).

Esse cenário se manteria configurado até 1937. Durante esse período, ocorreria a primeira grande intervenção estatal varguista relacionada ao esporte e, especialmente, ao futebol. Essa se deu no âmbito da Censura Teatral[172], que possibilitou ao governo

[172] A Censura Teatral era um órgão ligado a polícia do período do governo Vargas, que criou regras específicas para a realização de diversas diversões públicas e populares desse contexto, dentre elas o teatro e as práticas

regulamentar e registrar os atletas que praticavam futebol no país. Sobre essa e outras políticas estatais relacionadas ao esporte no período, trataremos nos próximos tópicos do capítulo.

O fato é que somente em 1937 que ocorreria uma modificação definitiva no âmbito do futebol carioca, refletindo mais uma vez o cenário nacional. Nesse ano foi realizada uma proposta de pacificação pelos clubes cariocas América e Vasco da Gama, visando encerrar as tensões geradas até então pelo processo de profissionalização do futebol carioca[173]. Dessa proposta, nasceu um pacto assinado entre os dois clubes citados, que se estendeu às outras equipes da LCF e da FMD. Esse pacto seria plenamente aceito pelos outros clubes e resultaria na criação de uma nova instituição.

Na imprensa, cada jornal buscou valorizar o pacto como sendo mais favorável para o seu lado. O *Jornal do Brasil*, defensor da CBD, publicou que os dirigentes da FBF haviam ficado revoltados com o acordo[174]·. Todavia, o *Jornal dos Sports*, que defendia a entidade profissional, publicou essa matéria, nas palavras do então vice-presidente da FBF, Plínio Leite:

> O contentamento é geral pelo prenuncio da terminação do dissídio do football nacional. Como vice-presidente da Federação Brasileira de Foot-ball cabe-me afirmar que o gesto do America assignando o pacto com o Vasco nada mais é do que ser ele o representante verdadeiro da opinião de todos os seus companheiros de lutas e que com eles estão solidários como sempre estiveram[175]

Assim, em 1937 foi criada uma nova liga de futebol profissional no Rio de Janeiro, a Liga de Futebol do Rio de Janeiro (LFRJ). A intenção era a de criar uma nova entidade, de forma que fossem extintas a FMD e a LCF. Com isso, a LFRJ passou a ser filiada a FBF, enquanto essa última era ligada a CBD.

Nessa nova configuração, os dirigentes ligados ao Botafogo, onde alguns eram importantes nomes também na CBD (como Luiz Aranha), entenderam que o clube teria que se inserir definitivamente na lógica profissional que se consolidava, oficializando assim o amadorismo marrom que já era praticado na instituição. Como demonstramos até aqui, mais que um efeito das disputas entre "profissionais x amadores", essa ação caracterizou

---

esportivas. Maiores informações sobre a Censura Teatral, ver Eliza Casadei (2008) e <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/EstadoNovo>, acessado em 22/03/2016.

[173] *Jornal dos Sports*, 20 de julho de 1937, p. 1 e 6.

[174] *Jornal do Brasil*, 20 de julho de 1937, p. 16.

[175] *Jornal dos Sports*, 20 de julho de 1937, p. 1 e 6.

novamente uma tentativa do clube se manter no poder do futebol no Rio de Janeiro, dentro do cenário que se desenhava.

A partir de então, iniciando-se por São Paulo, os outros estados brasileiros foram aderindo à nova realidade e se filiando com suas ligas à FBF. Nessa nova organização, a CBD passava a ter o poder "apenas" dos assuntos referentes à seleção brasileira, enquanto os campeonatos estaduais de clubes seriam de responsabilidade da FBF. Portanto, apesar da oficialização do profissionalismo ter sido inevitável e aceita pelos dois lados, esse acordo fez também com que a centralização do futebol realizada pela entidade máxima esportiva do país, diminuísse[176].

Assim, apesar do futebol no Rio de Janeiro se consolidar definitivamente como profissional, as tensões e disputas pelo poder do esporte não parariam por aí. Tendo em vista que a CBD a partir de então não controlava mais os campeonatos de clubes, que haviam ficado a cargo da FBF, podemos perceber que essas disputas permaneceriam, pelo menos, até 1941, como demonstraremos no capítulo a seguir.

Na Colômbia, a partir do início do segundo campeonato nacional profissional em maio de 1949, se tornou possível identificar com mais força as disputas entre a *Adefútbol* e a *Dimayor* pelo poder do futebol no país. Como demonstramos no capítulo anterior, a participação e organização colombiana para a disputa do Sul-Americano de seleções de 1949 no Brasil, foi o momento chave de afloramento das tensões que já se formavam entre as federações.

A partir de então, a liga profissional colombiana *Dimayor* passou a não ser reconhecida oficialmente pela *Adefútbol*. Como essa última era a entidade do esporte no país vinculada a Conmebol e a FIFA, a *Dimayor* passou então a ser entendida como uma liga ilegal ou, como parte da imprensa nomeou no período, como uma liga "pirata"[177].

Como foi destacado no capítulo anterior, esse foi o estopim para a formação de um verdadeiro *El Dorado* de craques no futebol do país. Com a ilegalidade perante as federações "oficiais", os dirigentes da *Dimayor*, como Alfonso Senior Quevedo e Humberto "Salcefer" Salcedo Fernández, estabeleceram novos objetivos para o desenvolvimento da entidade. Entre esses, estava aquele de contratar jogadores estrangeiros renomados, sem pagar por seus passes, tendo em vista de que não poderiam ser cobrados pelas instituições esportivas que não os reconheciam como dirigentes de um campeonato oficial.

---

[176]*Jornal dos Sports*, 20 de julho de 1937, p. 1 e 6.
[177]*El Tiempo*, 11 de março de 1919, p. 7

O início do êxodo de jogadores para o futebol colombiano se iniciou em um dos países sul-americanos que mais havia desenvolvido o futebol até então: a Argentina. Isso se deu devido uma grande greve dos jogadores de futebol que atuavam no futebol do país, ocorrida em 1948 (DRUMOND, 2008, p. 72). No ano seguinte, o futebol argentino ainda sentia os efeitos da greve, o que fez os dirigentes colombianos entenderem que os atletas que no país atuavam poderiam ser o grande alvo inicial do *El Dorado* que idealizavam na competição profissional da *Dimayor*[178].

Como destaca Maurício Drumond (2008, p. 72), o futebol na Argentina já era considerado oficialmente profissional desde 1931, mas desde então os jogadores nunca haviam ficado 100% satisfeitos com as bases trabalhistas do esporte no país. Tanto que em 1944 foi criado, pelos próprios jogadores de futebol, a FAA – *Sindicato de Futebolistas Argentinos e Agremiados,* que passou a ser o órgão que representava os atletas perante as autoridades oficiais. O goleiro Fernando Bello, então jogador do Independiente e o atacante Adolfo Pedernera, ídolo do River Plate, equipe que nos anos 1940 ficou conhecida como a *Máquina,* se tornaram respectivamente presidente e vice da FAA em seus primórdios. A partir de então a FAA passou a reivindicar melhorias reais para o futebol argentino, o que nunca ocorria. Entre suas principais reivindicações, estavam

> (...) a criação de um seguro de previsão social para os jogadores de futebol, o repasse de um percentual da renda dos jogos aos atletas e, até mesmo, a criação de um salário mínimo para os jogadores. Mas essas reivindicações não foram atendidas pelos dirigentes, que postergavam as decisões. O resultado foi a organização pela FAA da primeira greve de jogadores de futebol, em 1948, já na fase final do Campeonato argentino. A greve fez com que as partidas finais fossem disputadas com equipes amadoras, despertando em alguns dirigentes o anseio pelo retorno do amadorismo (DRUMOND, 2008, p. 72).

O brasileiro Yeso Amalfi, jogador de futebol que no período da greve atuava pelo Boca Júniors, de Buenos Aires, destaca em sua autobiografia[179] que teria sido o desleixo de membros da AFA[180], ao não cumprirem as exigências da FAA, que ocasionou a greve. Destaca ainda o jogador que os atletas haviam iniciado a greve a partir do chamado *Paro simbólico,* que consistia em todos, após o apito inicial dos jogos, ficarem um minuto em silêncio e sentados em campo como protesto, para só depois atuarem os 89 minutos restantes.

---

[178] *El Tiempo,* 11 de julho e 1949.

[179] AMALFI, Yeso. *Yeso Amalfi: o futebolista brasileiro que conquistou o mundo.* São Paulo: Editora CLA, 2009.

[180] Asociatión de Fútbol de Argentina.

Esse ato, analisado como uma forma de resistência contra a AFA e o regime do general Perón, resultou na greve, que fez com que o campeonato argentino daquele ano se encerrasse com muitas equipes atuando com seus jogadores reservas ou das categorias de base, tendo o Independiente sido o campeão nacional nesse contexto.

No ano seguinte, como demonstra Drumond (2008, p. 72), a greve já havia se encerrado e os jogadores haviam alcançado boa parte das reivindicações desejadas no ano anterior. Porém, já era tarde demais para resolver os problemas que ocasionou ao futebol argentino. Como os atletas estavam sem atuar pelo campeonato nacional e sem poder buscar uma transferência, já que a *Lei do Passe*[181] não permitia uma transferência legal para outro clube e assim os jogadores não poderiam ir atuar em times de outras importantes federações espalhadas pela América Latina e pela Europa, os dirigentes da *Dimayor* aproveitaram essa situação para assim contratarem os grandes craques do futebol argentino, sem ter que pagar por seus respectivos passes. Assim, os clubes colombianos investiam "apenas" em altos salários, normalmente maiores do que os que ganhavam os argentinos até então, para que assim esses pudessem literalmente "largar" os clubes e os contratos de trabalho em pleno vigor que possuíam com suas equipes de origem, para se aventurar no novo *El Dorado* colombiano[182], agora no âmbito do futebol.

Esse foi um dos maiores êxodos do futebol argentino na história e, como consequências negativas, enfraqueceu o campeonato nacional e colaborou para o desmantelamento da seleção nacional que buscava disputar a Copa do Mundo de 1950, ocorrida no Brasil. A Argentina era considerada por muitos a melhor seleção nacional do mundo naquele momento, mas com a ida de seus principais jogadores para a *liga pirata* na Colômbia, somado a outros problemas e crises de organização, fez com que acabasse não disputando as duas copas seguintes, de 1950 no Brasil e de 1954 na Suíça.

Os jogadores do futebol argentino passaram a considerar a Colômbia como um possível destino para "fugirem" das más condições de trabalho que estavam vivendo em seu país de origem. Nesse caso, uma transferência para a Colômbia se tornou uma opção valiosa também para os jogadores estrangeiros que, no momento da greve, atuavam no futebol argentino.

Foi esse o caso do brasileiro Yeso Amalfi que, como explicitamos, era jogador do Boca Juniors da Argentina e, antes de ir atuar no Peñarol do Uruguai, teve uma passagem pelo

---

[181]Lei que determinava a transferência de um jogador para outro clube somente se esse tivesse o valor de seu passe pago a seu clube de origem.

[182]*El Colombiano*, 1º de julho de 1949, p. 4.

Millonarios de Bogotá, quando o êxodo de jogadores do futebol argentino para a Colômbia se iniciava (AMALFI, 2009, p. 37). Mas por que esses atletas deixavam a Argentina para atuarem em um país onde, teoricamente, não havia a mesma tradição no esporte, além de que passava por problemas de violência devido a disputas entre liberais e conservadores? Respondemos essa questão, principalmente, a partir dos aspectos financeiros. Os jogadores argentinos passaram a enxergar no futebol colombiano, que havia se profissionalizado no mesmo ano da greve, uma oportunidade de valorização do trabalho que realizavam dentro das quatro linhas.

Na Colômbia, poderiam receber boas remunerações e ter uma condição de trabalho muito melhor daquela que possuíam na Argentina. Todavia, como os dirigentes e empresários envolvidos com o futebol colombiano iriam conseguir as condições financeiras necessárias para contratar grandes nomes do futebol argentino e mundial, como Adolfo Pedernera, Alfredo Di Stéfano e Heleno de Freitas? A solução encontrada foi oferecer altos salários aos jogadores, porém sem pagar por seus passes aos clubes de origem. Como não possuíam reconhecimento oficial da FIFA, da Conmebol, da *Adefútbol* e das demais federações de outros países, os clubes da *Dimayor* não podiam ser cobrados e muito menos punidos por tais federações, fazendo com que a nova liga profissional colombiana de futebol funcionasse de forma autônoma e fosse taxada no período pela imprensa como uma "liga pirata"[183].

Em pouco tempo vários jogadores argentinos vieram atuar na Colômbia, mesmo sabendo que uma transferência que seria considerada ilegal pela FIFA e pelas demais federações, poderia custar uma futura não convocação para a Copa do Mundo de 1950, que ocorreria no Brasil. O primeiro grande nome do futebol argentino a se transferir para a Colômbia foi Adolfo Pedernera, antigo vice-presidente do sindicato de jogadores de futebol na Argentina.

Pedernera chegou ao Millonarios de Bogotá em 10 de julho de 1949[184], com o campeonato até então na sua quinta rodada. Desde sua chegada à Colômbia, foi tratado como verdadeiro ídolo pela torcida do país, encantada por ter um jogador de tão alto nível sem seu território. Destaca Racines (2011a, p. 119) que, para a aquisição do craque, foi crucial a participação dos empresários envolvidos com o futebol profissional, dos dirigentes dos clubes e também do governo, que desde a formação da *Dimayor* passaram a entender o campeonato de futebol como uma forma de idealizar uma unidade nacional na Colômbia. Escreve o autor,

---

[183] *Jornal dos Sports*, 28 de fevereiro de 1950, p. 1.
[184] *El Tiempo*, 11 de julho de 1949.

> Um detalhe que ilustraria claramente essa relação entre governo e dirigentes de futebol nós observamos quando examinamos o portfólio que levava Carlos Aldabee em sua viajem para Buenos Aires para convencer o "Mestre" Pedernera a jogar no futebol colombiano. Em primeiro, havia uma carta de Mauro Mórtola para empresários do Sul com base no que esse havia feito com outros criadores de espetáculos. Em segundo lugar, uma carta de crédito bancário, escrita por Senior. E, por último, uma cópia de uma nota enviada pela chancelaria colombiana a Briceño Pardo autorizando-o para contratar grandes figuras do futebol (RACINES, 2011a, p. 119, tradução nossa).

Podemos perceber que a ida para a Colômbia, muito mais que uma simples transferência para um país onde existiam clubes que pagavam um salário fora do comum, representaria também uma redenção para os argentinos que, insatisfeitos com a falta de valorização em seu país, enxergaram na transferência para o *El Dorado* colombiano uma forma de também recuperarem ou conquistarem o status de "herói" que talvez pudesse estar abalado em seu país de origem devido à greve. Como afirma Ronaldo Helal,

> (...) um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de "heróis", "estrelas" e "ídolos". São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. Eles representam a nossa comunidade, frequentemente sobrepujando obstáculos aparentemente intransponíveis. (...) Esta característica do "ídolo-herói" acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade (HELAL, 2001, p. 154).

Nesse contexto do futebol colombiano, a formação de heróis seria extremamente necessária para a formação definitiva de um campo esportivo, tal como o define Bourdieu (2003). Assim, ainda em 1949, muitos outros jogadores argentinos seguiram os passos de Pedernera e se transferiram para o futebol colombiano. Os casos mais famosos são os de Nestor Raúl Rossi e Alfredo Di Stéfano, que anos mais tarde se tornaria o maior jogador da história do Real Madrid, da Espanha. Ambos já eram considerados uns dos melhores jogadores do mundo em seus clubes argentinos, mas com a ida para a Colômbia conseguiram alcançar um status de ídolo que dificilmente teriam em outro lugar.

Já no primeiro campeonato profissional da Colômbia, em 1948, vinte e cinco jogadores estrangeiros haviam atuado nos clubes profissionais, com predominância dos argentinos, que totalizaram onze atletas (RUIZ BONILLA, 2008, p. 51). Porém, é em 1949, depois dos casos já explicitados da greve do futebol argentino e da "exclusão" da *Dimayor* do quadro de competições oficiais, que o campeonato profissional colombiano passou a ser conhecido como *El Dorado*. Como é descrito no periódico *El Colombiano*, no dia em que se iniciou o segundo campeonato profissional do país, em 1º de maio de 1949:

> Os valores desportivos do futebol profissional na Colômbia se apresentam hoje pela segunda vez nos principais locais nacionais para mostrar a nossa torcida que o futebol, o mais popular de nossos esportes, entra em um novo período rentável com novas estrelas [?] adquiridas graças ao esforço e ao intercâmbio *futeboleiro* que há mantido nossa *muchachada* desportiva com os mestres de Brasil, de Peru, de Costa Rica e Argentina […] os encontros de futebol de hoje domingo em todo o país são uma nova nota desportiva que tem pendente os aficionados e que é um poderoso motivo para que esses preencham os estádios e premiem com seus gritos e aclamações os protagonistas do mesmo e aos que de uma ou outra forma contribuem para robustecer um esporte que hoje está na cabeça entre os populares na Colômbia[185].

Após o êxodo inicial, em 1949, de grandes craques argentinos, a Colômbia se tornaria notícia por jornais de vários países devido à forte liga de futebol que se desenvolvia, mesmo essa não sendo reconhecida oficialmente. A partir da chegada dos craques argentinos, ainda no mesmo ano, grandes jogadores de várias outras nacionalidades, oriundos da América Latina e da Europa, se interessaram em conseguir uma transferência para o *El Dorado* do futebol na Colômbia (GOMES, 2014a, p. 80).

Assim, foram abertas as portas para que outros importantes nomes do futebol mundial também se transferissem para clubes colombianos. Jogadores brasileiros, peruanos, uruguaios, ingleses, espanhóis, húngaros, paraguaios, costarriquenhos, entre muitos outros, foram "se aventurar" no *El Dorado* do futebol no país. Casos emblemáticos, como o do inglês Charles Mitten que deixou o Manchester United para ir atuar no Independiente de Santa Fé, e do brasileiro Heleno de Freitas[186]que deixou para trás o Vasco da Gama para se juntar à equipe caribenha do Junior Barranquilla, são só alguns exemplos.

É nesse momento que começa a se formar pelo esporte a ideia definitiva de um futebol espetáculo. A formação de um "esporte espetáculo" era inevitável com tantos nomes consagrados do futebol mundial, tendo a imprensa do período classificado o campeonato colombiano como um dos principais do mundo no período. Como destaca Racines,

> Dessa maneira se configurava o marco do espetáculo do *El Dorado*. A maquiagem, a estética, a decoração moveu as massas de espectadores que encontrariam no espetáculo do futebol uma forma de evasão, uma forma de diversão através da qual um homem, o cidadão da rua encontrava no futebol um paliativo a suas angustias cotidianas (RACINES, 2011b, p. 272, tradução nossa).

---

[185]*El Colombiano,* 1º de maio de 1949, p.4, tradução nossa.

[186]*Jornal dos Sports,* 28 de fevereiro de 1950, p. 1

Com a ida em massa dos jogadores estrangeiros para o campeonato da *Dimayor* a partir de 1949, a *Adefútbol* passou a ter mais problemas para a formação da seleção colombiana de futebol que representaria o país em competições internacionais oficiais, já que não poderia utilizar jogadores da *liga pirata*. Os principais periódicos do país no período, como o *El Colombiano,* o *El Tiempo* e o *El Espectador*, realizaram inclusive uma discussão sobre os possíveis benefícios e malefícios que o êxodo de jogadores estrangeiros poderia trazer para a formação do futebol e da nacionalidade colombiana[187].

É válido destacar que, no processo de formação do *El Dorado* do futebol colombiano, foi a ilegalidade imposta a *Dimayor* pelas demais federações, como a FIFA, a Conmebol e a *Adefútbol*, que estimulou (ou consolidou o interesse) a contratação dos jogadores estrangeiros. Apesar da lógica do espetáculo estar desde os primórdios presente na formação do campeonato profissional colombiano, não teria sido possível alcançar tal proporção se a posição de autonomia da *Dimayor,* em relação às outras entidades, não existisse.

Logo depois, em 1951, o país seria excluído do quadro oficial da FIFA, até que seu campeonato fosse "100% regularizado". Tal ação, apesar de não ter sido tão sentida a priori pelo público que se relacionava com o campeonato profissional, favoreceu para o atraso da formação de uma verdadeira "seleção colombiana", algo que iria ocorrer nas décadas posteriores[188]. Com o Pacto de Lima, que seria implantado nesse mesmo ano, o processo de oficialização da *Dimayor* se consolidaria, sendo esse um fator que demonstraremos no capítulo seguinte.

Comparando os dois objetos, podemos perceber que, enquanto o caso carioca se desenvolveu principalmente a partir de uma lógica de disputas entre as entidades, que se tornava mais uma retórica para manter o poder do que o interesse inicial pela profissionalização em si, na Colômbia de fato o profissionalismo surgiu devido uma necessidade e um interesse em se desenvolver um esporte rentável e espetacularizado, tendo em vista também o estado de atraso em que o esporte do país se encontrava.

De fato, no Rio de Janeiro, assim como no Brasil, o futebol profissional seguiu o mesmo caminho do espetáculo, do lucro e da popularização, ampliando um cenário que já se desenhava no país desde os primórdios do século XX.

---

[187]*El Colombiano,* 1º de julho de 1949, p. 4.

[188]Mais informações ver DÁVILA, André; LONDOÑO, Catalina.La nación bajo un uniforme: fútbol y identidad nacional en Colombia, 1985-2000. In: ALABARCES, Pablo. *Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en America Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

Todavia, as motivações iniciais dentro desse processo foram distintas, tendo a profissionalização e as disputas oriundas do dissídio esportivo provocado um avanço do desenvolvimento do futebol espetáculo no Rio de Janeiro, mesmo que esse não tenha sido um motivo pensado a priori, como no caso que analisamos na Colômbia. Na sequência do capítulo, demonstraremos como esses processos se relacionaram com a imprensa e com o cenário político de cada objeto, de forma que possamos problematizar ainda mais nossa análise.

II. II *A profissionalização do futebol, os dirigentes e a imprensa: um olhar para os casos do Rio de Janeiro e da Colômbia*

Até aqui, temos demonstrado como se iniciou e desenvolveu os processos de profissionalização do futebol ocorridos no Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil, e na Colômbia. Mais do que simplesmente narrar os fatos ocorridos nas duas localidades, buscamos explicitar os fatores, disputas e tensões que se relacionaram com a profissionalização do futebol, o que nos demonstra, nos dois casos, que havia interesses maiores do que somente se deixar de lado o futebol amador para aderir ao profissionalismo. Essas disputas que caracterizaram em cada caso o cenário que desenvolveu o futebol profissional carioca e colombiano, tendo cada um forjado suas particularidades próprias.

No Rio de Janeiro, quando analisamos a bibliografia já existente sobre a temática, percebemos que alguns fatores foram propalados durante muito tempo, seja em trabalhos acadêmicos ou jornalísticos, como motivos para que a profissionalização do futebol ocorresse na cidade a partir de 1933. A causa mais difundida para explicar esse processo nos meios jornalísticos foi aquela que afirma que a profissionalização teria sido estimulada pelo grande êxodo de jogadores brasileiros, que ocorria desde o fim da década de 1920, para locais onde o futebol já era profissional.

Buscamos destacar que, por mais que esse fator tenha sido importante, não foi preponderante para o desenvolvimento de um regime de futebol profissional no Rio de Janeiro e no Brasil como um todo. Defendemos que o dissídio esportivo, até aqui explicitado, foi o principal provocador, em 1933, de uma divisão no comando do futebol carioca, tendo resultado em uma forte disputa pelo poder desse esporte na cidade. Assim, se configurou um grupo de “defensores do amadorismo”, que ascendia ao controle do poder da modalidade, e outro que buscava reconquistar seu espaço, que eram os “defensores do profissionalismo”.

No decorrer desse processo, demonstramos também que a Copa do Mundo de 1934 foi um momento central para a sequência das tensões e disputas que ocorriam entre as federações defensoras do profissionalismo e do amadorismo naquele momento. Normalmente, como é apontado por boa parte da literatura existente, a Copa do Mundo de 1938 é considerada como um momento chave nesse processo de desenvolvimento do futebol profissional. Como demonstraremos na sequência do trabalho, compartilhamos desse posicionamento acerca da temática.

Todavia, foi a partir de 1934 que se formularam questionamentos sobre os rumos que o futebol brasileiro deveria seguir a partir de então. Na impossibilidade de se formar a seleção nacional ideal, devido a disputas travadas entre "profissionais" e "amadores", somado ao fato do Brasil ter tido nessa competição uma eliminação precoce, logo no seu primeiro jogo, foi realizado no ano seguinte um caminho de conciliação das tensões existentes até então. Esse caminho foi o "regime livre", que não só passou a aceitar, por parte da CBD, atletas e clubes profissionais em seu âmbito, como abriu o caminho para a pacificação definitiva do profissionalismo em 1937.

Sobre a Colômbia, até aqui demonstramos que o futebol se profissionalizou em 1948, devido uma série de tensões que haviam sido geradas entre clubes e federações locais contra a entidade máxima do futebol de então, a *Adefútbol*. Esses fatos não só estimularam a criação da liga profissional *Dimayor*, como também incentivaram a formação de um "futebol espetáculo" no país, dentro da lógica em que o conceito nos é proposto por Clark (2004).

Como possuiu uma profissionalização do futebol tardia, comparada aos vizinhos sul-americanos, o investimento e a tentativa em "tirar o atraso" do futebol do país foi grande desde o seu início. Porém, assim como no Rio de Janeiro, as disputas pelo poder entre as federações influenciaram diretamente nos rumos do futebol nacional. Dessa forma, se consolidou um cenário único na Colômbia, onde podemos perceber que, diferente de outras nações, teve sua identidade formulada pelo esporte a partir da chegada de atletas de outras nacionalidades.

Uma competição esportiva foi fundamental para também determinar os rumos dessas tensões. Dessa vez, foi o Campeonato Sul-Americano de seleções de 1949. Na preparação para esse campeonato, devido à ausência de acordos, a *Adefútbol* não só ficou impossibilitada de contar com os jogadores que atuavam nas equipes profissionais, como também excluiu a *Dimayor* do seio de entidades consideradas oficiais no futebol do período.

Esse caso gerou o maior êxodo de jogadores de futebol para a Colômbia, como demonstramos anteriormente. Um investigador pouco atento poderia concluir, de forma errônea, que o êxodo de jogadores para o país teria resultado na ilegalidade da liga profissional colombiana. Todavia, diferentemente de algumas literaturas já escritas sobre a temática, defendemos a hipótese de que o êxodo dos jogadores foi uma consequência e não a causa para a gestação desse processo. Em um momento de fortes disputas com a *Adefútbol*, acaloradas como nunca na formação do selecionado nacional para o Sul-Americano de 1949, a *Dimayor* foi "rebaixada" ao posto de liga "pirata", o que estimulou por parte de seus

dirigentes o investimento em grandes jogadores do futebol mundial até 1951, sem pagarem por seus passes.

Nesses contextos apresentados, em que ocorreram mudanças significativas nos campos esportivos do Rio de Janeiro e da Colômbia[189], os veículos de comunicação não ignoraram esses embates. Não à toa, utilizamos nessa dissertação como principais fontes, alguns dos jornais cariocas e colombianos que buscaram analisar, por diferentes vias, o processo de profissionalização do futebol ocorrido em cada localidade.

Analisando por esse aspecto, percebemos que foi fundamental a relação existente entre os dirigentes de clubes de futebol envolvidos nas disputas entre amadores e profissionais, com alguns dos jornais impressos do Rio de Janeiro e da Colômbia. Seguindo os cuidados que nos alerta Tania de Luca (2008), destacaremos nessa parte do capítulo os contatos que alguns desses dirigentes possuíram, nas duas localidades, com os jornais que abordavam as tensões geradas pela profissionalização. Assim, demonstraremos as diferenças e semelhanças entre os dois casos, tal como as construções realizadas sobre a temática por cada periódico analisado.

No caso carioca, analisamos neste trabalho alguns jornais que eram a favor ou contra a profissionalização, enquanto na Colômbia, optamos por periódicos que possuíam um posicionamento mais próximo ao partido liberal e outros que eram mais ligados ao partido conservador.

Especificamente sobre o caso colombiano, com a consolidação das disputas entre a *Adefútbol* e a *Dimayor* em 1949, não observamos posicionamentos que defendessem um lado ou outro entre os jornais analisados. Por isso, optamos pela escolha de periódicos que possuíssem ideologias políticas diferentes, de forma que essa pudesse ser uma chave para problematizarmos as fontes pesquisadas, tendo em vista que nos momentos em que ocorreram intervenções ou posicionamentos estatais sobre o processo de profissionalização do futebol no país, os jornais liberais e conservadores poderiam possuir abordagens dessemelhantes ou, até mesmo, contraditórias.

Em ambas as localidades, poderíamos abordar vários jornais que trataram os casos. No caso do Rio de Janeiro, periódicos como o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã* adotaram um discurso contrário a profissionalização do futebol desde seus primórdios, enquanto o *Jornal dos Sports*, *O Globo* e *A Noite*, se mostraram favoráveis a efetivação do futebol rentável na capital brasileira. Já na Colômbia, vários são os jornais liberais que poderíamos

[189] Enquanto no Brasil ocorreu, além do futebol, a profissionalização de outros esportes nesse período, na Colômbia outras modalidades seguiram a lógica espetacularizada que o futebol havia adotado, como no caso do ciclismo.

analisar tais como *El Tiempo*, *El Espectador* e *El Bateo*, assim como conservadores, como o *El Colombiano* e *El Nuevo Siglo*, de forma que possamos ver seus posicionamentos sobre o nosso objeto[190].

Como forma de sintetizar o olhar para as relações existentes entre dirigentes de futebol e a imprensa em cada localidade, destacamos que analisaremos neste capítulo, no caso do Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports* (defensor do profissionalismo) e o *Jornal do Brasil* (defensor do amadorismo). Na Colômbia, serão problematizados os periódicos *El Tiempo* (jornal liberal, de Bogotá) e *El Colombiano* (jornal conservador, de Medellín).

Buscamos com esse exercício compreender como a posição de determinados dirigentes ligados as disputas geradas pela profissionalização do futebol, tanto no Rio de Janeiro quanto na Colômbia, influenciaram no posicionamento dos periódicos que difundiam essa temática em suas páginas. As tensões demonstradas no capítulo anterior, notadamente a partir das competições aqui analisadas (Copa do Mundo de 1934, para o caso carioca e brasileiro; e Sul-Americano de 1949, para a Colômbia), foram expostas também na mídia, tendo assim constituído um caminho viável para o entendimento do objeto pesquisado, a partir das relações entre dirigentes e imprensa.

A imprensa no Rio de Janeiro lidou de diferentes formas com a temática da profissionalização do futebol. Como explicitamos, alguns periódicos se demonstraram favoráveis ao avanço do profissionalismo no futebol, enquanto outros jornais importantes da capital federal mantiveram posicionamentos contrários daqueles que queriam o fim do amadorismo. Esse cenário foi construído a partir do avanço do dissídio esportivo, ocorrido no futebol carioca e nacional. Como diversos dos nomes que disputavam o poder do futebol, eram também intelectuais ou pessoas com grande influência na imprensa num todo, cada jornal seguiu o caminho daqueles dirigentes em que estava mais próximo.

Por isso, não foi de se estranhar, ao analisarmos essas fontes, que o *Jornal do Brasil* apoiou o grupo ligado a Luiz Aranha, João Lyra Filho e Rivadavia Corrêa Meyer[191]. Todos esses três estavam presentes no seleto grupo de personalidades próximas ao governo de Getúlio Vargas, ao qual o periódico citado fazia questão de exaltar a partir de propagandas e difusões nacionalistas.

---

[190] Maiores informações sobre os principais periódicos analisados neste trabalho e suas relações com o objeto, ver a introdução desta dissertação.

[191] *Jornal do Brasil*, 13 de abril de 1934, p. 24.

Enquanto isso, no *Jornal dos Sports*, por exemplo, havia uma predominância do grupo ligado a Arnaldo Guinle[192]. Esse periódico possuía uma grande influência de Mario Rodrigues Filho, que seria o seu dono definitivo a partir de 1936. Assim como os jornais ligados a família Marinho, como o *A Noite* e *O Globo*, o *Jornal dos Sports* manteve um posicionamento favorável a profissionalização do futebol não só por considerar esse processo como benéfico a essa prática, mas também por manter assim a difusão do grupo liderado por Guinle, que buscava se recuperar no cenário do futebol carioca após o dissídio se consolidar no esporte.

Optamos pela escolha desses dois periódicos especificamente para analisarmos o caso carioca, por considerarmos que ambos sintetizam as disputas entre os lados que se encontravam na disputa. O olhar de outros jornais ligados ao discurso profissionalizou amador, podem ser citados e não serão esquecidos. Todavia, nessa parte do trabalho nosso foco será maior no *Jornal dos Sports* e no *Jornal do Brasil*, tendo em vista que esses dois já abarcavam boa parte das opiniões e tensões contidas nos outros periódicos do período, acerca da temática da profissionalização do futebol.

O *Jornal dos Sports* possuía em seu âmbito grande influência dos dirigentes ligados ao profissionalismo, no período do dissídio esportivo. A aproximação de seus principais nomes, como Mario Rodrigues Filho, com importantes dirigentes de clubes profissionais (como Arnaldo Guinle ou José Padilha), nos demonstra o posicionamento que o veículo passaria a ter. Da mesma forma, a relação de Filho com o discurso da democracia racial no Brasil, difundido por Gilberto Freyre[193], também foi um fator importante para definir a linha a ser seguida pelo periódico[194].

Já no *Jornal do Brasil*, explicitamente, percebemos um posicionamento em defesa do discurso varguista em muitos momentos. Dessa forma, não se tornou um espanto ao identificarmos que o veículo se aproximou, no debate acerca da profissionalização do futebol, do grupo que buscava manter o amadorismo como regime a ser seguido pelo esporte carioca e nacional.

Para entendermos o porquê de cada periódico ter "adotado" um lado nessa disputa surgida a partir do dissídio esportivo, se faz necessário conhecermos a trajetória que cada um dos principais envolvidos nesse processo possuía com a imprensa. Assim, explicitaremos a seguir os caminhos que fizeram com que o *Jornal do Sports* ficasse ao lado de Arnaldo

---

[192] *Jornal dos Sports*, 10 de abril de 1934, p. 1 e 6.

[193] Fazemos referência a teoría freyriana que busca explicar a formação do povo brasileiro a partir do encontro das "três raças": brancos, negros e índios. Maiores informações, ver Gilberto Freyre. Casa grande e senzala. São Paulo: Global Editora, 2006.

[194] Sobre essa relação entre as teorias de Gilberto Freyre, Mario Filho e o futebol, iremos tratar na sequência do trabalho.

Guinle, Oscar Costa, José Bastos Padilha, entre outros, enquanto o *Jornal do Brasil* optou pelo grupo formado por Luiz Aranha, Rivaldavia Meyer e João Lyra Filho.

Arnaldo Guinle e Oscar Costa eram dirigentes importantes no âmbito do Fluminense Football Club, assim como da CBD, desde a década de 1920. O primeiro, membro de uma família importante do Rio de Janeiro e ligada ao clube tricolor, foi presidente da agremiação entre 1916 e 1931, além de ter tido um segundo mandato entre 1943 e 1946. Já o segundo, presidiu o Fluminense de 1931 a 1936. Juntos, lideraram a campanha a favor do profissionalismo, sendo essa uma forma de reconquistarem o poder que outrora possuíam no âmbito do futebol.

Já José Padilha, presidente do Flamengo entre 1933 e 1937, foi fundamental para o grupo que defendia o profissionalismo. Não só por ter, a partir de então, iniciado um grande processo de popularização da agremiação que presidiu[195], mas também por ter tido o grande apoio da mídia, que defendia a profissionalização do futebol nesse processo.

Nesse aspecto, destacamos a relação que esses dirigentes possuíam com Mario Filho, que viria a se tornar proprietário do *Jornal dos Sports* em 1936. Esse periódico se tornou o "carro chefe" na defesa do profissionalismo do futebol no Rio de Janeiro, tendo os discursos acerca da temática sido absorvidos e defendidos por sua linha editorial. Apenas como exemplificação da proximidade de Mario Rodrigues Filho com os dirigentes citados acima, Renato Coutinho nos demonstra que o jornalista possuía relações familiares com José Padilha:

> Mais do que amigos, Padilha e Filho eram casados com as irmãs Célia e Lília, e frequentavam a mesma mesa familiar. O parentesco certamente contribuiu para a aproximação de Padilha e Roberto Marinho, que foi tanto chefe de Mario Filho quanto parceiro de sinuca nas horas vagas. Não à toa, o mandato de Bastos Padilha à frente do Clube de Regatas do Flamengo encontrou tanto respaldo nos principais órgãos da imprensa no Rio de Janeiro. O *Globo*, jornal da família Marinho, e o *Jornal dos Sports*, dirigido por Mario Filho, a partir de 1936 (COUTINHO, p. 59-60).

No caso do *Jornal do Brasil*, a proximidade de Luiz Aranha, Rivadavia Meyer e João Lyra Filho com o periódico, ocorreu principalmente pelo fato desse ter sido um veículo de comunicação próximo ao governo Vargas. Como esses estavam inseridos no âmbito do governo do então presidente, principalmente Luiz Aranha (DRUMOND, 2014, p. 75), apoiar os dirigentes ligados a CBD se tornou o caminho natural do *Jornal do Brasil*.

---

[195] Mais detalhes sobre o processo de popularização e nacionalização do Flamengo, ver o próximo capítulo.

Luiz Aranha era irmão do ex-governador do Rio Grande do Sul, Oswaldo Aranha, que também se tornou um dos mais importantes nomes do governo de Vargas. Assim, Luiz Aranha, frequentava o círculo de amigos pessoais do então presidente. No âmbito do esporte, foi presidente da CBD (1936-1943) e do Conselho Nacional de Desportos. Além disso, sempre esteve ligado ao Botafogo, onde se tornou benemérito e patrono da sua equipe de natação, assim como Presidente do Conselho Deliberativo do Clube (PEPE; MIRANDA; CARVALHO, 1996, P. 62).

João Lyra Filho, que também seria presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND), a convite de Getúlio Vargas, veio da Paraíba para o Rio de Janeiro e se tornou um importante intelectual da cidade. Posteriormente se tornaria reitor da Universidade do Estado da Guanabara (UEG, atual UERJ) e conselheiro da FIFA. Na capital federal, foi ministro do Tribunal de Contas e também manteve uma ligação próxima ao Botafogo Football Club, onde foi presidente do clube entre 1940-1941 e possuiu atuação marcante durante a década de 1930, tendo sempre se mantido ligado clube (CALDAS, 1990, p. 82).

Rivadavia Corrêa Meyer foi atleta de futebol amador do Botafogo, assim como benemérito do clube (PEPE; MIRANDA; CARVALHO, 1996, p. 88). Durante o mandato de Paulo Azeredo como presidente da agremiação, entre 1926-1936, possuiu um posicionamento atuante, tendo sido fundamental nos caminhos que o Botafogo seguiu durante o dissídio esportivo. Além disso, era o presidente da Amea no período em que se iniciou o dissídio, além de também possuir relações próximas ao governo Vargas, tendo presidido a CBD (1943-1955) e o CND.

Nesse cenário, percebemos que a divisão dos olhares da imprensa se deu pela posição que cada dirigente envolvido no dissídio esportivo adotava. De acordo com a proximidade com um ou outro lado, os jornais impressos, como o *Jornal dos Sports* e o *Jornal do Brasil*, adotaram um caminho a seguir e defender, difundindo ideias e discursos que atacassem os grupos adversários.

Em relação à Colômbia, ao analisarmos a relação da imprensa com o processo de profissionalização, percebemos algumas diferenças se compararmos com o caso ocorrido no Rio de Janeiro. De início, no lado carioca, a profissionalização foi estimulada como forma de um determinado grupo de dirigentes ligados ao futebol recuperar seu prestigio e espaço no comando desse esporte, em um momento em que a lógica amadora (pelo menos enquanto discurso) ainda se fazia muito presente. Enquanto isso, na Colômbia o profissionalismo surge num período em que a maioria de seus países vizinhos já possuíam um futebol profissional. Ou seja, profissionalizar o futebol havia se tornado uma obrigação para que o país diminuísse

o atraso em relação ao cenário internacional do esporte e não um "pretexto" para um determinado grupo recuperar o poder outrora alcançado no domínio dessa modalidade.

Além disso, no caso colombiano ocorreu a percepção de empresários que, ligados a alguns dirigentes, entenderam que o futebol poderia se tornar um esporte rentável no país, assim como já ocorria em outras localidades latino-americanas. Dois dirigentes que merecem nosso destaque nesse momento para o entendimento desse processo são: Alfonso Senior Quenedo e Humberto Salcedo Fernandez.

Alfonso Senior foi importante não só para o desenvolvimento do futebol profissional na Colômbia, mas também para o avanço do clube Millonarios, que se tornou a maior potência do período aqui estudado. Além disso, posteriormente Senior presidiu a *Federación Colombiana de Fútbol* e foi um dos responsáveis pela eleição da Colômbia para sediar a Copa do Mundo de 1986, fato que por problemas sociais acabou não ocorrendo[196]. Por esses e outros fatores, foi para muitos o maior dirigente esportivo do país no século XX.

Humberto Salcedo Fernandez, conhecido como Humberto "Salcefer", foi um importante dirigente ligado ao America de Cali, tendo sido presidente do clube no período de profissionalização do futebol no país. Foi também o primeiro presidente da história da *Dimayor*, onde junto de Senior, se tornou fundamental para o desenvolvimento do futebol profissional colombiano.

Entretanto, ambos os dirigentes, assim como outros do período, não possuíam impedimentos com nenhum veículo de comunicação específico. Isso se deu, pois, independente dos posicionamentos políticos adotados, o profissionalismo do futebol passou a ser difundido no país por periódicos conservadores e liberais.

Por não ter nascido de um "dissídio" como o processo do Rio de Janeiro, mas sim de uma necessidade empresarial e dos clubes envolvidos, a escolha dos periódicos colombianos a serem analisados nesse capítulo se deu de forma distinta. Mesmo tendo ocorrido também, em um segundo momento, uma divisão no futebol do país, já demonstrado nas disputas pelo poder do esporte entre a *Adefútbol* e a *Dimayor*, não encontramos nenhuma divisão na imprensa que nos pudesse saltar os olhos, de forma que as explicitassem neste trabalho. Nem mesmo jornais da cidade de Barranquilha, onde se situava a sede da *Adefútbol*, se mostraram

[196] Ver André Dávila e Catalina Londoño (2003).

contra a profissionalização, tendo inclusive sido realizadas críticas[197] contra a entidade máxima do futebol colombiano.[198]

De fato, ao analisar os principais periódicos considerados "nacionais" a partir de 1949, chegamos à conclusão de que mesmo com uma divisão política ocorrendo no país entre liberais e conservadores, o que acarretava em acusações diárias dos dois lados nos periódicos, as páginas referentes aos esportes não se incluíam nessa disputa. Pelo contrário, tanto periódicos liberais quanto conservadores publicavam matérias que demonstravam com entusiasmo o avanço do futebol profissional e espetacularizado na Colômbia.

Pelo lado conservador, que no período aqui estudado possuiu dois governos presidenciais (primeiro com Mariano Ospina Pérez e depois com Laureano Gomez), o futebol profissional surgia como mais uma opção de se buscar uma unidade nacional em um país dividido. Já entre os liberais, profissionalizar o esporte seria a sequência de um processo de desenvolvimento do campo esportivo que já havia sido iniciada a partir das políticas que implementaram durante os governos da República Liberal (1930-46), principalmente a partir dos Jogos Bolivarianos de 1938.

Sendo assim, como tanto os periódicos "liberais" quanto os "conservadores" possuíam posicionamentos favoráveis ao processo de profissionalização do futebol, buscamos outra forma de realizar a divisão das fontes. Após analisarmos diversos jornais do país, como *El Tiempo*, *El Colombiano*, *El Bateo* e *El Espectador*, optamos por escolher dois que não só representem os diferentes lados partidários, mas também diferentes regiões. Tratam-se do jornal *El Tiempo*, periódico liberal da capital Bogotá, e o *El Colombiano*, periódico conservador da cidade de Medellín.

Os embates identitários entre as cidades de Bogotá e Medellín já existiam no país. Assim, ao optarmos pela escolha desses dois periódicos, poderemos não só perceber as diferenças políticas, mas também as tensões relacionadas à identidade regional de cada veículo. Como, diferente do estudo sobre o caso carioca, nos propomos a analisar a Colômbia em seu âmbito nacional, olhar para esses periódicos nos permitirá perceber os embates ocorridos entre as federações departamentais no processo de profissionalização do futebol.

---

[197] Essas críticas eram relacionadas a má organização do esporte no país pela *Adefútbol*, criticada por boa parte da imprensa, tendo em vista que os dirigentes dessa instituição também não possuíam grande aceitação nos grandes veículos de comunicação.

[198] Reconhecemos que os periódicos de Barranquilha ainda devem ser melhor explorados e analisados em relação a temática da profissionalização do futebol, tendo em vista que não foi possível aprofundar o olhar sobre os mesmos neste presente trabalho.

Ao nos depararmos com a linha editorial do periódico *El Tiempo*, podemos concluir que o mesmo se trata de um jornal voltado, assumidamente, para a defesa dos ideais liberais na Colômbia. Além disso, é um jornal da capital Bogotá, ou seja, que possui uma centralidade em seus posicionamentos, mesmo sendo um veículo de proporções nacionais.

Todavia, o outro periódico aqui problematizado, *El Colombiano*, também possui suas particularidades. De ideologia conservadora e origem *antioquenha*, com sede na cidade de Medellín, o periódico sempre buscou valorizar os ideais presentes no âmbito do Partido Conservador. Além disso, defendia as singularidades da cidade de Medellín, em relação a uma possível maior valorização da capital Bogotá ou de outras cidades do país.

No futebol, esse embate entre as federações ficou explicito quando a *Fedefútbol*, entidade representante do departamento de Antioquia, onde Medellín é a capital, se voltou contra a *Dimayor* logo no início de seu primeiro campeonato profissional. A revolta se deu devido essa última ter estabelecido o limite de dois times por departamento no campeonato, limitando assim a participação de Medellín com o Atletico Municipal e o Independiente Medellín[199]. Todavia, a capital Bogotá, cidade sede da *Dimayor*, possuiu três equipes[200], que eram o Millonarios, Santa Fé e Universidad, mesmo tendo, esta última, iniciado a competição jogando na cidade de Pereira[201].

A figura de dirigentes como Alfonso Senior e Humberto "Salcefier", ligados respectivamente as cidades de Bogotá e Cali, se fez importante para não só consolidar o futebol rentável no país mas também para apaziguar esses embates entre as federações. Buscar negociar o melhor caminho para que todos pudessem sair ganhando com o novo campeonato de futebol no país, foi o percurso seguido por esses dirigentes, o que os fizeram não ser odiados por nenhum dos principais veículos comunicativos do país, mantendo uma relação de cordialidade e, assim, evitarem "ataques" contra o profissionalismo que emergia.

Portanto, em comparação, podemos identificar que a imprensa carioca possuiu uma maior divisão nesse processo, devido sua inserção no processo do dissídio esportivo desde seus primórdios. Tendo cada periódico adotado um lado, como no caso do *Jornal dos Sports* e do *Jornal do Brasil*, se consolidou um cenário de disputas entre as federações, onde esses veículos se tornavam seus porta-vozes para a sociedade.

Já na Colômbia, por não haver uma divisão entre os jornais aqui analisados em relação aos dirigentes e federações relacionadas com a profissionalização do futebol, sendo todos os

---

[199] *El Colombiano*, 19 de julho de 1948, p. 8.
[200] *El Colombiano*, 19 de julho de 1948, p. 8, tradução nossa.
[201] Maiores informações, ver o capítulo I.

jornais que pesquisamos a favor desse processo, buscamos separá-los por outras razões. Todavia, seja por questões políticas (liberais x conservadores) ou regionais (Bogotá x Medellín), percebemos que os jornais permaneceram a favor do processo de profissionalização, mesmo quando algum dos dois lados possuía divergências, como no caso do *El Colombiano* ao demonstrar o posicionamento da *Fedefútbol.*

Na sequência do capítulo, ilustraremos como o cenário político se relacionou, não só com a imprensa, mas com todo o processo de profissionalização do futebol nos dois casos aqui estudados, de forma que nos ajude a enxergar as diferenças e semelhanças nesta análise comparativa que realizamos.

II. III *Futebol e Política: a consolidação das federações e a relação com o cenário político do período*

Pensar os períodos de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro e na Colômbia, sem destacar a importância do contexto político em que ambas as localidades estavam inseridas, seria um grande equívoco. Nos dois casos, ocorreram modificações nesse cenário que influenciaram diretamente nas questões sociais e culturais. Além disso, houve também intervenções estatais que caracterizaram mudanças importantes no campo esportivo carioca e no colombiano.

Nesta parte do capítulo, destacaremos alguns dos principais fatos políticos ocorridos nos objetos estudados nesta dissertação. Demonstraremos como o esporte, e em especial o futebol em seu processo de profissionalização, esteve inserido nessas modificações. Perceberemos que, apesar das diferenças nos dois casos, a política foi um fator importante para a construção identitária do futebol em âmbito nacional, tanto no Brasil quanto na Colômbia.

Para analisarmos o caso do Rio de Janeiro, não podemos desassociá-lo dos acontecimentos políticos que ocorriam no Brasil como um todo, tendo em vista que a cidade carioca era o Distrito Federal no período aqui estudado e, assim, refletia muitos dos debates nacionais que surgiam no período.

Com a entrada de Getúlio Vargas ao poder em 1930, uma série de modificações ocorreram no Brasil. Não só houve um enfraquecimento do domínio político oligárquico, como também avanços em vários setores sociais. Políticas relacionadas à educação, trabalho, avanço de questões de cidadania, urbanização e desenvolvimento industrial, entre outros, são só alguns dos exemplos que podemos citar como demonstrações das mudanças ocorridas no período. Como nos demonstra Maurício Drumond,

> (...) a figura de Getúlio Dornelles Vargas representava, de certa forma, uma autoimagem do brasileiro, com certa dose de malandragem e jogo de cintura, tanto na forma de se vestir como ao fazer política. Sempre afável ao seu público, Getúlio procurou desde o início de seu governo provisório promover um culto à sua imagem, aparecendo como o grande responsável pela superação dos problemas sociais brasileiros, chegando mesmo a ser chamado por seus adeptos como "o pai dos pobres". Getúlio recebia cartas pessoais de trabalhadores de todo o país, com pedidos para que resolvesse problemas familiares, outorgasse promoções e empregos, ou para que colocasse seus filhos em escolas públicas, sendo visto quase que como o chefe da família brasileira (DRUMOND, 2014, p. 39).

Além disso, o governo de Getúlio Vargas foi marcado por uma forte ambiguidade, no que diz respeito a seu posicionamento político. Nos quinze anos de seu primeiro mandato, dividido em três partes[202], Vargas manteve posicionamentos que dialogaram tanto com políticas de cunho fascista, como de cunho liberal.

Na Ditadura do Estado Novo (1937-45), essa ambiguidade atingiu seu auge, sendo construído um governo que era autoritário, mas que ao mesmo tempo olhava para as causas populares. Da mesma forma que possuía políticas de censura na imprensa, se aliava aos países liberais na Segunda Grande Guerra.

Durante muito tempo, esse período do governo de Getúlio Vargas foi taxado como mais um dos governos "populistas", existentes na América Latina, a exemplo de outros casos como os do argentino Juan Perón[203] ou do mexicano Cárdenas[204]. Entretanto, mais do que populista, adotamos o conceito do "trabalhismo", difundido nas últimas décadas na historiografia brasileira, como sendo aquele que melhor caracteriza as políticas varguistas nesse cenário[205].

Nesse mar de "ambiguidades" que caracterizou o governo trabalhista de Getúlio Vargas, o futebol e os esportes como um todo não foram ignorados. Desde seus primórdios e, com mais força a partir de 1937 com a instauração do Estado Novo, o governo de Vargas fez das práticas esportivas um tema relevante em suas pautas.

Mesmo quando não realizava políticas para o esporte diretamente, o cenário de tais práticas se fazia presente na difusão de sua imagem. Esse foi o caso do estádio do Vasco da Gama no Rio de Janeiro, o São Januário. Tal estádio foi utilizado diversas vezes como palco das atividades cívicas e nacionalistas implantadas pela política varguista, de forma que, mesmo não tratando diretamente sobre o futebol ou outras práticas esportivas, se fazia presente a importância de espaços como esses na sociedade carioca e brasileira. Como nos demonstra Maurício Drumond,

> No 1º de maio, Getúlio Vargas sempre participava da comemoração pública oficial, que por diversas vezes ocorreu no estádio de São Januário, que ficava lotado de pessoas, que se dirigiam de todos os cantos da cidade, em linhas especiais de ônibus e bondes que transportavam passageiros gratuitamente. A entrada no evento era franca, tudo feito de modo a incentivar a presença popular nas arquibancadas do então maior estádio da

[202]Governos Provisório (1930-34), Constitucional (1934-37) e Estado Novo (1937-45).

[203] Presidente da Argentina de 1946 a 1955 e de 1973 a 1974.

[204] Presidente do México de 1934 a 1940.

[205] Maiores informações, ver Ângela de Castro Gomes. *A invenção do trabalhismo* (1988)

> capital brasileira. Getúlio adentrava ao gramado do estádio em carro aberto, normalmente acompanhado do Ministério do Trabalho e de alguns membros de seu gabinete. Tocava-se então o Hino Nacional, seguido de vários discursos e de desfiles de atletas militares e operários. O simbolismo do evento era grandioso, sendo este transmitido pelo DIP para todo o país, além de ser traduzido para outros idiomas e retransmitido para o exterior. Nestas cerimônias, Vargas assinava publicamente algum decreto em benefício dos trabalhadores - como o que instituía o salário mínimo, assinado em 1940 – e se retirava do estádio de forma triunfal, sob aclamação popular (DRUMOND, 2014, p. 145).

De forma mais direta, podemos perceber a intervenção do governo varguista sobre as práticas esportivas a partir de 1937. Nesse ano, vai se consolidar a criação de uma Divisão de Educação Física no país, dentro do Ministério de Educação e Saúde, de forma que pudesse desenvolver o ensino e a prática da Educação Física nas escolas (PARADA, 2009, p. 160-161). Esse fato nos demonstra que as práticas de educação física e esporte começavam a ganhar relevância enquanto caminho educacional, mesmo que ainda de forma embrionária e frágil, no que condiz ao desenvolvimento de um campo específico para a área.

Outro importante exemplo da relevância que a temática começava a ganhar nesse período foi a fundação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), que viria a ser criada no âmbito da Universidade do Brasil[206] em 1939[207]. Como nos destaca Victor Andrade de Melo (1996, p. 30), a intenção de se formar uma Escola de Educação Física no âmbito universitário havia surgido no VII Congresso Nacional de Educação, ocorrido em 1935. Dentro dos parâmetros em que o país estava inserido naquele momento, e tendo em vista as inspirações fascistas que no Brasil chegavam (DRUMOND, 2014), defender o desenvolvimento da moral, da eugenia e da juventude eram entendidas como formas de defender e desenvolver a pátria (AZEVEDO, 1958, p. 209-44).

Nesse sentido, Victor Melo nos destaca a importância, além dos ideais relacionados à educação, de médicos e militares na formação e desenvolvimento do ensino da Educação Física no Brasil. Porém, essa relação gerou debates e embates onde, com isso, percebemos que

> (...) a educação física estava ligada a um projeto de *segurança nacional*, algo muito mais complexo do que simples preocupações com uma disciplina escolar. O Conselho Nacional de Educação, no entanto, manifestou preocupações nesse sentido e, ao apresentar um Plano Nacional de Educação ao Presidente da República, também propôs a criação de uma escola superior de educação física com curso de um ano para instrutor e dois anos para

[206] Atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

[207] Decreto-Lei n. 1212, de 17 de abril de 1939.

> mestre. É possível perceber que as ações não estavam articuladas e grupos já se apresentavam buscando direcionar os caminhos da educação física brasileira (MELO 1996, p. 31).

No futebol, de forma específica, a presença de Getúlio Vargas no executivo nacional se fez importante desde os primórdios do processo de profissionalização no Rio de Janeiro. Em alguns momentos essa influência se deu de forma mais direta e em outros mais indiretamente. Como demonstramos, o principal fator desencadeador de todo o processo foi o dissídio esportivo, ocorrido no início da década de 1930 no Rio de Janeiro. Mesmo não tendo tido uma intervenção direta nesse momento, explicitamos que os dirigentes que passaram a controlar o futebol no âmbito da CBD (como Luiz Aranha, Rivadavia Corrêa Meyer, João Lyra Filho, entre outros) eram, em sua maioria, nomes próximos ao governo de Getúlio Vargas.

Isso não quer dizer que aqueles que perderam seu espaço, como Arnaldo Guinle, também não pertencessem a uma parte importante da elite da capital e que não possuíssem prestigio perante o governo nacional. A família Guinle continuava a ser uma das mais importantes da capital federal e de enorme presença na alta sociedade carioca. Acontece que, o novo cenário político a partir de 1930 e a desvinculação com as políticas e as elites dominantes antes desse ano, também alcançaram o futebol, sendo o dissídio a efetivação de uma nova elite que comandaria esse esporte no país, assim como ocorreu em outros setores da sociedade. Com isso,

> O movimento para a criação do profissionalismo iniciou quando Arnaldo Guinle e seu grupo perceberam que poderiam dominar o *campo esportivo* se criassem uma nova liga de futebol. Sabiam que o profissionalismo era uma questão de tempo. Porém, naquele momento, a AMEA era o órgão responsável pelos esportes no Rio de Janeiro e o grupo de Guinle levava uma grande desvantagem no interior da associação. Criar uma nova liga também significava esvaziar o poder de oponentes como Rivadávia Corrêa Meyer, Paulo Azeredo e João Lyra Filho, todos ligados ao Botafogo. Além disso, os dirigentes tinham plena consciência da importância econômica do futebol para a ampliação de seus negócios. (...) O grupo que conseguisse controlar o futebol teria plenas condições de aumentar ainda mais os seus lucros (SOUZA, 2008, p. 44-45)

Já nos primeiros anos da profissionalização do futebol, podemos perceber a importância que esse esporte possuía no país. Na Copa de 1934, como analisamos no capítulo anterior, foi escolhido um nome forte do cenário político para chefiar a delegação brasileira, que foi Lourival Fontes. O futuro interventor do DIP, além de possuir assumidamente

preferências políticas pelo fascismo, tinha também um forte ideário nacionalista em sua ideologia, fato esse que foi explorado por Vargas no esporte desde a disputa desse mundial em 1934, na Itália de Mussolini.

As disputas entre a CBD e a FBF pelo controle do futebol nacional, como demonstramos, começaram a desenhar um fim a partir de 1935. Com a implantação do "regime livre" nesse ano, a CBD pôde fazer com que algumas equipes que já eram oficialmente profissionais retornassem para seu campeonato, enfraquecendo assim as ligas da FBF e equilibrando a disputa que estava em desvantagem desde 1933.

Esse cenário escancarava o profissionalismo no futebol carioca e nacional, que viria a ser oficializado definitivamente no acordo entre os dois lados envolvidos nesse embate, ocorrido em 1937. Mesmo assim, a CBD não saiu muito satisfeita após a proposta de pacificação realizada pelos clubes cariocas America e Vasco da Gama ser efetivada[208].

Porém, mesmo com essa "derrota momentânea" da CBD, 1937 também ficou marcado como o ano em que as políticas estatais se concretizariam de forma mais direta com os esportes e o futebol. Já demonstramos que, nesse ano, houve um maior desenvolvimento da Educação Física enquanto política de Estado. Tendo como exemplo os governos nazifascistas do período, Vargas e seus aliados entendiam que o desenvolvimento da mocidade brasileira a partir de uma ótica militar e de desenvolvimento do corpo seria o melhor caminho para o avanço da juventude da nação. Drumond nos demonstra que,

> Já na Constituição de 1937, Francisco Campos deixou aberto o espaço para a criação de uma organização da juventude nacional, estabelecendo que a infância e a juventude deveriam receber cuidados especiais do Estado (art. 127). (...) Ao destacar como função de tais instituições a promoção da "disciplina moral" e do "adestramento físico" dos jovens, estabelecia-se a oportunidade de criação de uma organização nacional como a da Juventude Hitlerista, dos Balillas italianos ou mesmo como a Mocidade Portuguesa. (...) No entanto, o anteprojeto de Francisco Campos nunca saiu do papel. (...) Já Gustavo Capanema reformula o projeto por completo e eventualmente cria outro projeto para uma entidade da juventude nacional. Inspirado pelo que chama de "nome singelo" da organização congénere portuguesa, o ministro propõe o nome Juventude Brasileira (JB), o que marcaria o vínculo da organização com o país. (...) Por fim, a Juventude Brasileira é criada em março de 1940, através da promulgação do Decreto-Lei n. 2.072, apresentando como finalidade "promover, dentro ou fora das escolas, a educação cívica, moral e física da juventude, assim como da infância em idade escolar". (DRUMOND, 2014, p. 132-134).

[208] *Jornal dos Sports*, 20 de julho de 1937, p. 1 e 6.

Ao analisarmos mais especificamente essa relação do Estado com o futebol e sua profissionalização, o ano de 1937 também se torna chave para entendermos o posicionamento do governo. Como citamos na primeira parte do capítulo, desde 1935, a partir de uma adaptação realizada na "Lei Getúlio Vargas"[209], a Censura Teatral, influenciava diretamente no controle de contratos de jogadores de futebol, assim como no comportamento desses atletas, sendo tudo isso monitorado pela polícia do período. Esse enquadramento era o mesmo que já acontecia no meio artístico o período, como no caso do teatro. A partir de 1937, com a regulamentação definitiva da profissionalização desse esporte, esse controle se tornou ainda maior, tendo em vista que foi também nesse ano que se iniciou o Estado Novo varguista.

O auge das intervenções políticas varguistas com o futebol ocorreria na Copa do Mundo de 1938 na França. No capítulo seguinte, trataremos mais especificamente dessa competição e de sua relação com o processo de profissionalização do futebol carioca como um todo. Porém, desde já fazemos referência ao objetivo de uso nacionalista que o futebol passou a ter pelo Estado nesse evento, se transformando em uma importante forma de construir e idealizar a identidade brasileira a partir de então. Denaldo de Souza demonstra que

> Os governantes prestavam apoio à delegação brasileira. O presidente Getúlio Vargas concedeu duzentos contos. Já o interventor federal no Rio Grande do Sul ofereceu mais dez contos. Alzira Vargas, por sua vez, foi escolhida para ser a madrinha da seleção. Ela aceitou prontamente. Antes da viagem para a França, Getúlio fez questão de receber os atletas. Recomendou que voltassem como campeões mundiais, pois o título seria de suma importância para o futuro do país. O presidente chegou a dar uma declaração prometendo "casa própria para os craques, o prêmio oferecido pelo chefe da nação se o Brasil levantar o campeonato mundial (SOUZA, 2008, p. 63).

Assim como outras práticas culturais, dentre elas o samba e a capoeira, o futebol em 1938 se enquadrou no discurso do Brasil enquanto um país da "democracia racial". Esse discurso, que buscava construir a identidade brasileira como a nação do encontro das "três raças (brancos europeus, negros africanos e indígenas americanos), seria muito difundido nas décadas posteriores a partir de trabalhos realizados por importantes acadêmicos do país, como o sociólogo Gilberto Freyre[210].

Todavia, já na década de 1930, esse debate aparecia com força também no âmbito do futebol, inclusive por escritos do próprio Gilberto Freyre[211], e do jornalista Mario Rodrigues

---

[209] Decreto-Lei 5.492, de 16 de julho de 1928.
[210] Ver FREYRE, Gilberto [1933]. *Casa-grande e senzala*. São Paulo: Global Editora, 2006.
[211] Ver FREYRE, Gilberto. "Foot-ball mulato". *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 de junho de 1938.

Filho[212], com quem o sociólogo mantinha certa proximidade[213]. Com a obra desses e outros autores, começou-se a construir a ideia de que o futebol brasileiro possuía uma "malevolência" e diferença em relação ao "frio" futebol europeu, exatamente por marcar o encontro das diferentes "raças" que em nosso país habitavam. Como escreve Freyre, em relação à boa participação brasileira na Copa de 1938,

> (...) uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivemos completa, de mandar a Europa um *team* fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. (...) O novo estilo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. (...) Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto. (...) O mulato brasileiro deseuropeisou o foot-ball dando-lhe curvas. (...) O estilo mulato, afro-brasileiro, de foot-ball é uma forma de dança dionisíaca[214].

Com isso, parte desse discurso foi adotado pela política do período. E a Copa do Mundo de 1938 foi o auge dessa utilização política do futebol até então. Nunca antes uma competição esportiva mundial havia alcançado tanto destaque no país. Mais do que um simples discurso, a Copa de 1938 marcou simbolicamente o fim das disputas entre as federações, que fizeram com que o Brasil fosse com equipes inferiores nos dois mundiais ocorridos anteriormente[215]. Além disso, a equipe alcançou seu melhor resultado até então em Copas do Mundo, ficando na terceira colocação e mostrando ao mundo o talento de jogadores

---

[212] Ver RODRIGUES FILHO, Mario [1947]. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

[213] Mario Rodrigues Filho reproduzia, em suas análises sobre o futebol carioca e brasileiro, muitas das teorias propostas por Gilberto Freyre, acerca da tese da democracia racial presente no país. Freyre, inclusive, escreveu o prefácio da primeira edição do livro clássico de Rodrigues Filho lançado em 1947, *O negro no futebol brasileiro*, tendo essa obra sido fruto das reflexões que o jornalista produziu a partir da década de 1930, principalmente em sua atuação no *Jornal dos Sports*, periódico que se tornou proprietário a partir de 1936.

[214] *Diário de Pernambuco*, 18 de junho de 1938.

[215] Como já demonstramos no decorrer do trabalho, em 1930 o Brasil não conseguiu levar seus melhores jogadores para o mundial devido uma disputa entre as principais federações estaduais de futebol do período, que eram as do Rio de Janeiro e de São Paulo. Não tendo nenhum membro na delegação, a federação paulista não liberou seus atletas para disputar a competição. Enquanto isso, em 1934 a divisão ocorreu devido as disputas entre as federações defensoras do profissionalismo e do amadorismo, onde a CBD (entidade que defendia o amadorismo) chegou a ter que contratar atletas profissionais, devido esses não terem sido liberados pela FBF (entidade profissional). Mais informações sobre o caso de 1934, ver o capítulo I.

negros, como Leônidas da Silva e Domingos da Guia, fundamentais na construção identitária do país enquanto uma "nação miscigenada".

Dessa forma, entender o futebol como um caminho para pensar a nação se tornava uma das chaves do país nesse momento, tendo o governo varguista não ignorado esse processo. Os discursos acerca da nacionalidade brasileira, fundamentais na construção de uma identidade nacional, se consolidavam no país a partir do futebol. Nesse sentido, a atuação de intelectuais, como Freyre, contribuiu significativamente para esse processo.

Com esse cenário que, em 1941, o governo criaria o Conselho Nacional de Desportos, o CND. No próximo capítulo, demonstraremos com mais detalhes como ocorreu esse processo. Desde já, destacamos que se tratou de uma forma de centralização do futebol e de outros esportes no âmbito de um único órgão, tendo sido dada a instituições específicas a missão de organizar essas modalidades. No caso do futebol especificamente, a CBD se tornou, de forma absoluta, a mantenedora do controle da modalidade no Brasil, tendo sido a prática mais monitorada e explorada politicamente a partir desse momento.

No caso colombiano, o cenário político no momento de eclosão e desenvolvimento da profissionalização do futebol era tão conturbado ou mais que no Rio de Janeiro. Como já explicitamos, até o presente momento, 1948 foi um ano chave para o entendimento político da história do país. Com o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán em 9 de abril de 1948, uma série de disputas se desenrolaram durante mais de uma década. Essas disputas teriam como consequências a eleição em 1950 de um candidato conservador de posicionamento fascista à presidência, que foi Laureano Gómez, a promulgação do governo ditatorial de Gustavo Rojas Pinilla em 1953 e, principalmente o agravamento do período de *La Violencia*, que duraria até o final da década de 1950[216].

Desde o século XIX, a história colombiana sempre esteve muito marcada pelos conflitos entre liberais e conservadores. Antes dominantes, os liberais passaram a perder espaço no poder executivo nacional a partir do conflito da Guerra dos Mil Dias[217], o que consolidou a hegemonia conservadora entre 1895 a 1930[218].

---

[216] Maiores informações sobre o referido período, ver BUSHNELL (2012, p. 287-315)

[217] A Guerra dos Mil Dias foi um conflito civil entre liberais e conservadores ocorrido na Colômbia entre 1899 e 1902, que marcou a vitória do lado conservador e teve como consequências, entre outras, a separação do Panamá do território colombiano e o afastamento de aproximadamente 30 anos dos liberais do poder executivo nacional. Maiores informações sobre o referido período, ver BUSHNELL (2012, p. 287-315)

[218] A Hegemonia Conservadora ficou conhecida na Colômbia como o período de governos do Partido Conservador entre 1885 a 1930, onde se consolidou os ideais da Regeneração. Para Miguel Ángel Urrego (2002, tradução nossa), podemos entender a Regeneração como um projeto político conservador e católico, onde "se fundamentou, igualmente, na modernização das condutas públicas e privadas dos cidadãos através de diversos

Nesse período, notadamente na década de 1920, já é possível notarmos algumas políticas relacionadas às práticas esportivas no país. Primeiramente, ocorreu a criação da *Liga de Fútbol*, em 1924. Essa se tornou a primeira associação do esporte em nível nacional[219], tendo sido muito utilizada politicamente em eventos no período. Depois, outras formas de intervenção política a partir do esporte passaram a ocorrer. Como exemplo, podemos citar os Jogos Olímpicos Nacionais criados internamente no país, onde destaca Ramírez que

> O governo nacional de Pedro Nel Ospina criou oficialmente em 1925 os "Jogos Olímpicos da República" e convocou sua primeira celebração em 1928 em Cali. (...) Os primeiros Jogos Olímpicos Nacionais teriam como objetivos expressos a competência e a utilização do esporte como elemento educador. Porém também de maneira tácita, a generalização de um movimento olímpico na Colômbia que se dera nascido em nosso país perante o esporte no mundo, uma das metas da extinta *Asociación Deportiva Colombiana* a proponente dos Jogos Nacionais (RAMÍREZ, 2008, p. 23-24)

Porém, é a década de 1930 que podemos perceber com mais força a intervenção estatal com o esporte. Nesse período, a Colômbia vivia o período da República Liberal[220], que duraria até 1946 e marcaria uma necessidade política de construção de novos valores no país, de forma que se desvinculasse da antiga cultura hispânica e conservadora dominante. De acordo com Bushnell, o período que mais adotou esse discurso de modernização foi o dos governos de Lopez Pumarejo (1934-38 e 1942-46), onde estabeleceu os ideais da *Revolución en Marcha*, que buscava aproximar o governo das classes de trabalhadores com reformas sociais, da mesma maneira que modernizava o país para se desvincular do então passado conservador (BUSHNELL, 2012, p. 269). Essas características se aproximam inclusive do governo Vargas, ocorrido no mesmo momento no Brasil.

Nesse cenário de novas construções culturais, o esporte apareceu como um importante objeto de idealizações nacionalistas. Só nos anos 1930, foram realizados os Jogos Bolivarianos de 1938, assim como a realização de importantes eventos e festas cívicas que possuíam o esporte como norteador.

Os Jogos de 1938 foram o auge dessas políticas. Na idealização de se comemorar os quatrocentos anos da capital Bogotá, o então governo do presidente López Pumarejo idealizou

---

mecanismos de controle social, como requisito para garantir a existência da nação, e o estabelecimento de um regime de produção de verdade, ou dizer, na articulação de instituições, intelectuais e saberes para a produção de uma única forma de explicação do universo físico e moral.

[219] Em 1935, a *Liga de Fútbol* passaria a ser denominada como *Asociación Colombiana de Fútbol (Adefútbol).*

[220] Período marcado por governos liberais no executivo nacional, entre 1930 a 1946.

uma disputa esportiva no país que tivessem outros países do contexto latino-americano que haviam tido em suas lutas de independência a figura de Simón Bolívar como líder maior. Como escreve Ramírez,

> Por proposta do dirigente esportivo Alberto Nariño Cheyne, a Colômbia levou ao Comitê Olímpico Internacional (COI), reunido em ocasião dos Jogos Olímpicos de Berlim (1936), a ideia de realizar uns jogos setoriais denominados Bolivarianos, como uma fórmula para o fogo dos esportistas dos países da área, bastante atrasados em matéria esportiva (RAMÍREZ, 2008, p. 31-32).

Esse fato, além de demonstrar uma tentativa de construção identitária comum a outros países do continente, caracteriza também uma forma de idealização política nacionalista a partir do esporte. Uma prova são as construções nesse mesmo ano dos estádios Nemesio Camacho (*El Campín*) e Alfonso López Pumarejo (Estádio Olímpico da *Universidad Nacional de Colombia*) (ACOSTA, 2013, p. 44), ambos em Bogotá, sendo esses muito utilizados para festas cívicas políticas no país, assim como no caso de São Januário no Brasil (DRUMOND, 2014, p. 135).

Em 1946, o retorno conservador à presidência colombiana não encerrou necessariamente o interesse estatal pelas práticas esportivas. Pelo contrário, tendo em vista que o esporte passava a ser um dos principais veículos culturais da "modernidade tardia" colombiana, investir em seu âmbito passava a ser quase que uma obrigação.

No caso do futebol especificamente, seguir o caminho da profissionalização passava a ser entendido como uma necessidade a partir de então, tendo em vista que a maioria dos outros países sul-americanos, que praticava o esporte, já havia iniciado suas respectivas profissionalizações. Assim, se concretizaria na Colômbia a possibilidade de construção de um futebol rentável e que pudesse proporcionar espetáculos maiores ao público que o consumia.

Essa lógica do consumo incluída ao futebol colombiano se desenhou com mais força exatamente em 1948, ano que Jorge Gaitán foi assassinato e que se agravou o processo de violência política entre os dois maiores partidos do país, algo que já se fortalecia desde o retorno conservador ao poder em 1946(HYLTON, 2010, p. 71-72).

Algumas pesquisas tendem a considerar que os acontecimentos de *El Bogotazo* ou *el 9 de abril*, foram determinantes para que meses depois se concretizasse a formação de uma liga de profissional de futebol na Colômbia (QUITIÁN, 2013; RACINES, 2011a; RAMÍREZ, 2008). A hipótese principal dessas investigações é a de que o governo colombiano, dentro de um cenário em que a nação se encontrava dividida politicamente, teria investido em maneiras

de forjar uma "unidade nacional" no país, sendo o futebol profissional uma delas.

Compartilhamos nesta pesquisa essa mesma hipótese citada nos trabalhos anteriores. Porém, diferente desses, não entendemos que o interesse do governo pelo desenvolvimento do futebol profissional foi algo pensado a priori, mas sim um processo que se desenvolveu posteriormente a formação da *Dimayor* e de sua liga em 1948. Enxergando as possibilidades que poderiam ser criadas pelo campeonato profissional que se desenvolvia, o então governo de Mariano Ospina Pérez teria concretizado seu apoio ao desenvolvimento da nova liga esportiva no país (RACINES, 2011a, p. 119).

O incentivo do governo pela formação da liga profissional colombiana, diferente do Brasil, contradizia a posição da então principal entidade desse esporte no país e defensora do amadorismo, que era a *Adefútbol*. Não houve, portanto, uma centralização do futebol por parte do governo pela então entidade máxima do esporte no país, como havia ocorrido no Brasil no caso da criação do CND, mas sim uma valorização da nova liga que se desenvolvia, formada pela *Dimayor*.

Dessa forma, fortalecer a *Dimayor* para que essa entidade pudesse coexistir com a *Adefútbol*, tendo em vista que ambas existem até os dias atuais, foi um dos efeitos do apoio estatal a liga profissional que surgia.

Ao analisarmos os jornais do período, percebemos que, tanto aqueles liberais quanto os conservadores, demonstravam que o governo de Mariano Ospina Pérez buscava formas de se constituir uma unidade nacional no país. Os periódicos liberais (como *El Tiempo* e *El Espectador)*, no entanto, criticavam as formas adotadas pelo governo para se alcançar a paz no país, sendo para esses veículos o próprio mandato conservador o causador de todos os problemas sociais e de violência na Colômbia.[221].

No futebol, esse fator ficou cada vez mais perceptível com o incentivo para a formação do *El Dorado* colombiano. Enquanto todos questionavam e criticavam a liga da *Dimayor* por contratar jogadores sem pagar por seus passes e por realizar ações fora dos padrões estabelecidos pela FIFA, o governo do país ignorou os regulamentos então estabelecidos como "oficiais" no mundo do futebol e se aliou aos clubes profissionais.

Prova disso foi o apoio para a contratação do argentino Pedernera que, apesar de não ter sido exatamente o primeiro jogador profissional estrangeiro a atuar na liga profissional colombiana[222], foi a primeira grande "estrela" a vir para o país, tendo servido de incentivo e propaganda para outros jogadores. Para sua chegada, como demonstramos anteriormente,

---

[221]*El Tiempo*, 20 de março de 1948, p. 1 e 19.
[222]*El Tiempo*, 11 de julho de 1949.

houve um misto de atuação do clube interessado, que era o Millonarios de Bogotá, empresários e do governo.

Com o desenvolvimento do esporte espetáculo até 1950, o futebol passou a ser cada vez mais incentivado pelo governo de Mariano Ospina Pérez, dentro dessa lógica. Tais questões serão mais detalhadas no capítulo seguinte, onde trataremos sobre os efeitos do profissionalismo para a transformação do futebol em um espetáculo no Rio de Janeiro e na Colômbia.

Em 1950, assumia a presidência na Colômbia o também conservador Laureano Gómez. Apesar de seu governo (1950-53) foi marcado por uma forte centralização do poder, o que gerou uma divisão no âmbito do partido em que estava inserido (HYLTON, 2010, p. 80) e resultou na implantação de golpe militar no país devido. Mesmo estando dentro do recorte temporal deste trabalho, os efeitos das políticas de Gómez em relação ao futebol foram menos sentidos, muito devido à efetivação do Pacto de Lima logo em seu segundo ano de mandato, em 1951. Trataremos sobre esse pacto, que legalizou a *Dimayor* no cenário internacional do futebol, no próximo capítulo.

O que é importante destacar, nesse momento, é que a busca por uma unidade nacional a partir do futebol na Colômbia partiu do incentivo governamental na contratação de craques estrangeiros. Ou seja, diferente do Brasil, onde ocorreu uma valorização do discurso da "mistura de raças", tipicamente brasileiro e existente para assim se idealizar uma identidade nacional pelo futebol, na Colômbia essa identidade não foi construída necessariamente com "craques" colombianos, muito menos miscigenados, mas sim com os grandes nomes estrangeiros que desenvolveram o espetáculo esportivo nas terras do país.

Assim, podemos concluir esse capítulo percebendo que os interesses políticos em volta de cada objeto, se formularam de formas distintas. Enquanto no Rio de Janeiro o esporte foi aos poucos sendo entendido pelo governo como uma via possível de se construir políticas, apesar de desde o início do dissídio já haver pessoas próximas a Vargas nessas disputas, na Colômbia os dois lados envolvidos (liberais e conservadores), estando ou não no poder, perceberam a importância do futebol para seus interesses. Nesse sentido, os liberais enquadravam o esporte no cenário de práticas modernas as quais queriam desenvolver na Colômbia, enquanto os conservadores, que estavam no poder, buscavam no futebol uma forma de se idealizar uma unidade num país até então dividido politicamente.

Dada essa conjuntura, a imprensa nas duas localidades também não ficou inerte. No Brasil, se torna possível perceber mais claramente o posicionamento dos jornais acerca do profissionalismo no futebol, tendo, como demonstramos, alguns veículos assumido o lado de

defensores da prática profissional, enquanto outros ficaram contra. Isso se deu pela proximidade que cada periódico possuía como os nomes específicos que lideravam os grupos que disputavam o poder no futebol.

Já na Colômbia, destacamos que em relação ao processo de profissionalismo do esporte em si, não houve muitas discordâncias nas fontes de imprensa aqui analisadas, tendo sido os fatores políticos e regionais que nos permitiram lançar um olhar mais aguçado sobre os objetos. Nesse aspecto, percebemos as divergências iniciais entre algumas federações e que se refletiram na imprensa, como o caso da *Fedefútbol* (Medellín) x *Dimayor* (entidade nacional, com sede em Bogotá). Para esse caso, a presença de dirigentes na Colômbia que buscassem uma unidade no futebol do país, diferente do caso carioca, marcado por tensões diversas, se fez importante para evitar debates futuros e disputas pelos veículos de comunicação em questão.

No próximo capítulo, apresentaremos alguns aspectos dos processos de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro e na Colômbia que permitiram que esse esporte se tornasse um espetáculo e se popularizasse nas duas localidades, salvo, é claro, as diferenças ocorridas em cada lado, que serão devidamente analisadas.

CAPÍTULO III: O futebol após a profissionalização: a construção de um novo cenário híbrido do esporte no Rio de Janeiro e na Colômbia

III. I *A criação do CND no Brasil (1941) e o Pacto de Lima na Colômbia (1951): diferentes efeitos*

Até o presente momento, demonstramos os detalhes dos processos de profissionalização do futebol ocorridos no Rio de Janeiro e na Colômbia, desde seu momento de desenvolvimento até sua consolidação. Mesmo com todas as tensões e disputas existentes entre as partes envolvidas, as quais foram explicitadas, o futebol profissional alcançou sua autonomia, principalmente, a partir de 1937 no Rio de Janeiro e de 1949 na Colômbia.

Mais que isso, destacamos a importância que os dirigentes dos clubes possuíram na construção de posicionamentos por parte dos veículos de imprensa, acerca dos processos de profissionalização do futebol aqui analisados. Além disso, demonstramos também que o cenário político nos dois casos não esteve excluído. Mesmo o campo esportivo possuindo sua autonomia, as relações com a política, tanto no Rio de Janeiro como na Colômbia, foram mais que evidentes na construção do futebol profissional, tendo cada caso tido suas particularidades.

Neste capítulo, demonstraremos como ocorreu o avanço dos processos de popularização e espetacularização do futebol que já se desenvolviam nos objetos aqui estudados, tendo em vista que foi nesses períodos que esse esporte passou a ser adotado como símbolo de identidade nas duas localidades, a partir de um processo híbrido de ressignificação, tal como nos aponta Canclini. Mais que apontar as similaridades, destacaremos também as diferenças de cada processo, de forma que aguce nosso olhar comparativo sobre a temática.

Para a realização de tal análise, dois fatos são de fundamental importância para o entendimento dos objetos: a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), ocorrida em 1941 no Brasil e que possuiu grande influência no futebol do Rio de Janeiro; e a efetivação do Pacto de Lima em 1951, que determinou os rumos que a liga profissional colombiana da *Dimayor* seguiria a partir de então.

A partir de 1937, o futebol no Rio de Janeiro ganhava uma nova configuração. Como demonstramos, foi criada uma nova liga de futebol na cidade, a Liga de Futebol do Rio de

Janeiro (LFRJ), que se filiou a FBF. Essa última, em contrapartida, se encontrava vinculada a CBD. Esse cenário foi um efeito do acordo proposto pelos clubes Vasco da Gama e America, como anteriormente explicitamos. Com a consolidação da nova liga, as anteriores (AMEA e LCF) foram extintas, definindo assim a consolidação de uma única entidade carioca profissional de futebol. Esse processo consolidou, nesse momento, o domínio da FBF na organização das competições de clubes, enquanto a CBD comandava a seleção nacional.

Essa situação se manteria até a criação do Conselho Nacional de Desportos, o CND, em 1941. Ligado ao Ministério da Educação e Saúde[223], o CND definiu uma nova organização para os esportes no Brasil, entre eles o futebol. Nessa nova configuração, ficou estabelecido que a CBD voltaria a ter o comando absoluto do futebol brasileiro, ficando responsável pela organização da seleção nacional, pelos campeonatos de clubes e de seleções estaduais. Assim, a FBF foi extinta, abrindo espaço para consolidar a elite ligada a CBD no poder do futebol carioca e nacional. Como forma de exemplo, após o mandato presidencial de Luiz Aranha na instituição (1936-1946), quem o substituiu foi seu aliado Rivadavia Meyer. Sem embargo, esse processo não foi construído de um dia para o outro, como demonstraremos na sequência do capítulo.

Desde 1937, o esporte passava a ser um objeto de maior interesse por parte do governo no Brasil[224]. Uma demonstração para tal fato são as políticas relacionadas à Educação Física e as atividades corporais e esportivas, implantadas pelo governo Vargas principalmente a partir desse ano. No âmbito do futebol, a Censura Teatral se fez presente, regulamentando e monitorando os atletas que atuariam profissionalmente em clubes de futebol na capital federal, tal como no país.

Nesse período, foi marcante, não só na capital federal Rio de Janeiro, mas no Brasil como um todo, a intenção de se construir uma nova faceta identitária para pensar a "nação" brasileira. Intelectuais, como Gilberto Freyre, iniciaram um debate acerca da formação cultural e étnica do povo brasileiro, analisando historicamente e sociologicamente esses fatores. Essa análise resultou na formação de um forte discurso que refletiu, entre outros, no futebol.

Uma clara demonstração da presença do futebol nesse processo é a atuação do jornalista Mario Rodrigues Filho[225]. Sua grande obra relacionada a esse processo de construção identitária do Brasil pelo futebol, *O negro no futebol brasileiro*, só seria lançada

---

[223] Decreto-lei Nº 3.199 de 14 de abril de 1941, publicado no DOU de 16/04/1941, p. 7453.
[224] Maiores informações, ver o capítulo II.
[225] Sobre a importância de Mario Filho nesse processo, ver o capítulo anterior.

em 1947[226], tendo como prefaciador o próprio Gilberto Freyre. Entretanto, já nos anos 1930, principalmente nas páginas do *Jornal dos Sports*, Mario Filho destacava sua posição relacionada ao futebol que se desenvolvia no país. E seu posicionamento sobre a profissionalização era claro: apenas a partir do fim do amadorismo que o futebol, como esporte popular que era, consolidaria as condições necessárias para o negro ascender socialmente, como no conhecido caso de Leônidas da Silva.

Como destaca o autor:

> (...) Leônidas não era futebol? A paixão pelo futebol cresceu. A paixão por Leônidas. Quando uma casa comercial queria armar uma vitrine de sucesso, já sabia. Botava um retrato de Leônidas lá dentro, apinhava-se gente na calçada, o trânsito ficava impedido (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 226).

Percebe-se na escrita de Mario Filho, a partir da citação acima, um olhar romantizado e pouco embasado em fontes que comprovem suas hipóteses. Todavia, mais que analisar a veracidade completa de sua obra, o que buscamos é compreender a profundidade que essas construções feitas pelo autor atingiram socialmente.

A utilização das obras de Mario Filho nas Ciências Humanas e Sociais, já gerou diversos debates no campo de pesquisas sobre o futebol no Brasil[227]. Sem buscarmos especificamente entrar nessa discussão[228], entendemos que os escritos de Mario Filho e Gilberto Freyre, buscaram uma forma especifica de pensar o povo brasileiro, marcada pelo "mito das três raças", onde o encontro de índios, brancos e negros teria formado um país miscigenado o suficiente para consolidar uma lógica de democracia racial, incluindo a população negra na sociedade brasileira. Destaca-nos Freyre, em 1947, que,

> O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estio

---

[226] Tal obra é composta por uma compilação da coluna que Mario Filho assinava desde os anos 1930 no Jornal dos Sports.

[227] Maiores informações, ver HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: raça, mídia e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

[228] Todavia, reconhecemos a importância dos olhares lançados por Antônio Jorge Soares nesse debate, aos quais compartilhamos com boa parte de suas hipóteses defendidas. Maiores informações, ver SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: raça, mídia e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 13-50.

> brasileiro de jogar futebol que de um jogador tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro – um crítico da argúcia de Mario Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis está para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desagarrado entre tropicais. (...) Mas vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca (...). Sublimando tanto do que é primitivo, mais jovem, mais elementar em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço. E entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede, em importância, o futebol (FREYRE, 2003, p. 25).

Nesse sentido, a Copa do Mundo de futebol de 1938, ocorrida na França, foi de grande importância na construção do discurso freyriano. Diferentemente das Copas do Mundo anteriores, em 1938 o país conseguiu finalmente consolidar uma seleção que englobasse de fato os melhores jogadores que o país possuía.

Com a consolidação do profissionalismo em 1937, não havia mais motivos para intrigas que fizessem com que a seleção nacional mais uma vez fosse enfraquecida, sendo esse um dos fatores que determinaram a formação de um forte grupo de jogadores para disputar o torneio em terras francesas.

Mario Filho destaca ainda a importância da presença dos jogadores negros na seleção brasileira de futebol, para assim se alcançar as vitórias. De acordo com o autor, foram os atletas negros que fizeram a diferença na formação do *scratch* nacional, sendo essa unificação que consolidou o selecionado brasileiro, um efeito do avanço profissional no futebol.

Neste trabalho não corroboramos com a teoria idealizada pelo autor. Porém, destacamos nossa preocupação em analisar a repercussão e influência social que o discurso alcançou, e não exatamente sua veracidade cientifica. De fato, se torna quase que insustentável academicamente afirmarmos que foi por fatores inerentes a “mistura de raças”, muito presente em vários aspectos da cultura nacional, que a seleção brasileira alcançou o sucesso. Porém, tal perspectiva foi difundida e adotada por veículos de comunicação e pelos torcedores durante décadas, sendo até hoje utilizada por muitos como explicação para uma suposta superioridade do futebol brasileiro em detrimento de outros[229]. Assim, pretendemos analisar as repercussões e ressignificações que essa tradição inventada no futebol alcançou no país.

---

[229] Sobre esse debate, ver Helal, Soares e Lovisolo (2001).

O grupo convocado em 1938 para o mundial da França, que era treinado por Ademar Pimenta, marcou não só o "encontro das raças", devido à participação de diversos jogadores negros no elenco, mas também a consolidação de uma unidade no futebol nacional, após o acordo que determinou definitivamente a profissionalização em 1937. De fato, já existiam atletas negros no grupo da Copa anterior, em 1934, assim como em outras competições (como por exemplo, a Copa Rio Branco de 1932). Porém, tendo em vista as tensões que marcaram a preparação e convocação dos grupos que atuaram nas duas Copas anteriores[230], o olhar para a Copa de 1938 se faz importante não só pelo sucesso que os atletas negros alcançaram, mas também por ter se tornado um marco do apaziguamento dos conflitos que permeavam as elites do futebol nacional desde 1933.

Três jogadores foram fundamentais nesse processo de construção identitária pelo futebol: Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto. Todos os jogadores negros, já relativamente consagrados em suas carreiras, mas que não haviam alcançado o auge pela seleção nacional.

Com a atuação desses nomes, o Brasil alcançou sua até então melhor campanha na história das Copas do Mundo: terminou a competição na terceira colocação. Durante a campanha, a equipe iniciou vencendo a Polônia por 6x5, com três gols de Leônidas, o que os fizeram avançar para as quartas de final; nas quartas, com mais um gol de Leônidas, empataram com a Tchecoslováquia por 1x1, o que gerou um jogo desempate que foi vencido pelos brasileiros por 2x1 de virada, gols de Leônidas e Roberto; na semifinal, a seleção brasileira não contou com Leônidas, provavelmente por uma lesão ocorrida no jogo anterior, o que resultou na sua primeira derrota na competição, por 2x1 para a Itália, equipe que se tornaria a campeã; Restou ao Brasil a disputa do 3º lugar contra a Suécia, em partida que venceu por 4x2 com dois gols de Leônidas, que retornou e se tornou assim o artilheiro da competição com sete gols e ajudou o país a alcançar a medalha de bronze no mundial da França (CASTRO, 1998, p. 68-75; LIMA, 2006, p. 26.35).

Gilberto Freyre, em 17 de junho de 1938, escreveu um artigo para o periódico *Diário de Pernambuco*, onde explicitava sua teoria do "encontro das raças" pelo futebol no Brasil[231]. Os ideais construídos pelo autor, assim como por Mario Rodrigues Filho serviriam para elevar o futebol a um possível caminho de construção da identidade nacional. Várias foram as práticas culturais desse período utilizadas politicamente como forma de idealizar a

---

[230] Ver capítulo I.

[231] Ver FREYRE, Gilberto. "Foot-ball mulato". *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 de junho de 1938.

miscigenação presente no povo brasileiro, como os casos da capoeira e do samba[232]. O futebol, a partir de 1938, passava a ser também considerado um dos caminhos para a idealização da nação brasileira.

As políticas do governo Vargas, como demonstra Maurício Drumond, não tiveram o "velho esporte bretão", assim como outras práticas, como objeto central na maioria de suas vezes (DRUMOND, 2008, p. 81). Todavia, o incremento de políticas relacionadas à Educação Física, sobretudo a partir de 1937, incentivaram um maior olhar para o futebol.

Com a participação do selecionado nacional em 1938, esse cenário se fez mais evidente. A partir de então, o avanço do profissionalismo, somado ao fator da popularização da prática, como demonstram os autores anteriormente citados (RODRIGUES FILHO, 2003; FREYRE, 2003 e 1938), se relacionaram a uma construção do futebol enquanto um esporte que difundia a "democracia racial" brasileira.

Todos esses fatores fizeram o governo Vargas naquele contexto buscar uma forma de centralizar as políticas relacionadas ao futebol, assim como dos esportes num todo. Foi nesse sentido que o Conselho Nacional de Desportos (CND) foi criado em 1941[233]. Mesmo com o país nesse período próximo a entrar no conflito da Segunda Grande Guerra Mundial, ao lado dos Aliados, a lógica política adotada para as práticas esportivas seguia aquela difundida pelos países nazifascistas, o que demonstra a ambiguidade do governo Vargas. O olhar para o esporte como chave para o desenvolvimento da juventude, foi muito proclamado por membros do governo de Vargas (como o já citado Lourival Fontes) a partir de inspirações italianas ou alemãs.

Nessa lógica, se fez necessário construir um conselho que pudesse centralizar toda a organização das práticas esportivas no país. Especificamente no caso do futebol, mais do que a criação do CND, se tornava importante controlar sua difusão por todo território brasileiro. Como passava a ser entendido como um esporte "forjador da identidade nacional", um olhar especial deveria ser lançado na sua organização.

Foi com esse pensamento que se estabeleceu, a partir da criação do conselho, que uma única entidade esportiva ficaria responsável pela prática do futebol. Nesse caso, a entidade escolhida foi a CBD. Como havia perdido parte de seu poder desde o acordo de 1937, quando a FBF passou a controlar as competições de clubes no Rio de Janeiro e no país, a CBD

---

[232] Ver FREYRE, Gilberto. Prefácio (1947). In: FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

[233] Decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941.

voltava a ter o total e pleno controle do futebol no Brasil. Como explicita o Decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941.

> A administração de cada ramo desportivo, ou de cada grupo de ramos desportivos reunidos por conveniência de ordem técnica ou financeira, far-se-á, sob a alta superintendência do Conselho Nacional de Desportos, nos termos do presente decreto-lei, pelas confederações, federações, ligas e associações desportivas. (...) A Confederação Brasileira de Desportos, compreenderá o foot-ball, o tenis, o atletismo, o remo, a natação, os saltos, o water-polo, o volley-ball o hand-ball, e bem assim quaisquer outros desportos que não entrem a ser dirigidos por outra confederação especializada ou eclética ou não estejam vinculados a qualquer entidade de natureza especial nos termos do art. 10 deste decreto-lei; as demais confederações mencionadas no presente artigo teem a sua competência desportiva determinada na própria denominação.[234]

Nessa conjuntura, a FBF foi extinta, assim como as federações ligadas a essa. Como se tratava de uma política para controlar todas as práticas esportivas do país, e não somente o futebol, regulamentações também foram criadas para as outras modalidades.

A criação do CND foi uma forma construída para melhor controlar o futebol (e outros esportes), a partir de seu avanço popular nos anos 1930. Mesmo já sendo um esporte praticado por diferentes camadas sociais nas décadas anteriores, com o processo de profissionalização se consolidando a partir de 1937, o futebol se inseriu em uma lógica de mercado que o levou para um caminho ainda mais explícito de espetacularização, o que abriu espaços para que diferentes camadas sociais o consumissem. Na sequência do capítulo, nos dois próximos itens, demonstraremos essa relação nos dois objetos.

Ao compararmos com a Colômbia, podemos perceber que ocorreram diferenças claras no desenvolvimento do esporte. Como nos destaca Canclini (2015), o cenário híbrido da América Latina nos permite perceber que diversas manifestações culturais absorvidas no continente, passaram por processos de ressignificação distintos, cada uma de acordo com a realidade cultural do local em que se inseriu.

No caso do futebol no Rio de Janeiro e na Colômbia, a necessidade para se realizar a sua profissionalização, como até aqui demonstramos, se deu de diferentes formas, surgidas por distintas causas e gerando diferentes efeitos. Esses últimos, por sua vez, foram marcados por tensões nos dois lados. Enquanto no Rio de Janeiro, tal como no Brasil, ocorreu um apaziguamento dos conflitos com a criação do CND, na Colômbia essa “paz” se deu a partir da decretação do Pacto de Lima, que explicitaremos na sequência.

---

[234] Decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941.

O caso da Colômbia se difere do carioca (e brasileiro) em alguns pontos, se aproximando em outros. De fato, as tensões entre as ligas e federações envolvidas, que geraram inclusive a "não oficialização" de um dos lados (no caso da LCF no Rio de Janeiro e da *Dimayor* na Colômbia) é um fator de destaque e similaridade entre os objetos. Entretanto, o êxodo de jogadores para o futebol colombiano é um caso singular que caracterizou, na tardia profissionalização desse esporte no país, um dos primeiros processos de globalização pelo esporte.

Entre 1949 e 1951, o campeonato colombiano organizado pela *Dimayor* alcançou um grande crescimento. O número de jogadores estrangeiros que iam atuar na "Liga Pirata" só se multiplicava. Apenas como forma de exemplificação, no ano de 1951 participaram da competição um total de 440 jogadores de 18 nacionalidades diferentes (RUIZ BONILLA, 2008, p. 67)[235].A média de público também só crescia, o que aproximou o esporte da política do período, tendo se tornado uma das possíveis chaves de construção de uma unidade no conturbado contexto de disputas pelo qual passava o país.

Desde então, a FIFA, como entidade máxima e organizadora do futebol mundial, passou a receber reclamações de diversos clubes e federações dos diferentes países que tiveram seus jogadores contratados "irregularmente" pelas equipes da *Dimayor*, exigindo o retorno imediato desses. Como o futebol argentino foi o mais atingido pelo campeonato da *Dimayor*, devido à greve de seus atletas em 1948, sua federação buscou soluções para a resolução do problema.[236]

Como forma de pressionar as equipes profissionais do futebol colombiano, para que pudessem permitir o retorno dos atletas contratados "ilegalmente" para suas equipes de origem, as quais ainda possuíam contrato de trabalho em vigor, a FIFA excluiu a Colômbia do quadro de países filiados da entidade. Com isso, a partir de outubro de 1951, ficava decretado que o país estaria fora de todas as competições internacionais organizadas pela FIFA e suas filiadas[237].

Entretanto, a entidade máxima do futebol entendeu que essa medida não alcançaria o efeito esperado. Tendo em vista que o selecionado nacional colombiano era organizado pela *Adefútbol*, a qual a *Dimayor* já não possuía relações desde 1949, excluir a Colômbia do quadro oficial de filiados da FIFA não surtiu efeitos para frear o campeonato profissional do

---

[235] Desses 440 atletas, 153 eram colombianos, 133 argentinos, 49 peruanos, 28 uruguaios, 24 paraguaios, 18 húngaros, 13 costarriquenhos, 9 brasileiros, 2 ingleses, 2 chilenos, 2 equatorianos, 1 panamenho, 1 italiano, 1 espanhol, 1 checoslovaco, 1 romeno, 1 iugoslavo e 1 austríaco. Maiores informações, ver RUIZ BONILLA (2008, p. 67).

[236] *Jornal dos Sports*, 05 de março de 1950.

[237] *El Colombiano*, 14 de outubro de 1951.

país. Tudo pelo fato de que a *Dimayor* já funcionava de forma autônoma e não dependia de outras entidades esportivas. Além disso, a posição oficial do governo e do público, no advento da profissionalização, era de apoio ao campeonato profissional. Sobre esse fato, inclusive, era notória a aproximação do público colombiano com os clubes profissionais de futebol em detrimento da seleção nacional, como explicitamos no caso do Campeonato Sul-Americano de 1949.

Em síntese, a exclusão da Colômbia enfraqueceu mais a *Adefútbol*, que era a entidade do país filiada a FIFA, do que a própria *Dimayor*. Esse cenário nos caracteriza uma peculiaridade da Colômbia em seu período de profissionalização, se compararmos com outros casos com o do Rio de Janeiro ou de outras localidades ou países vizinhos. Isso demonstra, baseado no conceito de Canclini (2012), a singularidade do processo de ressignificação do futebol ocorrido em solo colombiano, onde pôde construir sua identidade nacional baseado na construção de espetáculos com atletas das mais variadas nacionalidades.

Devido a esses fatores, ainda no mesmo mês de outubro de 1951, ocorreu em Lima, no Peru, um Congresso Extraordinário da Conmebol. Entre os temas principais da pauta desse evento, estava a realização de uma assembleia para que fosse debatida a situação do campeonato profissional da *Dimayor*, na Colômbia[238].

Nessa reunião, ficou estabelecido um acordo entre os envolvidos, de forma que a partir de então a FIFA passasse a reconhecer a *Dimayor* como uma entidade oficial do futebol profissional colombiano. Esse acordo ficou conhecido como o "Pacto de Lima" e foi assinado em 25 de outubro de 1951[239]. Em troca, ficou estabelecido que os jogadores que estavam considerados ilegais no campeonato profissional colombiano teriam um prazo de até três anos, ou seja, até 1954, para retornarem às suas equipes de origem.

A partir de então, o campeonato profissional de futebol colombiano foi se desfazendo de seus grandes jogadores aos poucos e, assim, "perdendo seu brilho". Entretanto, algo estava consolidado: a identidade do colombiano em acompanhar o futebol. Mesmo com a saída dos estrangeiros, demonstraremos a seguir que foi a partir dos grandes espetáculos do período *El Dorado* que o futebol se consolidou no país enquanto uma cultura popularizada.

Entre os grandes atletas que saíram do futebol colombiano até 1954, alguns casos se tornaram emblemáticos, como o da transferência do argentino Di Stéfano. Após realizar uma

---

[238] *El Colombiano*, 26 de outubro de 1951.
[239] *El Colombiano*, 26 de outubro de 1951.

grande partida contra o Real Madrid, no estádio Santiago Bernabeu[240], o atleta foi cobiçado pela própria equipe da capital espanhola e por seu maior rival, o catalão Barcelona. A questão era: com quem negociar? Com o Millonarios, da agora legalizada *Dimayor*, ou com o River Plate, que era o dono dos direitos federativos do jogador antes de sua ida a Colômbia? O Barcelona inicialmente negociou com o River Plate, enquanto o Real Madrid negociou como o Millonarios.

Di Stéfano acabou indo atuar no Real Madrid, onde se tornou um dos maiores ídolos da história do clube e foi por cinco vezes seguidas campeão europeu. Seu caso é apenas um exemplo da confusão que o fim do *El Dorado* causou em relação à saída dos estrangeiros que na Colômbia jogavam nesse período. Poderíamos também citar os casos de outros atletas, como o brasileiro Heleno de Freitas e o inglês Charles Mitten. Porém, o mais importante é entendermos como o futebol do país continuou após a saída desses jogadores.

Teriam os colombianos permanecido com a mesma paixão pelo esporte, após a saída de seus grandes ídolos? Teria a seleção de futebol nacional do país, conseguido atuar novamente, considerando o período que havia ficado na "ilegalidade" perante a FIFA? E o futebol continuou a se popularizar pelo país, a ponto de desenvolver uma identidade nacional, ou esse processo de popularização teria "ido embora" junto com os jogadores estrangeiros?

Todas essas questões serão problematizadas na sequência deste capítulo, assim como a comparação com o caso carioca explicitado até aqui.

240 Estádio do Real Madrid, clube de Madri – Espanha. Nessa partida, o Millonarios venceu o Real Madrid por 4x2.

III. II *Profissionalização e espetacularização do futebol: as relações existentes nos casos do Rio de Janeiro e da Colômbia*

Na constituição de um campo esportivo profissional, tanto no caso do futebol no Rio de Janeiro quanto na Colômbia, ocorreram, entre outras, iniciativas para que o futebol fosse entendido na lógica do espetáculo. Com isso, se esperava que o esporte pudesse alcançar as diferentes públicos, se desvinculando da imagem de "esporte elitista", mesmo que na prática esse discurso não se consolidasse. Como escreve Pierre Bourdieu, o futebol após sua difusão, se encaixava entre os esportes populares, ou seja, de massa,

> (...) que funcionam como espetáculos (que podem dever uma parte de seu interesse à participação imaginária que a experiência passada de uma prática real autoriza): eles são 'populares', mas no sentido que reveste este adjetivo todas as vezes em que é aplicado aos produtos materiais ou culturais da produção de massa (…). Em suma, o esporte, que nasceu dos realmente populares, isto é, produzidos pelo povo, retorna ao povo, como a folk music, sob a forma de espetáculos produzidos para o povo (BOURDIEU, 2003, 191).

Nos objetos aqui estudados, ocorreram diferentes adaptações e absorções da noção de espetáculo relacionada ao futebol. No caso do Rio de Janeiro, especificamente, a difusão do espetáculo pelo futebol se fortaleceu a partir da construção, já explicitada neste trabalho, de que esse esporte poderia ser um dos símbolos nacionais do Brasil. Isso permitiu a difusão dessa ideia por diversas vias, como o rádio e a grande imprensa, fazendo com que fosse idealizado um público que pudesse buscar a visualização desse esporte nos palcos de seu espetáculo, que eram os estádios.

Já no caso colombiano, diferente do carioca, a lógica do espetáculo já nasce com a profissionalização do futebol. Tendo em vista o atraso do país em desenvolver um futebol profissional, percebemos já ser inerente a lógica da *Dimayor*, desde sua fundação, a idealização de um esporte espetáculo, sendo isso um fruto da relação entre clubes, dirigentes e empresários que estiveram envolvidos no desenvolvimento do profissionalismo no país.

Nesta parte do capítulo, buscaremos demonstrar como a lógica do espetáculo, tal como nos propõe Clark (2004, p. 43), se desenvolveu nas duas localidades aqui estudadas. No caso do Rio de Janeiro, explicitaremos suas relações com o restante do Brasil, sem termos a pretensão de demonstrar o desenvolvimento dos espetáculos no futebol em todo o país.

Buscamos entender como os espetáculos difundidos na capital federal foram se espalhando por diversas vias, como o rádio, para outras localidades brasileiras.

Dois fatores principais para a difusão do futebol como espetáculo no Rio de Janeiro foram: primeiramente, a difusão da ideia de que o futebol se caracterizaria como símbolo da identidade nacional no país; e também a difusão do esporte em sua lógica profissional pela imprensa, de forma que ajudasse em sua popularização. Essa difusão se deu via imprensa escrita, mas também pelo rádio, que foi fundamental para a popularização do futebol no Rio de Janeiro e no Brasil, fato esse que explicitaremos na sequência do capítulo. Como nos escreve Renato Soares Coutinho,

> (...) vale ressaltar que esses valores difundidos pelos jornais também estavam presentes nas transmissões de rádio, fundamentais para a nacionalização do clube. As redes de sociabilidade da época permitiam a articulação dos radialistas com os redatores de jornais. Ary Barroso, símbolo maior do rádio esportivo brasileiro, buscava suas referências nas mesmas fontes que Mario Filho e exaltava o mesmo significado de nação que o *Jornal dos Sports* (COUTINHO, 2012, p. 48).

A partir de 1933, se consolidaram no Rio de Janeiro dois campeonatos de futebol, como demonstramos. Com o surgimento da LCF, que se tornou a mantenedora da competição profissional na capital federal, a AMEA passou a não reinar mais sozinha no desenvolvimento do futebol carioca. Naturalmente, como as equipes se dividiram entre as duas competições, era mais que esperado que o público também fosse repartido, tendo em vista aqueles que acompanhavam o Campeonato Carioca até então.

Porém, com essa nova configuração, ocorreu uma concentração das equipes de maior qualidade na nova liga profissional organizada pela LCF. Em seu campeonato, passaram a jogar os times do Fluminense, Bangu, America, Vasco, Bonsucesso e Flamengo. Já na AMEA, apenas o Botafogo permaneceu das grandes equipes, tendo enfrentado a partir de 1933 equipes de menor expressão como o Olaria, Portuguesa, Andarahy, Engenho de Dentro, Cocotá, Mavilis, SC Brasil, Confiança e River.

Nesse cenário, podemos perceber que o profissionalismo não só consolidou o retorno do grupo de dirigentes liderados por Arnaldo Guinle ao comando de uma liga de futebol[241], como também recuperou boa parte do público que assistia aos jogos do esporte no Rio de Janeiro ainda no período amador, já que passava a ter as melhores equipes da cidade em seu âmbito. Assim, a LCF pôde desenvolver um campeonato pela lógica do espetáculo, algo que

[241] Ver o capítulo I.

já se construía na cidade desde as décadas anteriores, mas que com a profissionalização se consolidou com ainda mais força. Tratava-se de uma lógica comercial, inerente a formação de espetáculos das mais diversas naturezas, e que a partir de então se inseria no cotidiano esportivo carioca.

De 1935 em diante, uma nova organização modificaria novamente o desenvolvimento do futebol espetacularizado no Rio de Janeiro. Como havia perdido parte de seu público, com a debandada de suas principais equipes para a competição profissional da LCF, a AMEA buscou nesse ano uma nova forma de se inserir nessa lógica profissional e espetacularizada em que o esporte se enquadrava.

Com a implantação do regime livre, por parte da CBD, o campeonato da AMEA pôde se inserir na lógica do futebol enquanto espetáculo. Tal propósito contrariava a proposta amadora da instituição e ainda sofria resistência por parte das camadas mais elitistas ligadas a seus clubes filiados.

Porém, se incluir no novo cenário significava também uma forma de sobrevivência à realidade do esporte no Rio de Janeiro, assim como no Brasil. Como destacamos no capítulo anterior, não só o futebol, mas outras práticas também desenvolviam seus processos de profissionalização nesse período. Com isso, se excluir desse cenário, que cada vez mais transformava o esporte em algo vendível e comercial, seria fechar as portas de sua prática para o âmbito interno de seus clubes.

Assim, em 1935, os clubes da AMEA se incluíram nesse processo de espetacularização do esporte a partir da profissionalização, tendo sido inclusive criada uma nova entidade nomeada de Federação Metropolitana de Desportos (FMD). Mesmo sem deixar de lado a lógica amadora pensada *a priori*, com o regime livre implantado, a nova instituição passou a aceitar também equipes e jogadores assumidamente profissionais. Além disso, teve o retorno de outros times para sua competição, como o Vasco da Gama, São Cristóvão e Bangu.

Com o avanço do campeonato da FMD, a LCF teve paulatinamente sua competição enfraquecida, passando agora a dividir o público do espetáculo futebolístico com a outra organização. Todavia, os clubes de seu âmbito adotaram uma forma de se incluir ao processo de políticas nacionalistas criadas por Vargas no período, notadamente o Flamengo. Como destaca Renato Soares Coutinho,

> A torcida do Flamengo se reuniu em torno do maior projeto de propaganda política já organizado no Brasil: o nacionalismo trabalhista. As paixões políticas imbricadas em meio ao linguajar futebolístico reforçam que o futebol por si só não faz ninguém torcer por um clube. São as visões sociais de mundo que orientam as escolhas dos torcedores. (...) (Localizei) o

> vocabulário da cultura política trabalhista como elemento central da identidade flamenga. Claro que isso não significa que todas as pessoas ligadas ao clube sejam vinculadas a um determinado partido político. Mas quer dizer que a instituição que foi imaginada nos 1930 tem uma trajetória bastante associada à formação do discurso nacionalista presente nas teses trabalhistas. A "nação rubro-negra" e a "nação brasileira trabalhista" compartilharam e fidelizaram em grande parte os mesmos adeptos e por motivos muito semelhantes (COUTINHO, 2014, p. 141).

Com o acordo definido em 1937, que marcou a união dos campeonatos da LCF e da FMD, surgindo assim um único campeonato profissional que passou a ser ligado a FBF[242], pode-se definir uma lógica de difusão e implantação do espetáculo a partir do futebol com menos tensões e conflitos. Com isso, o futebol carioca passou a ser difundido via imprensa escrita e radiofônica não só para a estado do Rio de Janeiro, mas para todo o país. Isso explica, em partes, o porquê de clubes do estado possuírem torcidas espalhadas por várias regiões do país, alguns mais e outros menos. Porém, mais do que reproduzir a versão já quase mitológica do rádio enquanto criador de massas do futebol nacional, entendemos que alguns outros fatores também foram importantes nessa configuração.

Coutinho destaca que,

> A ideia difundida pelo jornalismo esportivo brasileiro atribui à Rádio Nacional papel de protagonismo no processo de nacionalização do Flamengo precisa ser relativizada. A Rádio Nacional transmitia os jogos do futebol carioca. É claro que isso fundamental para os clubes do Rio de Janeiro. Mesmo o mesmo processo de nacionalização e popularização não pode ser verificado no Botafogo e no Fluminense. É verdade que esses dois clubes possuem adeptos em todo o Brasil, mas em uma escala bastante inferior. Dessa forma podemos dizer que o rádio foi de fato importante para a divulgação do Flamengo, como foi para os outros clubes fluminenses. Mas a ampla popularização do clube só foi possível por conta da marca associada ao Flamengo, que, ao contrário dos outros três grandes cariocas, se vinculou ao nacionalismo (COUTINHO, 2014, p. 48)

Sendo assim, podemos destacar que o processo de espetacularização do esporte, assim como sua popularização, esteve inserido dentro de uma lógica maior de um projeto nacionalista que permeava o âmbito político do país e que foi adotado pelas lideranças do futebol. A Copa do Mundo de 1938 foi um momento chave para tal construção, pois com o discurso já apresentado do "país da democracia racial" no futebol, se consolidou uma ideia a ser vendida para o público. Assim, fazer com que essa marca fosse difundida em espetáculos, foi um dos caminhos seguidos pelos clubes de então.

---

[242] Mais informações sobre o processo de formação da FBF, ver capítulo I.

Do Rio de Janeiro, o clube que mais entendeu e se adaptou a esse contexto foi o Clube de Regatas do Flamengo. Demonstraremos na próxima parte do capítulo que, não à toa, a espetacularização do esporte estimulou também o avanço de seu processo de popularização. Tendo adotado uma lógica de divulgação da imagem muito similar ao modelo nacionalista então definido, o Flamengo foi o principal difusor desse processo, como destacaremos na parte final dessa dissertação, sendo uma engrenagem em um processo maior que consolidou o futebol como sinônimo de identidade no Rio de Janeiro e no Brasil.

Em 1941, com a criação do CND e a consolidação de uma política centralizadora dos esportes, passou a ocorrer um maior controle dos espetáculos produzidos por parte das entidades responsáveis. Nesse caso, estamos falando da CBD, tendo em vista a exclusão da FBF no processo que foi gerado a partir da consolidação do CND. Com isso, a CBD pôde estimular à sua maneira as formas de se vender o esporte, mantendo a partir de então uma relação mais próxima com as políticas nacionalistas inerentes ao governo Vargas.

Na Colômbia, a lógica do futebol espetáculo já se inicia com mais força desde os primórdios do profissionalismo. Esse fator se dá pelo fato dos dirigentes e empresários ligados ao processo de profissionalização do país em 1948, possuírem como meta a construção de um campo nesse esporte que pudesse enquadrar o país no cenário futebolístico sul-americano, onde supostamente estariam alguns passos atrás devido ao atraso em realizar seu processo de passagem do amadorismo para o profissionalismo.

O fato de o país passar nesse período por uma divisão política, fruto dos conflitos entre liberais e conservadores, estimulou a formação e construção de espetáculos que pudessem caracterizar uma forma de unidade nacional. Essa lógica foi percebida não só pelos clubes e empresários, que estiveram desde os primórdios com um projeto relacionado à lógica de mercado e consumo do período, mas também pelo governo conservador da época, que desde os primórdios da *Dimayor* incentivou o processo de profissionalização do futebol no país. Como nos demonstra David Quitián,

> (...) as cidade sedes do torneio tiveram uma dupla responsabilidade para realizar o evento: elas estavam cientes do debate nacional que remava para abraçar a modernidade onde o esporte era uma de suas maiores expressões (por ele custearam a construção de estádios com recursos públicos) e queriam se afastar o máximo possível do clima de violência política, oferecendo condições de redenção social mediante o ato civilizado do futebol: melhor se ele fosse executado por estrangeiros que – na representação da época – eram assimilados com o moderno (QUITIÁN, 2015a, p. 35, tradução nossa).

Podemos considerar o campeonato profissional da *Dimayor* como um dos primeiros exemplos de utilização do futebol na construção de um mercado globalizado e espetacularizado na América do Sul. Como demonstramos nos capítulos anteriores, a partir de 1949 a competição profissional de futebol colombiano se caracterizou por um intenso êxodo de atletas de várias nacionalidades que foram atuar em seu território. Como destaque, citamos o caso dos jogadores argentinos, que foram tentar a sorte no *El Dorado* construído pela *Dimayor*. Mas o que fazia esses jogadores saírem de seus clubes de origem? E por que os dirigentes colombianos, junto de uma lógica empresarial rara no período, decidiram investir altas cifras em salários para terem esses atletas em seus quadros?

Essas questões são singulares para entendermos o porquê do sucesso da liga profissional colombiana em seus primórdios, quando chegou a ser uma das ligas mais "internacionais" do planeta, tendo em vista o grande número de jogadores de diferentes nacionalidades que atuavam no país (QUITIÁN, 2015b, p. 308). Uma questão, na verdade, responde a outra. Primeiramente, os atletas foram para a Colômbia por motivos puramente profissionais, sendo o principal a grande oferta de salário que recebiam. Em contrapartida, os clubes optaram por esse investimento por entenderem, a partir de exemplos em outras localidades, que o futebol poderia ser um esporte lucrativo dentro da lógica comercial que os espetáculos de diversas naturezas se inseriam nesse período pelo mundo.

Sendo assim, o futebol passou a ser entendido como um investimento que renderia lucros, maiores daqueles alcançados no período de "amadorismo marrom". E para isso, o esporte deveria ser profissional, pois o amadorismo travava um possível desenvolvimento da lógica do espetáculo. Mesmo não possuindo a certeza do lucro certo, pois até então o futebol (apesar de difundido) ainda não era o símbolo de identidade que futuramente se tornaria no país, o investimento nessa prática foi desde o início bem pensado.

O olhar para "craques" estrangeiros também se deu por um motivo simples: esses atletas não estavam inseridos no contexto de disputas entre liberais e conservadores pelo qual passava o país. Ou seja, poderiam dentro de uma mesma equipe atrair adeptos dos dois lados políticos que mais geravam violência na Colômbia. A pretensão não era de se encerrar os conflitos entre os dois extremos da sociedade colombiana, mas sim de poder uni-los em algum momento, mesmo que fossem os noventa minutos da partida. Essa união, obviamente, se consolidou pela lógica do consumo, definindo o futebol posteriormente como um símbolo de identidade no país. Como descreve Quitián,

> A força simbólica (...) reside em que esses forasteiros (os jogadores estrangeiros) permitiram a construção um "outro" que primeiro nos ajudava a sair do atraso e da ignorância (esportiva e de outras ordens) e logo se converteu em um rival ao qual vencer. Esse "outro" tão importante ao falar de identidades e alteridades, até então sempre foi interno: o rival político (liberal/conservador) e logo o inimigo militar (soldado, guerrilheiro, paramilitar, mafioso-narcotraficante); situação que reforça a síndrome endógena que demógrafos, sociólogos e até geneticistas observaram no país (QUITIÁN, 2015a, p. 36-37).

Um exemplo de como a lógica do espetáculo se implantou no futebol colombiano com a contratação dos atletas estrangeiros, é que as equipes passaram a construir suas próprias identidades clubistas a partir da contratação de atletas de nacionalidades especificas. Por exemplo, o Millonarios, maior campeão do período, apostou na escola argentina, contratando nomes como Pedernera, Nestor Rossi, Di Stéfano, Julio Cozzi, Hugo Reyes, Antonio *Maestrico* Báez, Reinaldo Murín, entre outros; o Deportivo Cali possuiu, em diferentes momentos, predomínio de jogadores peruanos e argentinos; o Junior investiu na contratação de jogadores brasileiros, como Heleno, Tim e Marinho, e húngaros; o Medellín formou a equipe conhecida como *Danza del Sol*, devido à predominância em seu elenco de jogadores peruanos, entre eles Félix Mina, Roberto Tito Drago, Andrés Bedoya, Segundo Titina Castillo, entre outros; o Independiente Santa Fé, primeiro campeão profissional em 1948 e rival local do Millonarios em Bogotá, apostou na "escola inglesa", com a contratação de Charles Mitten, George Mounford e Neil Franklin, além de outros jogadores argentinos. (GOMES, 2014a, p. 89-90); o Deporte Quíndio chegou a atuar com uma equipe 100% argentina, enquanto o Deporte Cúcuta apostou em uruguaios e o Pereira nos paraguaios (QUITIÁN, 2015, p. 34).

Essa divisão no êxodo de jogadores permitiu, em cada equipe e região, a criação de uma identidade, que estreitou a relação entre clube e torcida, baseado nas "escolas" de jogadores de futebol de países específicos, se tornando mais fácil a identificação do "outro" a ser vencido.

A busca pela construção do espetáculo, no entanto, também trouxe complicações para a liga colombiana profissional. Citando apenas um caso, destacamos o processo de contratação do atacante brasileiro Heleno de Freitas[243]pelo Junior Barranquilla. Esse, que atuava no período de sua contratação pelo Vasco da Gama, e outros atletas que jogavam no Brasil, como Tim e Beracochéa (Fluminense), Job (Flamengo), Marinho (Botafogo) e

[243]*Jornal dos Sports*, 28 de fevereiro de 1950, p. 1 e 6.

Marcelo (ex-Botafogo)[244] receberam propostas para irem atuar no caribe colombiano, em Barranquilla, pelo agente do Junior conhecido como Mario Abello[245]. Como podemos ver na fonte:

> A grande surpresa de todo esse movimento de Heleno, está sem dúvida na circunstância das adesões que conseguiu para o seu ingresso no football colombiano. E que além de Beracochéa e Tim, Marinho, do Botafogo, Job, do Flamengo, e Marcelo, ex-player do Botafogo, seguirão com o mesmo destino. E todos esses jogadores viajarão na próxima quarta-feira, pelo avião da Pan America, que deixará o Galeão às 17 horas. Podemos adiantar que todos estão com os passaportes legalizados, aguardando tão somente o momento do embarque.[246]

Essas transferências geraram tantas complicações que, o Vasco, entrou inclusive na Justiça de Trabalho para evitar a saída de Heleno de Freitas, tendo em vista que o atleta estava indo embora sem uma compensação por seu passe a seu clube de origem[247]. Já o Botafogo, do então presidente Carlito Rocha, foi além. O dirigente denunciou Mario Abello na polícia, afirmando que o dirigente colombiano aliciava os profissionais do futebol no Rio de Janeiro. Junto de um representante da FBF e um advogado, Carlito Rocha realizou uma denúncia formal[248]ao Dr. Atílio de Pilla, delegado da 2ª Delegacia de Polícia do Distrito Federal, pedindo que se investigasse o "aliciador" Mario Abello. O dirigente colombiano deu seu depoimento, se defendendo:

> Lamento profundamente que haja acontecido tudo isso. Vim ao Brasil não como um aliciador qualquer. Vim tratar de contratar jogadores para meu clube, pois sou dirigente do Atletico Junior e não vejo crime nisso. Nunca pensei em levar elementos integrantes da seleção brasileira. Interessei-me por elementos livres, ou que não são considerados "estrelas" de primeira grandeza do football brasileiro. Como já disse, não vejo nenhum mal nisso. Pretendo de fato levar Heleno, Tim, Beracochéa, Ari e Marinho para a Colômbia, mas não sei quando poderei fazê-lo. Não acredito que as autoridades brasileiras pretendam por-me para fora do país. Pois aqui entrei legalmente com todos os meus documentos e como gostei muito do Rio aqui espero permanecer mais uns dias. Em relação ao caso de Marinho, ao que parece, deve determinada importância ao Botafogo de Futebol e Regatas, não creio que o clube persista desse terreno, pois o jogador pagará tudo, de vez que não sou corretor e sim um dirigente que buscar reforçar as fileiras de

---

[244] *Jornal dos Sports*, 05 de março de 1950, p. 1 e 6.
[245] *Jornal dos Sports*, 05 de março de 1950, p. 1 e 6.
[246] *Jornal dos Sports*, 05 de março de 1950, p. 1.
[247] *Jornal dos Sports*, 01 de março de 1950, p. 1 e 6.
[248] *Jornal dos Sports*, 08 de março de 1950, p. 1 e 6.

> seu clube e que encampará as dívidas de qualquer dos jogadores em causa com os seus clubes[249]

De fato, mesmo a justiça tendo postergado a saída de Abello do Brasil, o dirigente conseguiu contratar os atletas para irem atuar em Barranquilla. Assim, podemos perceber que a busca por um espetáculo gerou críticas nos países atingidos, ou seja, da onde saiam os atletas que migravam para a Colômbia. Na Argentina, país que perdeu centenas de atletas para o futebol colombiano, esse processo se faz ainda mais forte, tendo a federação do país recorrido abertamente a FIFA em busca de uma solução para o caso[250].

A soma de todos esses casos resultou na exclusão da *Dimayor* do quadro de competições oficiais da FIFA, Conmebol e Adefútbol[251]. Entretanto, na ilegalidade, a competição se consolidou, mantendo até 1951 um campeonato de alto nível, com grandes atletas de toda a América do Sul e de outros continentes, com públicos altíssimos e uma popularidade não vista anteriormente em nenhum esporte do país.

No mesmo período, o ciclismo passava por um processo de popularização no país. Mesmo não atingindo a mesma popularização que o futebol, o avanço do esporte, principalmente nas disputas da *Vuelta a Colombia en bicicleta*, ajudaram a consolidar o campo esportivo do país. Como demonstra David Quitián, esse processo se relacionou com o avanço do rádio no país, tendo a bicicleta e o futebol se transformando em caminhos possíveis para se construir tradições e fortalecer o processo de integração do país:

> Se essa competência ciclística integrou fisicamente o país (interconectando cidades através de suas etapas), a liga de futebol cimentou o reconhecimento do país a partir do contraste com outro futebol encarnado por jogadores estrangeiros e representados por clubes de outros países. Ciclismo e futebol; bicicleta e bola narrados pelas ondas do rádio contribuíram para o discurso modernizante do Estado nacional. O poder de penetração deste meio de comunicação e sua recepção popular proporcionaram que a fantasia da nação se potenciaria mediante outras fantasias: a do El Dorado e a dos "caballitos de acero" que três décadas depois seriam a metonímia nacional expressada nos "escarabajos" do ciclismo (QUITIÁN, 2015b, p. 309).

Após 1951, com a implantação do Pacto de Lima, paulatinamente o espetáculo dos craques estrangeiros, foi se diluindo. Devido os acordos desse pacto, os atletas estrangeiros tiveram até 1954 para retornarem a suas equipes de origem. Porém, esses se foram, mas a lógica do futebol enquanto sinônimo de identidade colombiana já se consolidava. Ou seja,

---

[249] *Jornal dos Sports*, 08 de março de 1950, p. 1 e 6.
[250] *Jornal dos Sports*, 05 de março de 1950.
[251] Ver capítulo I.

apesar do *El Dorado* ter chegado ao seu fim, o processo de construção identiária do país a partir do futebol se manteve com toda força. A lógica espetacularizada do profissionalismo permitiu também uma maior consolidação da popularização desse esporte que já se desenhava, como melhor demonstraremos na sequência do capítulo.

No Rio, esse espetáculo esteve relacionado às políticas nacionalistas que se aproximavam da formação identitária dos clubes, notadamente o Flamengo, que foi a equipe que mais soube compreender esse processo. Já na Colômbia, compreendemos a formação de sua identidade pelo futebol a partir da tradição que se formulava no âmbito dos clubes, marcada pelas escolas de jogadores estrangeiros em cada caso. Destacaremos como essas questões se relacionaram na próxima parte deste capitulo.

III. III *O futebol profissional e as camadas populares: o que mudou com a profissionalização?*

Um dos principais efeitos da profissionalização do futebol, nas localidades aqui analisadas, foi o avanço da popularização dessa prática na sociedade em que está inserida. Não que esse esporte já não fosse considerado popular no Rio de Janeiro e na Colômbia nos períodos anteriores aos da profissionalização. Pelo contrário, as pesquisas já realizadas (Rio de Janeiro: PEREIRA, 2000; SANTOS JÚNIOR, 2014; Colômbia: ZULUAGA, 2005; QUITIÁN, 2013), nos demonstram que o futebol possuía uma adesão forte de classes populares nas primeiras décadas do século XX, nas duas localidades. Todavia, defendemos que foi com o avanço do profissionalismo que esse processo se consolidou definitivamente, tendo a partir de então ocorrido uma maior abertura ao esporte não só para os atletas que o praticava, mas também aos diferentes públicos que o assistia.

Esse caminho se deu a partir da lógica do espetáculo, em que o futebol se inseriu mais concretamente com a profissionalização, como demonstramos na parte anterior do capítulo. Naturalmente, ao transformar o esporte em uma forma de atração para a população, se consolidou o interesse em popularizar a prática, de forma que essa alcançasse um número cada vez maior de adeptos. E esse processo de popularização se deu de diferentes formas no Rio de Janeiro e na Colômbia.

No caso carioca, com a popularização se torna explícito perceber a relação entre os processos de profissionalização e espetacularização do futebol. A partir da formação da LCF em 1933, se construiu diversas maneiras de difundir a prática do futebol. Nesse sentido, também foram construídas identidades para cada clube que se inseria na lógica profissional vigente, tendo maior destaque para os clubes considerados grandes da cidade.

O Vasco da Gama idealizou uma representação identitária lusitana, muito marcada pela própria história do clube os laços que possuía com Portugal. O Fluminense manteve uma construção de tradição elitista, muito voltada para a, que permeou a identidade construída em seu âmbito. Já o Flamengo, a partir do mandato de José Bastos Padilha (1933-1936) adotou um discurso muito similar ao do governo varguista no período, relacionando o clube aos ideais de nacionalização (COUTINHO, 2014).

Nesse processo, o Botafogo, outro grande da cidade e que não estava inserido na competição profissional da LCF, acabou ficando para trás. Como ainda se mantinha ligado à lógica amadora do esporte, mesmo que mais de forma simbólica e retórica do que prática,

considerando o “amadorismo marrom” que se fazia presente no clube desde a década anterior, a equipe acabou não se inserindo num primeiro momento em um projeto específico de difusão da imagem clubista, presente na difusão espetacularizada do esporte profissional.

Um exemplo claro desse fato é que, após a Copa do Mundo de 1934, vários jogadores que haviam sido contratados pela CBD[252], se tornaram atletas do Botafogo. Entre esses, se inclui o caso de Leônidas da Silva. O “diamante negro”, como ficaria depois conhecido o atleta, ainda não havia alcançado o estrelato posterior ao mundial de 1938, porém já era um grande nome do futebol brasileiro nesse período. Mesmo assim, e apesar de ter conquistado o título carioca de 1935 em seu primeiro ano de clube, o atleta não teve vida longa em General Severiano.

De acordo com Renato Soares Coutinho, a não permanência de Leônidas no Botafogo não se deu somente pelo fato do atleta ser negro:

> (...) A questão central era ele não ser a tal “prata da casa”, ou seja, o jogador formado no clube, o sócio. O jogador “prata da casa” tinha status, pois vinha de boa família e tinha bons empregos. Leônidas, negro, não possuía esses atributos. Por isso foi “dado” pelo Botafogo ao Flamengo, que fez de tudo para contratá-lo. O Flamengo, ao contratar Leônidas, não estava necessariamente levantando a bandeira contra o racismo, mas agindo de maneira profissional. Profissionalismo que não era o espaço da democracia racial em termos simbólicos, mas o espaço da ascensão material (COUTINHO, 2014, p. 134).

Compartilhamos do posicionamento de Renato Soares Coutinho em relação ao olhar nacionalista que adotou a instituição Flamengo ao buscar contratar jogadores negros nos anos 1930. Todavia, não acreditamos que o discurso da “democracia racial”, mesmo que de forma simbólica e imaginária, não estivesse presente nesses caminhos percorridos pelo clube carioca, como destaca o autor, a partir de uma interpretação do próprio sobre a obra de Mario Rodrigues Filho (2003).

Entretanto, a saída de Leônidas da Silva do Botafogo para o Flamengo, é um exemplo claro da posição que o Botafogo ocupava no seio do amadorismo. Esse posicionamento que, a priori mantinha o clube como último baluarte do regime e líder na CBD, como assim acreditavam seus dirigentes, acabou num momento posterior o atrasando, tendo em vista que a equipe foi a última entre as grandes da cidade a se inserir na lógica espetacularizada de mercado que o futebol havia alcançado.

---

[252] Ver capítulo I.

Com a saída de Leônidas da Silva do Botafogo, o clube que melhor entendeu o momento pelo qual passava o país e seu futebol, foi o Flamengo. Dentro da lógica construída e já explicitada neste trabalho, de que o futebol poderia ser um dos caminhos para demonstrar a "democracia racial brasileira", sendo a posição dos negros importantes nesse processo, o clube passou a fazer investimentos nesse sentido. Assim, se difundia a hipótese proposta por Mario Rodrigues Filho e Gilberto Freyre acerca da temática.

O futebol carioca passou a adotar uma lógica relacionada com o popular a partir desse recorte da profissionalização. O caso do Flamengo é o mais explicito nesse processo. Todavia, mesmo sendo apenas para grupos mais restritos, os outros clubes passaram a construir também um público, popularizando suas imagens e permitindo que o acesso ao esporte fosse possível para diversos interessados, sejam na condição de plateia ou atleta.

Esse processo é um reflexo das políticas de inclusão e desenvolvimento trabalhista presentes no governo Vargas, notadamente no período do Estado Novo (1937-45). A partir da lógica trabalhista, como destaca Ângela de Castro Gomes (1988), não é nenhum absurdo pensar que o esporte, especialmente o futebol, tendo em vista sua já alcançada difusão, pudesse se apropriar de alguns sentidos. As políticas relacionadas à Educação Física e ao lazer (MELO, 1996), são demonstrações claras dos interesses políticos em popularizar as práticas corporais institucionalizadas nesse contexto.

Um outro bom exemplo é o da formação do Serviço de Recreação Operária, criado no período final do Estado Novo (1943-45). Como nos demonstra Angela Brêtas,

> Este órgão, criado em 1943 pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC), durante a gestão de Alexandre Marcondes Filho, teve Arnaldo Lopes Sussekind como seu primeiro presidente e estava destinado a organizar o lazer dos trabalhadores e de suas famílias com a finalidade de "coordenar os meios de recreação da classe operária, prestando aos sindicatos assistência e colaboração" (BRÊTAS, 2010, p. 19-20)

Tendo esse cenário como plano de fundo, popularizar práticas esportivas como o futebol na era Vargas, não se tornou nenhum absurdo. Seja com ações direta ou indiretamente ligadas ao governo, o futebol foi utilizado em várias localidades da nação como forma de se difundir uma construção identitária brasileira. No caso do Rio de Janeiro, como destacamos, o Flamengo foi o clube que mais abraçou essa ideia, consolidada durante o mandato do presidente José Padilha (1933-36).

As imagens construídas nos clubes ainda seriam redefinidas no decorrer de suas histórias, por vários motivos. Entretanto, concluímos que em nenhum período anterior teria

sido possível se construir um cenário de popularização do futebol como se deu nos anos 1930 e 40. Não só pela profissionalização do esporte, que estimulou a espetacularização do mesmo como já demonstramos, mas também pela configuração política de então, relacionada ao trabalhismo varguista e a inserção de camadas populares nos diferentes setores sociais.

Esse processo abriu espaço inclusive para o desenvolvimento de um campo de outras práticas culturais nesse período, como os já citados, samba[253] e capoeira. Antes consideradas como inadequadas, sendo por muitos entendidas como práticas de "malandros" ou "marginais", ambas também foram entendidas nesse processo de construção da identidade nacional, como parte da difusão da teoria freyriana do "encontro das três raças" que formam o povo brasileiro. No caso colombiano, a construção identitária pelo futebol que, naturalmente, também levou a popularização da prática, se deu de forma distinta do caso carioca e brasileiro.

Enquanto no Brasil se fez importante a construção idealizada por Gilberto Freyre e Mario Filho Rodrigues, que valorizava a formação do povo brasileiro a partir do "encontro das três raças", sendo a posição do negro e de sua cultura fundamentais para definir a particularidade do país no futebol, na Colômbia o olhar possuiu uma outra singularidade.

Como até aqui demonstramos, o principal fator que desenvolveu o campeonato profissional colombiano em seus primórdios foi a formação de um espetáculo que se deu a partir da migração de diversos atletas estrangeiros que vieram atuar no país. Sendo assim, concluímos que na Colômbia o fator principal e gerador da profissionalização do país não nasceu de uma construção relacionada à própria noção de identidade nacional dos colombianos, mas sim de algo externo, que nesse caso eram os atletas estrangeiros.

Com a chegada desses atletas, o desenvolvimento da liga profissional foi inegável. Mais do que simplesmente a constituição de uma liga profissional, o campeonato implementado pela *Dimayor*, principalmente a partir de 1949, consolidou uma nova lógica no campo esportivo colombiano. Os estrangeiros foram fundamentais para consolidar uma identidade pelo futebol no país, diferente do Brasil que já possuía previamente um discurso pronto em relação à questão da democracia racial e os atletas negros.

Como demonstramos o caso colombiano não estava necessariamente ligado a símbolos nacionais, como no Rio de Janeiro e no Brasil. O exemplo do Sul-Americano de 1949 deixa bem claro que a seleção colombiana não prevaleceria sobre os clubes, seus craques e o campeonato nacional de futebol. Isso não significava negar a pátria, mas sim negar a seleção

[253] Maiores informações sobre o caso do samba nesse período, ver Hermano Vianna. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

da federação que se voltava contra o profissionalismo e a liga da *Dimayor*, que nesse caso era a *Adefútbol*.

Nesse quadro, entendemos que esse caso explicita a peculiaridade da profissionalização do futebol na Colômbia: sua popularização e espetacularização se deram a partir de jogadores estrangeiros e não de seu próprio país ou de uma cultura nacional idealizada. E, mesmo quando os atletas de fora tiveram que retornar a seus países de origem, a partir do Pacto de Lima, a popularidade que alcançou o futebol a partir do *El Dorado* não foi perdida.

O cenário político de conflito entre liberais e conservadores num primeiro momento e, no fim do período *El Dorado*, marcado pelo início de uma ditadura, favoreceu para a popularização da prática. Algumas práticas entendidas como modernas se popularizaram na Colômbia nesse período, como forma de se desvincular do passado outrora dominante.

Tais práticas foram apropriadas tanto por liberais quanto por conservadores. Estes últimos, mais resistentes aos ideais da modernidade tardia que avançava no país, não negaram o profissionalismo do futebol e seus efeitos, por entenderem ser esse um dos caminhos de unificação do país.

O mesmo aconteceu com o caso do ciclismo e de outras modalidades. Porém nenhuma alcançou a popularidade que o futebol teria em todo território colombiano. Destacamos que a singularidade da popularização do futebol colombiano se deu pela formação no âmbito dos clubes de uma identidade relacionada aos craques estrangeiros que no país chegavam, tendo sido formada escolas de diferentes nacionalidades em cada agremiação.

Essa é uma diferença clara do caso carioca, e brasileiro num todo, onde a popularização do esporte e dos clubes, como o Flamengo, se deu principalmente pela adesão aos discursos nacionalistas construídos no período, como o que explicitamos relacionado a Freyre e Rodrigues Filho.

Enquanto no Rio de Janeiro se constituiu uma popularização de acordo com a identidade construída em cada clube, como o Flamengo (relacionada à nação), Vasco da Gama (identidade portuguesa), Fluminense e Botafogo (esses dois últimos, uma identidade ainda elitista), na Colômbia ocorreu uma construção desses valores a partir da chegada dos estrangeiros. No país, cada clube adotou uma “comunidade de jogadores”, sendo o time dos argentinos do Millonarios o mais vitorioso do período.

Ressaltamos, que essas diferenças na popularização do esporte em cada local são efeitos da ressignificação que a prática esportiva produz em locais híbridos, tal como nos permite pensar Nestor Canclini (2015). A desvinculação do esporte original britânico, tal

como era o futebol ao chegar a terras cariocas e colombianas, se deu de diferentes formas nessas localidades, fruto do hibridismo cultural que é gerado a partir das particularidades que possuem cada objeto. No Rio de Janeiro, a ressignificação do futebol a partir do futebol se deu por um discurso nacionalista relacionado à questão "racial", enquanto na Colômbia o mesmo ocorreu a partir de um olhar para o "outro", nesse caso os craques estrangeiros que atuaram no país.

Assim, concluímos demonstrando que, a partir da profissionalização, o futebol pôde se tornar, pelas vias do espetáculo, um esporte popular no Rio de Janeiro e na Colômbia. Seja por um discurso nacionalista, como o ocorrido na capital do Brasil, ou pelo encontro com os estrangeiros, como no caso da Colômbia, cada localidade buscou, à sua maneira, construir suas identidades, inventar suas tradições e vivenciar aquele que se tornaria a maior paixão esportiva no contexto latino-americano, o futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao término do trabalho sem termos a pretensão de ter alcançado a verdade sobre os objetos aqui estudados e problematizados. Todavia, consideramos que alcançamos respostas para algumas das questões que nos propomos a responder que, sem dúvidas, poderão ser futuramente melhor analisadas, criticadas e debatidas.

Concluímos que o processo de profissionalização do futebol, tanto no Rio de Janeiro quanto na Colômbia, permitiu, pela via do espetáculo, que esse esporte se tornasse uma prática popularizada nas duas localidades. Entretanto, esse caminho se deu de forma distinta nos dois casos, tendo suas relações com a política, com a imprensa, com as entidades envolvidas e com o público/mercado, sido particular em cada localidade.

No Rio de Janeiro, a profissionalização se deu devido uma grande disputa pelo poder do futebol no país, ao qual tentamos esmiuçar nessa dissertação. O grupo dissidente buscou na profissionalização um caminho para retornar ao poder do esporte. Enquanto isso, o novo grupo de dirigentes que se encontrava no poder, agora próximos ao então governo Vargas, mantiveram o discurso amador como forma de não perderem o espaço conquistado.

Na Colômbia, os interesses iniciais pela profissionalização se deram por outras causas. Primeiramente, o país foi um dos últimos a realizar seu processo de saída do amadorismo no futebol, tendo ocorrido apenas em 1948 e sendo esse um motivo relevante. Além disso, dirigentes e empresários ligados aos clubes não viam projeções com a organização da então entidade amadora do futebol, tendo buscado assim a criação de uma outra liga (dessa vez profissional) como forma de se inserirem no mundo rentável que o futebol já se tornava pelo mundo.

Os percursos para se profissionalizar o futebol foram muitos e os efeitos geraram tensões em cada lado. No Rio de Janeiro, para além das questões apresentadas no decorrer da pesquisa, entendemos que a profissionalização permitiu, entre outros fatores, que o esporte se popularizasse, mesmo que inicialmente não fosse exatamente esse o motivo causador dos dissidentes ao criarem uma nova liga de futebol na cidade.

Porém, baseado em discursos nacionalistas, como os propostos por Gilberto Freyre e Mario Filho, se construiu uma base do esporte enquanto possível constituinte da “democracia racial” no Brasil, sendo os clubes cariocas, notadamente o Flamengo, figuras centrais nesse processo, em que o esporte se consolidava enquanto espetáculo. Assim, como plano de fundo de todos os embates, vimos nascer uma identidade pelo esporte, que provavelmente se

formaria mais lentamente, não fosse o profissionalismo gerado nessa década.

Na Colômbia, a peculiaridade se deu pelo fato da identidade pelo esporte surgida no país ter se formulado a partir não de um discurso construído sobre a nacionalidade colombiana, como foi o caso brasileiro, mas sim pelo olhar do "outro". Esse outro, no caso do *El Dorado* do futebol colombiano, foram os jogadores estrangeiros, que possibilitaram a formação de identidades clubistas, marcadas pelas nacionalidades dos atletas que chegavam ao país em cada time, que depois se entabularam em rivalidades e paixões de âmbito nacional. Mesmo quando tiveram que sair da Colômbia, sob os efeitos do Pacto de Lima, esses atletas já haviam semeado o suficiente para que o futebol se consolidasse enquanto uma modalidade popular, sinônimo de identidade para os colombianos.

Assim, chegamos nessa reta final ainda com muitas indagações e com a certeza de que muito ainda deve ser pesquisado e estudado para melhor entendermos os processos de profissionalização do futebol na América Latina. Todavia, saímos com a confirmação de que o cenário híbrido (CANCLINI, 2015) do continente produz ressignificações e particularidades culturais em cada caso, mesmo quando existem relações históricas em comum entre as localidades estudadas. Por isso, a comparação se fez importante enquanto abordagem metodológica, pois através dela se tornou possível não só compreendermos um pouco mais do futebol em determinados períodos das histórias do Rio de Janeiro e da Colômbia, mas também entendermos suas diferenças e semelhanças que, sem dúvidas, nos ajudaram a entender muito mais as particularidades de cada objeto.

REFERÊNCIAS

FONTES PESQUISADAS

Periódicos:

A Noite, Brasil (Janeiro de 1933 a dezembro de 1941).

Correio da Manhã, Brasil (Janeiro de 1933 a julho de 1937).

Diário de Pernambuco (Junho de 1938).

El Bateo, Colômbia (Janeiro de 1948 a maio de 1949).

El Colombiano, Colômbia (Janeiro de 1948 a dezembro de 1954).

El Espectador, Colômbia (Janeiro de 1948 a dezembro de 1954).

El Tiempo, Colômbia (Janeiro de 1948 a dezembro de 1954).

Jornal do Brasil, Brasil (Janeiro de 1933 a dezembro de 1941).

Jornal dos Sports, Brasil (Janeiro de 1933 a dezembro de 1941).

Última Hora, Brasil (Janeiro de 1933 a julho de 1934).

Documentos oficiais:

Decreto-lei Nº 3.199 de 14 de abril de 1941, publicado no DOU de 16/04/1941, p. 7453.

Decreto-Lei Nº 1.212, de 17 de abril de 1939, publicado no DOU de 20/04/1939, p. 9073.

Retificação do Decreto-Lei Nº 1.212, de 17 de abril de 1939, publicado no DOU de 27/04/1939, p. 9635.

Livros (Autobiografias, crônicas, entrevistas e livros escritos no período estudado):

AMALFI, Yeso. *Yeso Amalfi: o futebolista brasileiro que conquistou o mundo:* São Paulo: Editora Cla, 2009.

CASTRO, Alceu Mendes de Oliveira. *O futebol no Botafogo (1904-1950).* Rio de Janeiro: Gráfica Milone, 1951.

DE LOS RECUERDOS DE Fidel Casto: *El Bogotazo y Hemingway – entrevistas.* La Habana: Editora Política, 1984.

DI STÉFANO, Alfredo. *Gracias, vieja: las memorias del mayor mito del fútbol.* Madrid: Aguilar, 2000.

FREYRE, Gilberto. [1947]. *Prefácio*. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro.* Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

_____. *Foot-ball mulato*. In: *Diário de Pernambuco*, 18 de junho e 1938.

GAITÁN, Jorge Eliécer. *Escritos políticos.* Bogotá: El Ancora Editores, 1985.

LADRÓN DE GUEVARA, Pablo [1910]. *Novelista malos y Buenos juzgados en orden de naciones.* Bogotá: Planeta, 1998.

RODRIGUES FLHO, Mario [1945]. *Histórias do Flamengo.* 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

_____ [1947]. *O negro no futebol brasileiro.* 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

VARGAS, Getúlio. *Diário.* 2 V. São Paulo. São Paulo: Siliciano; Rio de Janeiro: FGV, 1995.
GOMES, Eduardo de Souza. *El Dorado: os efeitos do profissionalismo no futebol colombiano (1948-1951)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALMEIDA, Miguel Vale de. O Atlântico pardo: Antropologia, pós-colonialismo e o caso 'lusófono'. In: BASTOS, Cristiane; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela. *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 27-44.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BHABHA, Homi K. A questão outra. Introdução. In: SANCHES, Manuel Ribeiro (org.). *Deslocalizar a Europa*: antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade. Lisboa: Livros Cotovia, 2005, p. 143-166.

_____. *O local da cultura.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: _____. *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998, p. 119-150.

BOOTH, Douglas. Comparasion: expanding the evidence. In: _____. *The field: truth and fiction in sport history*. New York: Routledge, 2005, p. 127-242.

_____. From allusion to causal explanation: the comparative method in sports history.

International Sports Studies. v. 22, n. 2, p. 5-20, 2000.

BORGES, Vavy Pacheco. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 203-234.

BRÊTAS, Angela. *Nem só de pão vive o homem: criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária (1943-1945)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: _____. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim do século, 2003, p. 181-204.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BUSHNELL, David. *Colombia: una nación a pesar de si misma – nuestra historia desde los tempos pré-colombianos hasta hoy*. Bogotá: Planeta, 2012.

CACÚA PRADA, Antonio. *Historia del periodismo colombiano*. Bogotá: Imprenta Nacional, 1983.

CALDAS, Waldenyr. *Pontapé inicial: memoria do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: IBRASA, 1990.

CANCLINI, Néstor Gárcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez; O método comparativo na História. In: _____. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 409-419.

CASTRO, José de Almeida. *Histórias da Bola: 135 anos da história do futebol*. São Paulo: EDIPROMO, 1998.

CLARK, T.J. *A pintura da vida moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior ainda: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

DÁVILA, André; LONDOÑO, Catalina. La nación bajo un uniforme: fútbol y identidad nacional en Colombia, 1985-2000. In: ALABARCES, Pablo. *Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en America Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

DETIENNE, Marcel. *Comparar o incomparável*. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

DRUMOND, Maurício. O “dissídio esportivo” e o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1937). In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais. *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, p. 73-91.

_____. *Estado Novo e esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

_____. O esporte como política de Estado: Vargas. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor (orgs.). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009a, p. 213-244.

_____. A política no jornalismo esportivo: o Jornal do Brasil e o Jornal dos Sports no dissídio esportivo dos anos 30. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2010, Curitiba, *Anais*... Curitiba: Intercom/Universidade Positivo, 2009b, p. 1-14.

_____. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

_____. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 107-132.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo.* Rio de Janeiro: Vértice, 1988.

GOMES, Eduardo de Souza. Futebol às avessas: a profissionalização do futebol colombiano e a participação da seleção nacional no Campeonato Sul-Americano de 1949. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 1-23, 2015.

_____. *El Dorado: os efeitos do profissionalismo no futebol colombiano (1948-1951)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014a.

_____. O Brasil na Copa do Mundo de futebol de 1934: tensões entre amadorismo e profissionalismo e os efeitos do fracasso do *scratch* nacional. *Revista Contemporânea*, Niterói, v. 2, n. 4, p. 1-29, 2014b.

_____. História comparada do esporte na América latina: um olhar para a profissionalização do futebol no Brasil (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954). In: XV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio, 2014, Rio de Janeiro. *Anais*... Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2014c, p. 1-14.

_____. Esporte e profissionalização: o futebol e a formação de uma identidade nacional na Colômbia. In: QUITIÁN, David; CALDAS, Efraín; VILLAMIZAR, Guillermo; BUSTOS, Jorge (orgs.). *Naciones en campo: fútbol, identidades y nacionalismos en América Latina*. Armenia: Ed. Kinesis, 2014d, p. 257-270.

_____. Esporte, política e identidade nacional: efeitos do profissionalismo no futebol colombiano (1948-1951). *CAHistória*, Nova Iguaçu, v. 4, n. 4, p. 38-52, 2013.

GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais. *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras “connected histories”. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 175-195, 2001.

GUEDES, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni (orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, RJ: Intertexto, 2006, p. 127-146.

GUNNING, Tom. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001, p. 39-80.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 11-29.

HYLTON, Forrest. *A Revolução colombiana*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

LÓPEZ VÉLEZ, Luciano. *Detrás del balón: historia del fútbol en Medellín, 1910-1952*. Medellín: La Carreta Editores, 2004.

LIMA, Paulo Marcos de Mendonça (coord.). *Todas as Copas: 1930 a 2002*. Rio de Janeiro: Areté Editorial, 2006.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-154.

MALAIA, João. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. 2010. 501 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MELO, Victor Andrade de. Estudos do esporte, estudos africanos, estudos pós-coloniais: primeiros olhares. In: _____. *Jogos de identidade: o esporte em Cabo Verde*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011, p. 56-86.

_____. *Esporte e lazer: conceitos – uma introdução* histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. 1996. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.

MELO, Victor; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; MALAIA, João. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

MONJE, Camilo. Cafés y clubes: espacios de transitoria intimidad. In: BORJA GÓMEZ, Jaime; RODRÍGUEZ JÍMENEZ, Pablo (orgs.). *Historia de la vida privada en Colombia: Tomo II – Los signos de la intimidad, El largo siglo XX*. Bogotá: Taurus, 2011.

MONTEIRO, Renato de Araújo. O processo de profissionalização do futebol em Criciúma/SC (1948-1952). *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 1-31, 2014.

MORAES, Hugo da Silva. *Jogadas Insólitas: amadorismo e processo de profissionalização do futebol carioca (1922-1924)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 81-105.

NEVES, Marcos Eduardo. *Nunca houve um homem como Heleno.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

OLIVEIRA, Lucia Lippi de. O intelectual do DIP: Lourival Fontes e o Estado Novo. In: BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 37-58.

PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

PEPE, Braz Francisco; MIRANDA, Luiz Felipe; CARVALHO, Ney Oscar de. *Botafogo O Glorioso: uma história em preto e branco*. Petrópolis, RJ: Ed. Eletrônica e Fotolitos, 1996.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERES, José Carlos; CUNHA, Odir. *Dossiê unificação dos títulos brasileiros a partir de 1959: o documento que resgatou a história do futebol brasileiro*. Santos: Para Todos – José Carlos Peres, 2012.

PINHEIRO,Caio Lucas Morais. *A profissionalização do futebol cearense: História e memória*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

QUITIÁN ROLDÁN, David Leonardo. Deporte y modernidad en Colombia: una historia en clave de violencia. In: MELO, Victor Andrade (org.). *O esporte no cenário ibero-americano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015a, p. 27-37.

_____. Del invento inglés al criollismo patrio: el desarrollo del fútbol en Colombia. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (orgs.). *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Multifoco,2015b, p. 295-316.

_____. Deporte y modernidad: caso Colombia. *Revista Colombiana de Sociologia*, Bogotá, v. 36, n. 1, p. 19-42, 2013.

RACINES, Rafael Jaramillo. El fútbol de El Dorado: "El punto de inflexión que marcó la rápida evolución del 'amaterismo' al 'profesionalismo'. *Revista da ALESDE*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 111-128, 2011a.

_____. El Dorado: de los sectarismos partidistas a los sectarismos futebolísticos. In: D'AMICO, Rosa; OROPEZA, Rebeca; RAMOS, Argerina (editores). *Actividad físico-corporal, deporte, sociedade y crítica social*. Maracay: ALESDE, 2011b, p. 266-277.

RAMÍREZ, Alberto Galvis. *100 años de fútbol en Colombia*. Bogotá: Planeta, 2008.

RUIZ BONILLA, Guillermo. *La gran historia del fútbol profesional colombiano: 60 años de logros, hazañas y grandes hombres*. Bogotá: Ed. DAYSCRIPT, 2008.

RUIZ PATIÑO, Jorge Humberto. *La política del sport: elites y deporte en la construcción de la nación colombiana, 1903-1925*. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Políticos) – Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2009.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Entre "Rivais": futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

SANTOS, Daniel de Araujo dos. *Futebol e política: a criação do campeonato nacional de clubes de futebol*. 2012. 150 f. (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS CALDERÓN, Enrique. "El periodismo en Colombia. 1886-1986". In: *Nueva historia de Colombia*. Bogotá: Planeta, 1989, p. 109-136.

SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge dos. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 109-164.

SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: Releitura da história oficial*. 1998. 336 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.

URIBE, María Teresa; ALVAREZ GAVIRIA, Jesús María. *Cien años de prensa en Colombia. 1840-1940*. Medellín: Ed. Universidad de Antioquia, 2002.

VAN DIJK, Teun. Ideología y análisis del discurso. *Utopía y práxis latino-americana*,

Maracaibo, Ano 10, n. 29, p. 9-36, 2005.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

WEBER, Max. *Sociologia (Coleção Grandes Cientistas Sociais Nº13)*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

_____. A nação. In: *Ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1982, p. 201-210.

ZULUAGA CEBALLOS, Guillermo. *"Empatamos 6 a 0": fútbol en Colombia (1900-1948)*. Pasto: Divegráficas, 2005.